UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS: ESTUDOS DA LINGUAGEM

ALEXANDRE EMANUEL ALVES DA SILVA

A VARIAÇÃO PRONOMINAL *NÓS* E *A GENTE* NO FALAR DE IPATINGA - MG

Mariana (MG)

2021

ALEXANDRE EMANUEL ALVES DA SILVA

A VARIAÇÃO PRONOMINAL *NÓS* E *A GENTE* NO FALAR DE IPATINGA - MG

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos da Linguagem, do Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras: Estudos da Linguagem

Linha de Pesquisa: Linguagem e Memória Cultural

Orientador: Prof. Dr. Clézio Roberto Gonçalves (UFOP)
Coorientador: Prof. Dr. Valter de Carvalho Dias (IFBA)

Mariana (MG)

2021

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

S586v Silva, Alexandre Emanuel Alves da.
A variação pronominal nós e a gente no falar de Ipatinga - MG. [manuscrito] / Alexandre Emanuel Alves da Silva. - 2021.
148 f.: il.: color., gráf., tab., mapa.

Orientador: Prof. Dr. Clézio Roberto Gonçalves.
Coorientador: Prof. Dr. Valter de Carvalho Dias.
Dissertação (Mestrado Acadêmico). Universidade Federal de Ouro Preto. Departamento de Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos da Linguagem.
Área de Concentração: Estudos da Linguagem.

1. Sociolinguística. 2. Linguagem e línguas - Variação. 3. Pronomes. 4. Análise linguística. I. Dias, Valter de Carvalho. II. Gonçalves, Clézio Roberto. III. Universidade Federal de Ouro Preto. IV. Título.

CDU 81'27

Bibliotecário(a) Responsável: Edna da Silva Angelo - CRB6 2560

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
REITORIA
INSTITUTO DE CIENCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE POS-GRADUACAO EM LETRAS

FOLHA DE APROVAÇÃO

Alexandre Emanuel Alves da Silva

"A VARIAÇÃO PRONOMINAL NÓS E A GENTE NO FALAR DE IPATINGA (MG)"

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos da Linguagem da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras: Estudos da Linguagem.

Aprovada em 28 de setembro de 2021

Membros da banca

Prof. Dr. Clézio Roberto Gonçalves - Orientador - Universidade Federal de Ouro Preto - UFOP
Profa. Dra. Kassandra da Silva Muniz - Universidade Federal de Ouro Preto - UFOP
Profa. Dra. Marília Silva Vieira - Universidade Estadual de Goiás - UEG

Prof. Dr. Clézio Roberto Gonçalves, orientador do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito no Repositório Institucional da UFOP em 28/09/2021.

Documento assinado eletronicamente por **Clezio Roberto Goncalves**, **PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 31/03/2022, às 18:40, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.

A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0 , informando o código verificador **0225665** e o código CRC **809CF8CC**.

R. Diogo de Vasconcelos, 122, - Bairro Pilar Ouro Preto/MG, CEP 35400-000
Telefone: - www.ufop.br

Para os mineiros
e para aqueles
a quem devo tudo,
meu pai e minha mãe.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, a Deus pelo dom da vida, pela oportunidade de conhecer pessoas maravilhosas e pelo potencial de aprender sempre um pouco mais.

Agradeço aos meus pais por todo o apoio. Este trabalho se deve a vocês. Aos meus queridos avós. A todos os meus tios e primos. Para mim, vocês são motivo indescritível de honra e orgulho.

Agradeço ao Clézio Gonçalves pela rica aprendizagem proporcionada durante esses dois longos anos, que teve como foco a dedicação e a coragem. Agradeço por ter tido uma orientação cuidadosa e indispensável. Sem você, este trabalho não teria ido para frente. Agradeço também pela confiança, pela paciência, pela compreensão e pela empatia em todos os momentos.

Agradeço ao Valter Dias por eu ter aprendido mais sobre valores como atenção, disciplina e flexibilidade. Agradeço também pela coorientação marcada por observações apuradas e criteriosas. Sem isso, eu não poderia ter avançado e crescido enquanto pesquisador.

Agradeço à Kassandra Muniz pelas ilustres contribuições iniciais e posteriores, que se mostraram singulares e fundamentais para o desenvolvimento e a conclusão deste estudo.

Agradeço à Marília Vieira pelas valiosas observações e sugestões posteriores, que contribuíram bastante para a finalização deste trabalho.

Agradeço à UFOP pela minha formação e pelo constante apoio. Agradeço à CAPES pelo incentivo e por possibilitar a realização deste estudo. Agradeço também a todos os professores e colaboradores que compõem essas instituições por fazerem sempre o seu melhor para elas serem o que são.

Agradeço aos participantes da pesquisa, que voluntariamente doaram seu tempo e fizeram parte deste trabalho, e a todos os meus conterrâneos. Agradeço, em especial, à Tatiana Dorneles, e também à Lenice Givisiez, ao Brainer Mudesto, ao Walter Lima, à Helena Oliveira e ao Otávio Coelho. Obrigado por tudo.

Agradeço aos amigos e amigas que conheci no período da faculdade e que me inspiraram ao longo da caminhada. Em especial, ao Danilo Ferreira, à Fernanda Fernandes, à Suelen Silva, à Mariana Mendes, à Regina Correa, à Juliane Borba, à Amanda Gomes e à Raffaela Andrade. Obrigado pela parceria. Vocês são especiais.

E, por fim, agradeço a todos aqueles que por falha minha de memória não foram mencionados. Gratidão.

Grande coisa é haver recebido do céu
uma partícula da sabedoria,
o dom de achar as relações das coisas,
a faculdade de as comparar
e o talento de concluir!
(Machado de Assis)

SILVA, Alexandre Emanuel Alves da. **A variação pronominal *nós* e *a gente* no falar de Ipatinga – MG.** 2021. 148 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2021.

RESUMO

Este estudo investiga a variação dos pronomes de primeira pessoa do plural *nós* e *a gente* na função sintática de sujeito no português brasileiro falado na área urbana do município de Ipatinga (MG). O *corpus* utilizado para essa tarefa é constituído por dados do falar de moradores da localidade em estudo, coletados no primeiro semestre do ano de 2020. A abordagem teórica adotada aqui é a sociolinguística variacionista (LABOV, [1972] 2008), tendo como objetivo geral: analisar a variação pronominal *nós* e *a gente* no falar de Ipatinga (MG). Já os objetivos específicos são: (i) descrever quais fatores linguísticos condicionam a variação *nós* e *a gente* em diferentes faixas etárias; (ii) descrever quais fatores extralinguísticos condicionam a variação *nós* e *a gente* em diferentes faixas etárias; (iii) verificar se o fenômeno em questão revela um processo de mudança linguística em progresso ou um processo de variação estável. Este trabalho tem como hipóteses: (i) a forma *a gente* é mais utilizada pelos falantes mais jovens, apresentando diminuição de ocorrência à medida que se eleva a faixa etária; (ii) o uso da forma *nós* como sujeito implícito seguido de verbo com a marca morfêmica *-mos* é maior no falar de sujeitos com formação universitária; (iii) a variável referência indeterminada do sujeito contribui para a ocorrência de uso da forma *a gente*. Buscamos também propor um diálogo entre os resultados aqui obtidos e outros com temática similar (ARAÚJO, 2016; DEON, 2015; SANTANA, 2014; NASCIMENTO, 2013; GONÇALVES, 2003; FRANCESCHINI, 2011; MENDONÇA, 2010), bem como confirmar ou não nossas hipóteses, a fim de compreender melhor o fenômeno abordado. Para avaliar o fenômeno de variação, partimos de uma análise quantitativa dos dados, os quais foram coletados por meio de narrativas na modalidade oral, gravadas em fala casual e espontânea (LABOV, [1972] 2008). Ao tratar do fenômeno, propomos o estudo das variáveis linguísticas e variáveis extralinguísticas em que ele se materializa. Por isso, de maneira geral, este estudo tem como variáveis linguísticas: o preenchimento do sujeito, a marca morfêmica e a determinação do referente. Já como variáveis extralinguísticas, adotamos: sexo/gênero, faixa etária e grau de escolaridade. Devido à natureza do estudo, utilizamos o programa *GoldVarb X* (SANKOFF, TAGLIAMONTE, SMITH, 2005) para a análise quantitativa dos dados recolhidos. Por fim, o resultado geral indicou que a forma inovadora *a gente* (70,7%) é mais usada do que a forma conservadora *nós* (29,3%). Além disso, com os demais resultados, concluímos que a forma *a gente* é a mais favorecida e utilizada na maioria dos contextos linguísticos e extralinguísticos, e que a variação *nós* e *a gente* se trata de um processo de mudança linguística em progresso no município de Ipatinga (MG).

PALAVRAS-CHAVE: Sociolinguística variacionista. Variação linguística. Variação pronominal. *Nós* e *A gente*. Falar urbano.

SILVA, Alexandre Emanuel Alves da. **A variação pronominal *nós* e *a gente* no falar de Ipatinga – MG.** 2021. 148 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2021.

ABSTRACT

This study investigates the first-person plural variation *nós* and *a gente* in the syntactic function of subject in Brazilian Portuguese spoken in the urban area of the city of Ipatinga, Minas Gerais, Brazil. The corpus used for that task is constituted by data from the speech of residents of the city in study, collected in the first semester of 2020. The theoretical approach adopted here is variationist sociolinguistics (LABOV, [1972] 2008), having as general objective: to analyze the pronoun variation *nós* and *a gente* in the speech of Ipatinga (MG). The specific objectives are: (i) to describe which linguistic factors condition the variation *nós* e *a gente* in different age groups; (ii) to describe which extralinguistic factors condition the variation *nós* e *a gente* in different age groups; (iii) to verify whether the present phenomenon reveals a process of change in progress or a process of stable variation. This work considers as hypotheses: (i) the form *a gente* is more used by the younger speakers, showing a decrease in occurrences as the age range increases; (ii) the use of the form *nós* as implied subject followed by verb with the morpheme *-mos* is greater in the speech of subjects with college degree; (iii) the variable indeterminate reference of the subject contributes for the occurrence of use of the form *a gente*. We also seek to propose a dialogue between the results obtained here and others with a similar theme (ARAÚJO, 2016; DEON, 2015; SANTANA, 2014; NASCIMENTO, 2013; GONÇALVES, 2003; FRANCESCHINI, 2011; MENDONÇA, 2010), as well as to confirm or not our hypotheses, in order to better understand the phenomenon approached. To assess the phenomenon of variation, we started with a quantitative analysis of the data, which were collected through narratives in oral modality, recorded in casual and spontaneous speech (LABOV, [1972] 2008). When dealing with the phenomenon, we propose the study of linguistic variables and extralinguistic variables in which it materializes. Therefore, in general, this study has as linguistic variables: subject realization, morpheme mark and type of referent. As extralinguistic variables, we adopted: sex/gender, age group and education level. Due to the nature of the study, we used the *GoldVarb X* program (SANKOFF, TAGLIAMONTE, SMITH, 2005) for the quantitative analysis of the collected data. Finally, the overall result indicated that the innovative form *a gente* (70.7%) is more used than the conservative form *nós* (29.3%). In addition, with the other results, we conclude that the form *a gente* is the most favored and used in most linguistic and extralinguistic contexts, and that the variation *nós* and *a gente* is a process of change in progress in the city of Ipatinga (MG).

KEYWORDS: Variationist Sociolinguistics. Language variation. Pronoun variation. *Nós* and *A gente*. Urban speech.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Município de Ipatinga - MG 52

Figura 2 – Mapa de Minas Gerais..... 53

Figura 3 – Mapa da região metropolitana do Vale do Aço..... 53

Figura 4 – Tela inicial do programa *GoldVarb X* 57

Figura 5 – Mapa de Ipatinga – MG 116

Figura 6 – Parque Ipanema 117

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Distribuição percentual geral do emprego das formas *nós* e *a gente*..... 71

Gráfico 2 – Efeito da variável preenchimento do sujeito em peso relativo no emprego das formas *nós* e *a gente*..... 74

Gráfico 3 – Cruzamento entre o preenchimento do sujeito e o grau de escolaridade no emprego da forma *nós*..... 76

Gráfico 4 – Efeito da variável faixa etária em peso relativo no emprego das formas *nós* e *a gente* 79

Gráfico 5 – Cruzamento entre a faixa etária e o grau de escolaridade no emprego da forma *nós* 82

Gráfico 6 – Efeito da variável sexo/gênero em peso relativo no emprego das formas *nós* e *a gente* 86

Gráfico 7 – Cruzamento entre o sexo/gênero e o grau de escolaridade no emprego da forma *nós*..... 88

Gráfico 8 – Cruzamento entre o sexo/gênero e a faixa etária no emprego da forma *nós*..... 90

Gráfico 9 – Efeito da variável determinação do referente no emprego das formas *nós* e *a gente* 93

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Quadro pronominal de Cegalla (2009) 35

Quadro 2 – Codificação das variáveis 67

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Delimitação dos participantes da pesquisa 56

Tabela 2 – Efeito da variável preenchimento do sujeito no emprego das formas *nós* e *a gente* 75

Tabela 3 – Cruzamento entre o preenchimento do sujeito e o grau de escolaridade no emprego das formas *nós* e *a gente* 77

Tabela 4 – Efeito da variável faixa etária no emprego das formas *nós* e *a gente* 80

Tabela 5 – Cruzamento entre a faixa etária e o grau de escolaridade no emprego das formas *nós* e *a gente* 83

Tabela 6 – Efeito da variável sexo/gênero no emprego das formas *nós* e *a gente* 86

Tabela 7 – Cruzamento entre o sexo/gênero e o grau de escolaridade no emprego das formas *nós* e *a gente* 89

Tabela 8 – Cruzamento entre o sexo/gênero e a faixa etária no emprego das formas *nós* e *a gente* 91

Tabela 9 – Efeito da variável determinação do referente no emprego das formas *nós* e *a gente* 94

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

APLIC.	aplicação
F1	faixa etária 1
F2	faixa etária 2
F3	faixa etária 3
GN	gramática(s) normativa(s)
INQ	inquérito
N.	número
PB	português brasileiro
P.R.	peso relativo
SN	sintagma nominal
1PP	primeira pessoa do plural
3PS	terceira pessoa do singular

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO **15**

CAPÍTULO 1: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA **21**

1.1 Sociolinguística variacionista **21**

1.2 As formas *nós* e *a gente* na norma-padrão **28**

1.3 Uso das formas *nós* e *a gente* **37**

1.4 Trabalhos sobre a variação pronominal *nós* e *a gente* **40**

CAPÍTULO 2: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS **51**

2.1 Panorama histórico-geográfico da Ipatinga – MG **52**

2.2 Coleta de dados **54**

2.3 Perfil dos participantes da pesquisa **55**

2.4 Ferramenta estatística **57**

2.5 Variáveis **58**

2.5.1 Variável dependente 58

2.5.2 Variáveis independentes 59

2.5.3 Panorama geral 67

CAPÍTULO 3: ANÁLISES DOS DADOS **69**

3.1 Preenchimento do sujeito **72**

3.2 Faixa etária **78**

3.3 Sexo/Gênero **85**

3.4 Determinação do referente **92**

CAPÍTULO 4: CONSIDERAÇÕES FINAIS **96**

REFERÊNCIAS **101**

APÊNDICES **106**

APÊNDICE A – Codificação das variáveis **107**

APÊNDICE B – Ficha informativa **108**

APÊNDICE C – Roteiro das entrevistas 111

APÊNDICE D – Termo de consentimento livre e esclarecido 112

ANEXOS 115

ANEXO A – Figuras 116

ANEXO B – Resultados estatísticos 118

INTRODUÇÃO

Este estudo investiga a variação dos pronomes de primeira pessoa do plural (1PP) *nós* e *a gente* na função sintática de sujeito no português brasileiro (PB) falado na área urbana do município de Ipatinga, no interior do estado de Minas Gerais. O *corpus* utilizado para essa tarefa é constituído por dados do falar de moradores da localidade em estudo, coletados no primeiro semestre do ano de 2020. A abordagem teórica adotada aqui é a sociolinguística variacionista. Já o programa estatístico utilizado para a quantificação dos dados é o *GoldVarb X*.

A variação linguística na 1PP é um fenômeno característico do PB, dado a existência de mais de um pronome para o uso linguístico dos falantes, a saber os pronomes *nós* e *a gente*. Comparativamente, enquanto o primeiro pronome, *nós*, está presente na língua desde a estabilização do português moderno e seu emprego no Brasil, o último, *a gente*, possui registros mais recentes, datados principalmente nas últimas décadas (LOPES, 1999; OMENA, 1996). Assim, apesar de carregarem o mesmo sentido, ambos possuem peculiaridades em seu comportamento sintagmático.

A sociolinguística variacionista, também conhecida como quantitativa ou laboviana, busca a compreensão dos fenômenos linguísticos sob o prisma da variação e da mudança linguísticas. Desde a fundação da linguística, diversos paradigmas teóricos para se entender a língua têm sido explorados, tais como o estruturalismo, o gerativismo e o funcionalismo, por exemplo. Porém, é a partir da teoria variacionista, com origem no nascimento da disciplina sociolinguística, tendo como maior expoente Labov, que o foco do exame linguístico se desloca para o caráter heterogêneo da língua (WEINREICH, LABOV, HERZOG [1975] 2006).

Dentre do escopo variacionista, alguns pressupostos teóricos são estipulados, a fim de se melhor lidar com seu objeto de estudo que é a língua em uso, seja em sua modalidade oral e escrita, seja nos diferentes estilos de fala de que se servem os usuários da língua. Neste estudo, retomamos os conceitos de variação e mudança (LABOV, [1972] 2008; WEINREICH, LABOV, HERZOG, [1975] 2006), bem como o de norma e seus derivados (BAGNO, 2003; BORTONI-RICARDO, 2004; FARACO, 2008). Nesse ponto, a escolha por esses conceitos se explica por conta da tentativa, aqui delineada, de reflexão acerca do fenômeno em questão e de interpretação dos dados de nossa amostra. Dessa maneira, essas e outras noções definem nossa preferência pela abordagem variacionista neste trabalho.

Conforme literatura da área, a variação pronominal *nós* e *a gente* tem sido amplamente estudada por diversos autores em diferentes regiões e localidades do Brasil. Por isso, iniciamos nossa investigação em diálogo com estudos já realizados na área, entendendo que seu

componente inovador não está no tema da pesquisa, mas sim em sua aplicação na localidade mencionada. No caso deste trabalho, fizemos a seleção teórica de diferentes autores que estudaram a temática da variação pronominal de 1PP. Assim, optamos por retomar alguns estudos datados nas últimas décadas. Alguns dos trabalhos escolhidos foram Araújo (2016), Deon (2015), Franceschini (2011) e Santana (2014), entre vários outros a que tivemos acesso.

Segundo Zilles (2002), a origem da forma *a gente*, um sintagma nominal (SN), como alternativa à forma *nós*, um pronome, remonta a alguns séculos atrás no português. Isso se explica quando, em um determinado momento na história da língua, houve a supressão desse sentido na expressão indeterminada *homem* e seu redirecionamento à expressão *gente*: "Essa mudança provavelmente começou no século XVI com o declínio do uso de *homem/ome* e o aumento do uso de *gente* como uma expressão indeterminada com significado genérico" (ZILLES, 2002, p. 297, tradução nossa).[1]

De acordo com a autora, com essa mudança no uso de *homem* para *gente*, surge no século XIX a forma *a gente*, que começa a dar indícios de sua característica como pronome pessoal, após ter passado pelo processo de gramaticalização (ZILLES, 2002, p. 298). Ou seja, a forma *a gente*, um SN derivado do nome ou substantivo *gente*, agora possui sentidos similares ao pronome *nós* e se manifesta gramaticalmente como um pronome (*gente* > *a gente*)[2].

Com isso, acabamos por ver que a forma *a gente* já é percebida pelos falantes como pertencente ao sistema pronominal da língua portuguesa. No entanto, mesmo assim, a forma *a gente* ainda continua sendo vista com ressalvas e tratada como anomalia em muitas gramáticas, dicionários e materiais didáticos do PB. Sua inclusão parece não ter sido percebida por esses materiais ou, ao menos, é evitada. De acordo com Vitório (2017):

> O quadro tradicional de pronomes apresentado na maior parte das gramáticas brasileiras e na maioria dos manuais didáticos que servem de modelo para o ensino de língua portuguesa elege apenas o pronome reto *nós*, os pronomes oblíquos *nos* e *conosco* e os pronomes possessivos *nosso(a)(s)* para a referência à primeira pessoa do plural. O pronome *a gente* e suas variantes, consagrados pelo uso linguístico, parecem em notas de rodapé ou comentários adicionais, relacionados sempre ao uso da linguagem coloquial [...]. (VITÓRIO, 2017, p. 123-124, grifos da autora).

[1] "This shift probably began in the 16th century with the decline in the use of *homem/ome* ('man' in English) and the rise in the use of *gente* as an indeterminate expression with generic meaning" (ZILLES, 2002, p. 297, grifos da autora).

[2] Esse fenômeno pode ser encontrado de maneira semelhante em outras línguas. Um exemplo disso é o pronome francês *on*, derivado do substantivo *homme* (homem, em francês), o qual possui sentidos similares ao pronome *a gente* da língua portuguesa (LAROUSSE, 2020).

Por esse motivo, propomos aqui investigar também como o pronome *a gente* é abordado mais recentemente em alguns compêndios de gramática (BECHARA, 2009; CEGALLA, 2009; LIMA, 2011) e dicionários (AULETE, 2020; FERREIRA, 2010; MICHAELIS, 2020) do PB, sendo esses de orientação prescritiva.

A forma *nós* possui uma concordância verbal peculiar, qual seja a de ser sucedida por desinência número-pessoal ou morfema conhecido como terminação de 1PP. Já a forma *a gente* não possui tal terminação própria, recebendo, por isso, verbos com desinência ou morfema conhecida como de terceira pessoa do singular (3PS)[3]. Esse fato, como veremos neste estudo, traz implicações no uso linguístico dos falantes do PB, que acaba por favorecer a variação linguística.

Dentro do panorama variação, incluímos também a mudança linguística. No caso do sistema pronominal do PB, poderíamos especular se há uma mudança de escolha dos falantes da forma *nós* para a forma *a gente*, ou não. Neste estudo, essa questão será respondida com o registro de fala da comunidade estudada.

A variação linguística por si só pode ser indício de mudança em uma língua ou não. Ao tratar-se da variação pronominal, podemos dizer que ora haveria uma convivência entre duas formas, ora a supressão de uma e a manutenção de outra. Conforme Maia (2009) salienta:

> Uma variação pode manter-se estável ou evoluir para uma *mudança em progresso.* No segundo caso, a variação tem maiores índices de realização nos grupos sociais centrais, resultando em representações gráficas de padrão curvilíneo. Além disso, os falantes mais jovens tendem a realizar a variante inovadora mais frequentemente que os falantes mais velhos (evidência de *tempo aparente*). A essas duas evidências, Faixa Etária e Padrão Curvilíneo, associa-se a observação das transformações ocorridas ao longo do tempo, denominada evidência de *tempo real*. Se há *variação estável*, uma variante ocorre mais nas classes mais altas, e a outra variante ocorre mais nas classes mais baixas. (MAIA, 2009, p. 49, grifos da autora).

Assim, uma variação linguística pode ser classificada em variação estável, caso a ocorrência de duas formas são alternadas em diferentes faixas etárias. Ou essa variação pode indicar uma mudança em progresso, que é quando uma forma anula a outra, vindo a causar sua

[3] As formas *nós* e *a gente* podem ser expressas foneticamente de diferentes maneiras por parte dos falantes do PB, tal qual demonstra Freitag (2016): "[...] A forma *nós* pode ser realizada como [nɔɪs] ou [nɔs], com ditongação, e a forma *a gente* pode ser realizada como [aʒẽtʃɪ] ou [aʒẽtɪ], ou [ahẽtɪ] ou [ahẽtʃɪ] [...]" (FREITAG, 2016, p. 902). Vale ressaltar, no entanto, que algumas dessas realizações fonéticas são mais geograficamente situadas, não abrangendo todo o território nacional. No caso das realizações fonéticas da forma *nós*, seria mais comum encontrarmos ambas as realizações, [nɔɪs] ou [nɔs], em todo o falar do PB. Já as realizações da forma *a gente* com consoante aspirada [h], [ahẽtɪ] ou [ahẽtʃɪ], não seriam, pois sua ocorrência é mais comum em localidades específicas, a saber algumas comunidades de fala da região Nordeste brasileira, por exemplo.

substituição no futuro. A busca por compreender qual desses dois tipos variação ocorre em Ipatinga (MG) é um dos objetivos deste trabalho.

Consideramos aqui que a alteração no paradigma dos pronomes levaria ao empobrecimento da morfologia dos verbos. Essa hipótese é defendida por Lopes (1999), Menon (1996, 1995), Omena (2003) e Zilles (2002). Já outros autores sustentam o contrário, que alterações na morfologia dos verbos levariam à mudança no paradigma dos pronomes. Um dos autores que defendem essa hipótese é Maia (2009), que tem como base o estudo de Abraçado (1991).

Tendo em mente as consideração até agora levantadas, consideramos como objetivo geral deste estudo: analisar a variação pronominal *nós* e *a gente* no falar de Ipatinga (MG). Além disso, elencamos como objetivos específicos: (i) descrever quais fatores linguísticos condicionam a variação *nós* e *a gente* em diferentes faixas etárias; (ii) descrever quais fatores extralinguísticos condicionam a variação *nós* e *a gente* em diferentes faixas etárias; (iii) verificar se o fenômeno em questão revela um processo de mudança linguística em progresso ou um processo de variação estável.

Além dos objetivos, consideramos também como hipóteses, que norteiam as nossas análises, os seguintes pontos: (i) a forma *a gente* é mais utilizada pelos falantes mais jovens, apresentando diminuição de ocorrência à medida que se eleva a faixa etária; (ii) o uso da forma *nós* como sujeito implícito seguido de verbo com a marca morfêmica *-mos* é maior no falar de sujeitos com formação universitária; (iii) a variável referência indeterminada do sujeito contribui para a ocorrência de uso da forma *a gente*.

A escolha temática da pesquisa se insere na linha de pesquisa Linguagem e Memória Cultural, devido a sua especificidade de estudo, que trata da reflexão em torno da variação e mudança linguísticas, fazendo-se um registro sobre a memória linguística e os usos linguísticos na região do Vale do Aço (MG). Por isso, essa reflexão, além de trazer discussão sobre aspectos linguísticos, culturais e sociais da região leste do estado de Minas Gerais, pode também contribuir com pesquisas voltadas à memória cultural e ao falar regional de Ipatinga (MG).

Além disso, o arcabouço teórico e a metodologia de pesquisa sociolinguística variacionista ou laboviana foram escolhidos por privilegiarem especificamente questões relacionadas aos aspectos sociais e linguísticos do falar regional de Ipatinga (MG), ainda não explorados, uma vez que não foram encontrados registros de pesquisa acerca dessa temática na região do Vale do Aço (MG). Com isso, buscamos ampliar os estudos sobre a diversidade na fala mineira, em especial da variação pronominal *nós* e *a gente* na comunidade da fala investigada.

Ao delimitarmos o campo de coleta dos dados, escolhemos participantes de todo o município. O número de participantes, 12, e os fatores extralinguísticos, tais como a divisão em sexo/gênero, faixa etária e grau de escolaridade, correspondem à metodologia proposta por Labov ([1972] 2008), que inclui o estudo de fatores de ordem linguística e extralinguística, isto é, fatores que estão fora da língua e no meio social. Tal seleção, portanto, é justificável por fazer parte da chamada estratificação social, que caracteriza o tipo de estudo realizado pela sociolinguística variacionista.

Buscamos também propor um diálogo entre os resultados aqui obtidos e outros de tema similar (ARAÚJO, 2016; DEON, 2015; GONÇALVES, 2003; NASCIMENTO, 2013; OLIVEIRA, 2017; SANTANA, 2014; SILVA, 2013; TAVARES, 2014; VIEIRA, 2014), bem como confirmar ou não nossas hipóteses iniciais, a fim de compreender melhor o fenômeno abordado.

Para avaliar o fenômeno de variação, partimos de um análise quantitativa dos dados, os quais foram coletados por meio de narrativas na modalidade oral gravadas em fala casual e fala espontânea (LABOV, [1972] 2008). Em outras palavras, procuramos ter uma menor intervenção do documentador e uma maior autonomia por parte dos participantes.

Ao tratar do fenômeno, a variação pronominal *nós* e *a gente* na função sintática de sujeito, propomos o estudo das variáveis linguísticas e variáveis extralinguísticas em que ele se materializa. Por isso, de maneira geral, para o fenômeno abordado, este estudo teve como variáveis linguísticas: o preenchimento do sujeito, a marca morfêmica e a determinação do referente. Já como variáveis extralinguísticas, adotamos: sexo/gênero, faixa etária e grau de escolaridade.

No fator linguístico, preenchimento do sujeito, procuramos identificar se o sujeito era preenchido ou nulo, isto é, se havia a presença explícita das formas *nós* e *a gente* ou não. No segundo fator, marca morfêmica, buscamos evidenciar o tipo de morfema presente nos verbos ligados às formas variantes *nós* e *a gente*, se morfema *-mos* de 1PP ou morfema zero (ø) de 3PS. Por último, no fator determinação do referente, procuramos se o referente dos pronomes era definido ou indefinido. Já os fatores extralinguísticos se dividiram em: sexo/gênero, se homem ou mulher; faixa etária, F1 – 15 a 30 anos, F2 – 31 a 46 anos, F3 – 47 anos ou mais; e grau de escolaridade, se apenas Ensino Médio completo ou Ensino Superior completo.

Devido à natureza do estudo, utilizamos o programa *GoldVarb X* (SANKOFF, TAGLIAMONTE, SMITH, 2005), um *software* de tratamento de dados e análises estatísticas, a fim de realizarmos a análise quantitativa dos dados recolhidos. Assim, a partir da amostra, fizemos as análises dos dados coletados.

A divisão deste trabalho se dá em capítulos, a saber: 1 Fundamentação teórica, 2 Procedimentos metodológicos, 3 Análises dos dados, 4 Considerações finais. Ao final, estão também as Referências, os Apêndices e os Anexos.

O capítulo 1, Fundamentação teórica, apresenta a abordagem sociolinguística aqui adotada e também alguns conceitos relevantes para se entender este estudo. Além disso, discutimos o tratamento de alguns dicionários e gramáticas dado às formas *nós* e *a gente* e procuramos entender o estado da variação pronominal dessas formas em estudos anteriores da área.

No capítulo 2, Procedimentos metodológicos, exibimos de maneira detalhada a metodologia que utilizamos para a composição do *corpus*, a análise dos dados e o programa de quantificação.

No capítulo 3, Análises dos dados, fazemos as análises do dados coletados, por meio de gráficos e tabelas. Em seguida, em 4 Considerações finais, trazemos as conclusões a que chegamos neste estudo.

Por fim, nas Referências, indicamos o arcabouço teórico aqui utilizado. Já nos Apêndices e nos Anexos, estão a codificação das variáveis, a ficha informativa utilizada, o roteiro das entrevistas, algumas figuras e os resultados gerados pelo programa estatístico.

CAPÍTULO 1: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Apresentaremos, neste capítulo, as principais noções teóricas que fundamentam nosso estudo acerca da variação pronominal *nós* e *a gente*. Para isso, dividimos o tema em quatro tópicos. O primeiro traz a área de conhecimento em que a variação e a mudança linguísticas se inserem junto de seus principais conceitos. O segundo tópico busca encontrar a visão da norma-padrão brasileira sobre as formas variantes através de definições levantadas por dicionários e gramáticas prescritivas. No terceiro, abordamos alguns estudos sobre o uso da formas *nós* e *a gente* no PB, e, no último, os resultados de trabalhos mais recentes sobre essa variação pronominal.

1.1 Sociolinguística variacionista

Nesta seção, procuramos indicar a área na qual baseamos nosso trabalho com a variação dos pronomes *nós* e *a gente*, assim como pretendemos destacar conceitos que consideramos essenciais para o tratamento da variação linguística.

Como sabemos, a variação e a mudança linguísticas são fenômenos presentes em todas as línguas naturais. Sua constatação, nos estudos linguísticos, se demonstra principalmente no campo da sociolinguística, mais especificamente, da sociolinguística variacionista, ou sociolinguística quantitativa, e também sociolinguística laboviana, a qual tem por base principal a Teoria da Variação e da Mudança Linguística (WEINREICH, LABOV, HERZOG, [1975] 2006). Por meio dessa teoria, torna- se viável aos estudiosos da linguagem compreender de maneira mais palpável o percorrer social e linguístico desses fenômenos.

A Teoria da Variação e da Mudança Linguística é uma das teorias oriundas do campo da ciência linguística, cuja origem se baseia nos estudos do linguista norte-americano William Labov. Sua proposição tem, entre outros elementos, a inovadora associação de pressupostos sociológicos com as análises sincrônica e diacrônica das línguas naturais, em uma engendrada metodologia de pesquisa.

Com o nascimento da linguística moderna, consagrado ao suíço Ferdinand de Saussure, diversas dicotomias de análise estrutural são dispostas, sendo uma delas *langue* (língua) e *parole* (fala). Para Saussure, a *langue* seria o objeto singular de pesquisa da linguística. Por ser coletiva e homogênea, ela poderia ser utilizada como parâmetro pelos

linguistas, e não a *parole*, pois essa última diria mais respeito a questões de ordem particular dos falantes, sendo imprecisa e sujeita a alterações (LABOV, [1972] 2008, p. 217).

Ao tratar de Saussure, Labov postula o paradoxo saussuriano, proveniente da divisão entre *langue* e *parole*. De acordo o autor:

> Se todo indivíduo possui um conhecimento da estrutura da língua, se a *langue* é "un système grammatical existant virtuellement dans chaque cerveau" ["um sistema gramatical existente virtualmente em cada cérebro"] [...] uma pessoa deveria ser capaz de obter os dados pelo testemunho de qualquer outra - inclusive de si mesma. Por outro lado, dados sobre a *parole*, ou fala, só podem ser obtidos pelo exame de indivíduos que estão usando a língua. (LABOV, [1972] 2018, p. 217-218, grifos do autor).

Disso, obtém-se o referido paradoxo, qual seja o de que em qualquer indivíduo pode-se observar o aspecto social da língua, mas já seu aspecto individual pode ser feito somente em um contexto social. Por isso, podemos dizer que esse paradoxo se configura em uma notória contradição da teoria, já que, como observa Labov, o estudo da parole acaba não sendo desenvolvido plenamente até meados do século XX.

Além do teórico suíço, o norte-americano Chomsky acaba seguindo, em seu estudo da competência, um caminho semelhante. Ao opor competência, conhecimento abstrato das regras da língua, a desempenho, seleção e execução dessas regras, o autor exclui das linhas de análise gerativista o falar do indivíduo e, como consequência, seus grupos de pertencimento (LABOV, [1972] 2018, p. 218). Assim, no gerativismo, haveria um sistema em que a fala é abstrata e homogênea, viabilizando, por isso, a criação de hipóteses gerais sobre a língua, por meio da Teoria dos Princípios e Parâmetros.

Tendo como ponto de partida alguns dos principais nomes da linguística no século passado, podemos identificar, de certa maneira, uma resistência no estudo da fala individual, que permeia, desde o princípio, os estudos desse campo. Talvez, essa postura tenha se manifestado devido a uma preocupação com o caráter científico da área, ainda nascente, que exigia metodologias coesas e respostas objetivas. Longe de negar tal preocupação (LABOV, [1972] 2018, p. 236), a sociolinguística variacionista possui, com a Teoria da Variação, tanto um caráter científico quanto um maior aprofundamento social dos métodos de análise linguísticos.

Conforme observa Labov, dois grupos surgem, quando mapeamos o desdobramento dos estudos linguísticos na ênfase da mudança linguística: o grupo de

autores denominado social e o grupo associal. O primeiro teve como precursores um grupo de estudiosos que buscavam explicações para a mudança linguística nos fatores sociais. Diferentemente do grupo associal, que via a causa da mudança apenas relacionada a fatores de natureza linguística e psicológica, o grupo social dava importância ao aspecto heterogêneo da língua. Nesse grupo, aspectos do contexto social eram vistos como propulsores das mudanças em curso na língua (LABOV, [1972] 2008, p. 305-306).

Sob a perspectiva do grupo social, nasceu o modelo de estudo da sociolinguística de Labov, também conhecido como Teoria da Variação e da Mudança Linguística. Nele, com a concepção da língua como sistema heterogêneo e não estrutural, busca-se, no estudo do contexto social, a explicação para mudanças linguísticas que ocorrem nas comunidades de fala (LABOV, [1972] 2008, p. 326).

A metodologia de pesquisa da sociolinguística variacionista, na qual se baseia o presente estudo, leva em consideração a relação entre língua e sociedade. Dentro dessa visão, a variação não ocorre de maneira aleatória, como antes se pensava nos estudos linguísticos, mas é parte da própria língua. Por isso, por serem sistemáticos e previsíveis, os fenômenos linguísticos de variação são passíveis de estudo pelo campo da sociolinguística.

Em seu estudo da variação dos ditongos /ay/ e /aw/ na *Ilha de Martha's Vineyard*, no estado norte-americano de Massachusetts, Labov descobriu que diversos fatores sociais influenciavam o falar dessa comunidade. Ao analisar a falar desses sujeitos em certas situações, o autor observou que algumas variações dos ditongos referidos se davam de acordo com o pertencimento ou não à ilha. Dependendo da origem, se nativo da ilha ou veranista, os diferentes falares variavam. No caso dos nativos, por exemplo, que evidenciavam em seu falar variações na pronúncia dos ditongos, havia uma estratégia de afirmação de sua identidade local (LABOV, [1972] 2008, p. 19-62).

Labov estudou também o falar de lojas de departamento da cidade de *Nova York*, procurando explicações para a presença ou ausência da consoante [r] em posição pós-vocálica. Para isso, lançou mão de entrevistas individuais e observações em três lojas: Sacks Fifth Avenue, de status superior, Macy's, de status médio e S. Klein, de status inferior (LABOV, [1972] 2008, p. 64-66). Nesse momento, o autor introduz o conceito de estratificação social, "o produto da diferenciação social e da avaliação social" (LABOV, [1972] 2008, p. 64), que acaba por definir os juízos de valor atribuídos ao falares de determinadas classes ou grupos não prestigiados na hierarquia social.

Na estratificação social, questões como grupo social ou étnico surgem como marcadores de diferenças linguísticas. Segundo o autor: "A estratificação social e suas

consequências são apenas um tipo de processo social que se reflete nas estruturas linguísticas" (LABOV, [1972] 2008, p. 147). A língua, por isso, como sistema heterogêneo, permitiria que tais diferenças convivessem entre si, possibilitando o aparecimento de identidades entre os grupos sociais. Nesse ponto, ao estudar o falar nova-iorquino, marcas fonológicas se fazem presentes caracterizando determinados grupos, como o afro-americano e o porto-riquenho (LABOV, [1972] 2008, p. 147).

A partir desse estudo, como indicaram os resultados da pesquisa, os fatores sociais classe socioeconômica, grupo social ou étnico, ocupação e faixa etária mostraram ser influentes na escolha de pronúncia ou não do som consonantal [r]. Daí, podemos identificar, pelo ponto de vista social, aspectos reveladores de questões extralinguísticas, não tão evidentes linguisticamente. Tais características só ajudaram, portanto, a desmistificar a ideia de língua como sistema homogêneo, algo tão propagado em teorias linguísticas anteriores, tais como o estruturalismo e o gerativismo.

A língua, de acordo com Labov, seria um sistema heterogêneo capaz de abrigar dentro si diferentes falares evidenciadores de identidades sociais e, portanto, passível de sofrer mudanças. Mesmo que inexplorado (LABOV, [1972] 2008, p. 191), o estudo da mudança linguística ganharia impulso por meio de uma metodologia de estudo proposta pelo autor, que oferece estratégias para identificação de mudanças linguísticas em andamento.

Ao apresentar variação, a língua dá aos falantes possibilidades de comunicação por meio de palavras ou expressões com sentidos semelhantes, assim como formas de pronúncia de um mesmo item lexical em particular. Dessa maneira, um falante desavisado poderia atribuir a essas formas diversos juízos de valor negativos, classificando alguns tipos de usos como menos legítimos que outros, o que gera estigmatização social (LABOV, [1972] 2008, p. 360). É nesse momento que a Teoria da Variação auxilia em uma maior compreensão da língua enquanto sistema vivo e dinâmico.

Para Labov ([1972] 2008): "É comum que uma língua tenha diversas maneiras alternativas de dizer 'a mesma' coisa ["*It is common for a language to have many alternate ways of saying 'the same' thing*."]. (LABOV, [1972] 2008, p. 221). Como vemos, nesse trecho, o autor emprega a expressão *a mesma* entre aspas. Isso se explicaria, porque, como os estudos sociolinguísticos têm demonstrado, nenhum item lexical é exatamente igual em sentido a outro, ainda que ambos sejam sinônimos, dada as inúmeras maneiras alternativas de se dizer algo.

Nesse ponto, podemos destacar os conceitos de variante e variável propostos por

Tarallo (1986). Segundo o autor, as variantes linguísticas "são diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade", ao passo que a variável linguística seria "um conjunto de variantes" (TARALLO, 1986, p. 8). Em outras palavras, enquanto as variantes se apresentariam como palavras ou expressões linguísticas alternativas, as variáveis seriam o agrupamento dessas formas intercambiáveis.

No PB, poderíamos exemplificar esses conceitos com a variável pronome de 1PP. Nesse tipo de variável, teríamos as variantes *nós* e *a gente*, ambas empregadas pelos falantes para se referirem ao conceito coletivo da 1PP (pessoa do falante + alguém), que une o locutor e o interlocutor com quem se fala ou alguém de que se fala[4]. A primeira variante, *nós*, seria a forma conservadora, enquanto a forma *a gente*, mesmo não sendo estigmatizada, implicaria a forma inovadora[5].

Com isso, considerando o fato de que toda variação pode ser indício de mudança na língua, poderíamos nos perguntar se o uso alternado das formas *nós* e *a gente* seria pista de uma mudança que está ocorrendo no PB. A resposta inicial seria não, dado que nem toda variação se torna mudança linguística. No caso da variação, existiriam a variação estável, em que não se constata predominância de uso de uma variante sobre outra ou outras, e a mudança em andamento, em que se caminha para uma escolha definitiva de uma variante em particular (LABOV, [1972] 2008, p. 193).

A mudança linguística ocorre seguindo um processo linear, que pode ou não ter sequência, e sua origem se dá devido à flexibilidade da língua em determinados itens lexicais, que são o objeto de estudo da sociolinguística. De acordo com Labov ([1972] 2008):

> O processo de mudança linguística pode ser considerado em três estágios (cf. Sturtevant 1947: cap. 8). Na sua *origem*, uma mudança é uma das inúmeras variações confinadas ao uso de algumas pessoas. Na sua *propagação*, a mudança é adotada por números tão amplos de falantes que ela passa a contrastar com a forma mais antiga ao longo de uma ampla frente de interação social. No seu *término*, a mudança alcança regularidade pela eliminação das variantes concorrentes [...]. (LABOV, [1972] 2008, p. 152, grifos do autor).

[4] No caso da variação de 1PP, temos uma variável binária, *nós* e *a gente*. No entanto, nem sempre a variável é binária, podendo ser ternária, como é o caso da variação dos tipos de negação verbal (pré-verbal, dupla ou pós-verbal), ou quaternária, como a variação do fonema /R/ em coda silábica (fricativo, retroflexo, tepe ou apagamento do fonema /R/), por exemplo.

[5] Utilizamos, neste estudo, os termos binários *forma conservadora* e *forma inovadora* tendo em vista a noção de *mudança linguística*, que aponta para a coexistência e a competição de uso de variantes com valor semântico semelhante por falantes de uma mesma comunidade de fala (LABOV, [1972] 2008). No contexto de 1PP do PB, chamamos a variante *nós* de "conservadora" por possuir um registro de uso mais antigo e ser a forma mais prescrita pela norma-padrão, como veremos mais adiante. Já à variante *a gente* delimitamos como "inovadora" por ter uma origem posterior à forma *nós* e ser a menos considerada pela norma-padrão.

Assim, não haveria uma mudança desordenada, mas estágios aptos para examinação do linguista observador. Por esse motivo, a mudança poderia ser registrada e relacionada a diferentes fatores sociais de ordem extralinguística.

Um dos pontos que podemos salientar é o da hipercorreção. Em seu estudo, o autor traz esse fenômeno como característico de estratos da sociedade como a classe média baixa, que tende a usar em excesso formas variantes tidas como corretas e apropriadas a estilos formais (LABOV, [1972] 2008, p. 153). Assim, esse, entre outros comportamentos, poderia indicar algum tipo de mudança linguística em progresso.

Ademais, ao analisar a língua, cabe aqui também distinguir os tipos de variáveis. Por variáveis linguísticas, compreenderíamos os fatores de natureza puramente linguística (LABOV, [1972] 2008), isto é, que estão presentes dentro do sistema da língua e envolvem áreas como morfologia e sintaxe, por exemplo. Sua relevância estaria em indicar os contextos da língua em que o uso das variantes é favorecido ou não. No caso da variação de pronomes, tema deste estudo, a categoria preenchimento do sujeito se tornaria necessária, dado as possibilidades de o falante utilizar o sujeito nulo ou o sujeito preenchido para expressar os pronomes *nós* e *a gente*. Além desse fator, poderíamos mencionar também como variáveis linguísticas a marca morfêmica e a determinação do referente, por exemplo.

Já as variáveis sociais se encontrariam no contexto social, isto é, na sociedade, e possuiriam relação com a língua, uma vez que determinam escolhas dos falantes nos diversos tipos de variações. Por isso, ajudariam a esclarecer o papel dos falantes na historicidade da língua, principalmente nas escolhas e suas motivações. Alguns tipos são classe socioeconômica, sexo/gênero, ocupação e faixa etária (LABOV, [1972] 2008, p. 326-353). Cada um desses fatores se constituiria em parâmetros para se elencar no momento da observação do *corpus* de pesquisa sociolinguística.

Nesse momento, faz-se necessário também expor a definição de comunidade de fala[6], um conceito importante para se delimitar o tema de estudos sociolinguísticos. Nas palavras de Labov: "[...] Uma comunidade de fala não pode ser concebida como um grupo de falantes que usam todos as mesmas formas; ela é mais bem definida como um grupo que compartilha as mesmas normas a respeito da língua" (LABOV, [1972] 2008, p. 188). Aqui poderíamos incluir localidades geográficas, grupos sociais a elas pertencentes e os diferentes intervalos de idades. Com isso, tendo em mente essa concepção, o uso de fatores

[6] Uma obra que amplia a leitura do conceito de comunidade de fala é *Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje* (cf. MORENO FERNANDEZ, 1998).

sociais, também conhecidos como fatores extralinguísticos, se tornaria mais pertinente para fins de pesquisa.

A metodologia sociolinguística faz uso também da análise quantitativa, por meio de entrevistas orais, dando preferência para uma coleta de dados mais próxima da fala casual (*casual speech*) do que da fala monitorada (*careful speech*) (LABOV, [1972] 2008, p. 102, 110). Nessa abordagem, a primeira seria mais espontânea do que a última. Isso se justificaria por haver nela menos interferência do documentador, que costuma ter um controle excessivo por meio de perguntas, e porque a fala casual explicitaria o estilo dos falantes, ao considerar, obviamente, os problemas que possam surgir ao lidar com a fala (LABOV, [1972] 2008, p. 220-224).

Um outro ponto que o autor suscita é o da redundância do termo *sociolinguística* (LABOV, [1972] 2008, p. 215). Haveria linguística sem preocupação com o social? Como o autor sugere, não. A língua, segundo Labov, é um comportamento social. Portanto, em todo tipo de pesquisa linguística existiria uma consideração com o aspecto social da língua. No entanto, mesmo assim, o termo sociolinguística acabou por se consagrar e define os estudos relacionados à variação e à mudança linguísticas.

O modelo de análise das variáveis aqui estudada, o da Teoria da Variação (WEINREICH, LABOV, HERZOG, [1975] 2006), é o mesmo adotado no trabalho de Maia (2009). Nessa visão, em que a língua é vista como um sistema heterogêneo, e a variação, como parte intrínseca a ela, algumas noções podem ser explicitadas. Segundo Maia:

> Uma variação pode manter-se estável ou evoluir para uma *mudança em progresso* [...]. Além disso, os falantes mais jovens tendem a realizar a variante inovadora mais frequentemente que os falantes mais velhos (evidência de *tempo aparente*). A essas duas evidências, Faixa Etária e Padrão Curvilíneo, associa-se a observação das transformações ocorridas ao longo do tempo, denominada evidência de *tempo real*. Se há *variação estável*, uma variante ocorre mais nas classes mais altas, e a outra variante ocorre mais nas classes mais baixas. A representação gráfica desse processo resulta em uma linha com vários picos, não havendo hierarquia entre as faixas etárias. (MAIA, 2009, p. 49, grifos da autora)

Assim, com os conceitos apontados por Maia (2009), os de variação estável ou de mudança em progresso, bem como os de evidência de tempo aparente e de evidência de tempo real, podemos compreender e estudar a variação e a mudança que ocorrem na língua.

No caso do PB, assim como em outras línguas, a variação e a mudança linguísticas estão presentes em diferentes classes morfológicas, a saber os pronomes, foco de nosso

interesse neste trabalho. De acordo com Nascimento (2013), o uso do pronome *a gente* possui seus primeiros registros entre o século XVI e início do século XIX no Brasil e surgiu, conforme Omena (1996), da necessidade de contraposição entre uma referência mais precisa e uma referência mais imprecisa da 1PP.

No entanto, de acordo com Araújo (2016), em boa parte dos exemplares de gramática normativa (doravante GN) brasileira, que são a base para alguns livros didáticos, seus quadros pronominais do PB ainda não apresentam o pronome *a gente*, mesmo que esse pronome esteja em pleno uso pelos falantes. Ora o pronome é ocultado, ora é tratado em notas de rodapé, e, em seu lugar, apenas se exibe o pronome *nós* (ARAÚJO, 2016, p. 23). Dentro dessa visão, mais tradicional e comum a muitas gramáticas, nem sequer *você* e *vocês* se configuram como pronomes pessoais, sendo representados somente por *tu* e *vós*, o que aponta uma clara preferência pela não consideração da realidade linguística do PB por meio de seus falantes nas décadas mais recentes.

Posicionamentos como os salientados, portanto, longe de serem fiéis, demonstram uma indiferença à condição inerentemente heterogênea e social da língua, que, conforme propõe Labov ([1972] 2008), possui, entre tantos outros fenômenos, a variação e a mudança como marcas essenciais. Um exemplo de variação, ou atual processo de mudança, são o uso alternado dos pronomes *nós* e *a gente* no PB, que, além de darem indícios de sua ocorrência em fatores linguísticos, fazem-no também em fatores sociais.

No capítulo a seguir, aprensentamos a noção de norma da língua e sua relação com os pronomes de 1PP, tratando do uso das formas *nós* e *a gente* na norma-padrão do PB.

1.2 As formas *nós* e *a gente* na norma-padrão

Neste tópico, retomaremos os conceitos associados à ideia de norma linguística. Em seguida, discutiremos as definições de dicionários e GN das formas *nós* e *a gente*, tendo em vista sua aplicação no entendimento dessa variação pronominal.

Ao abordar a variação linguística, em nosso caso a variação pronominal, consequentemente caímos na órbita da noção de norma linguística, que pode estar relacionado tanto à descrição do uso espontâneo da língua pelos falantes quanto a prescrição de uso da língua para determinadas finalidades sociais. Em cada uma dessas, diferentes conceitos emergem, a saber norma-padrão, norma culta ou norma comum e norma popular.

Faraco (2008), quando trata da noção de norma linguística, destaca que:

> [...] *Norma* é o termo que usamos, nos estudos linguísticos, para designar os fatos de língua usuais, comuns, correntes numa determinada comunidade de fala. Em outras palavras, *norma* designa o conjunto de fatos linguísticos que caracterizam o modo como normalmente falam as pessoas de uma certa comunidade, incluindo [...] os fenômenos em variação (FARACO, 2008, p. 40, grifos do autor).

Dessa meneira, podemos dizer que os conceitos de norma culta/norma comum e norma popular estão ligados, contemporaneamente, à descrição de uso da língua como estudo científico e, portanto, configuram-se como termos técnicos. No entanto, no senso comum, devido à longa tradição prescritivista gramatical, ambas as classificações ainda podem ser vistas como antagônicas ou mesmo autoexcludentes, quando, na verdade, tratam-se apenas de diferentes variedades de uso da língua.

No caso da expressão norma culta, o adjetivo culta faria referência, tecnicamente, ao falar dos grupos sociais que tiveram acesso ao Ensino Superior completo e que possuem vivência urbana (BAGNO, 2003, p. 51). Já a norma popular seria aquela adotada por estratos sociais pouco ou não escolarizados que moram exclusivamente no ambiente rural ou vivem em espaços periféricos, como conjuntos habitacionais precários e sem infraestrutura.

Para Faraco (2008), a dita norma culta poderia ser também melhor denominada norma comum ou norma *standard*, uma vez que o termo "culta" carregaria em si uma carga de elitismo. Essa norma comum, no caso do PB falado, pouco se diferenciaria da linguagem urbana comum, sendo caracterizada como "a variedade de uso corrente entre falantes urbanos com escolaridade superior completa, em situações monitoradas" (FARACO, 2008, p. 46-47). A norma culta/norma comum, estaria, portanto, estreitamente ligada ao que se conhece por cultura letrada em um sentido amplo.

Por outro lado, no caso da norma popular, poderíamos pensá-la como sendo o resultado de contínuos, tal qual delinea Bortoni-Ricado (2004). Ao propor uma análise das variedades linguísticas do PB em contínuos, sendo dois deles o contínuo de oralidade-letramento e o contínuo de urbanização (que compreenderia o polo das variedades rurais isoladas, as variedades rurbanas e o polo das variedades urbanas padronizadas[7]), a autora

[7] Segundo a autora, as variedades rurbanas seriam aquelas faladas por comunidades de migrantes rurais, residentes nas zonas urbanas, que preservaram muito dos seus antecedentes culturais; enquanto as variedades urbanas padronizadas seriam faladas pelas comunidades urbanas que receberam maior influência da norma-padrão (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 51-52).

encontra traços graduais e traços descontínuos por parte dos falantes.

De acordo com Bortoni-Ricardo (2004):

> [...] Alguns itens são típicos dos falares situados no polo rural e que vão desaparecendo à medida que nos aproximamos do polo urbano. Dizemos, então, que esses traços têm uma distribuição descontínua porque seu uso é "descontinuado" nas áreas urbanas. Há outros traços [...] que estão presentes na fala de todos os brasileiros e, portanto, se distribuem ao longo de todo o contínuo. Esses traços, ao contrário dos outros, têm uma distribuição gradual. Vamos chamá-los de traços graduais. Observe que os traços descontínuos são os que recebem a maior carga de avaliação negativa nas comunidades urbanas (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 53, grifos da autora).

Dessa maneira, os traços descontínuos seriam aqueles que, de fato, caracterizam a denominada norma popular, pois são os que carregariam em si o estigma social. Em contrapartida, diferentemente dessa categoria, existem os traços graduais, que não receberiam o mesmo tipo de estigma, pois seriam traços comuns, estando presentes em todas as variedades do PB. Um exemplo de traço descontínuo é o uso do pronome *nós* seguido de verbo sem o morfema *-mos*, no uso "**nós** *foi*" em vez de "**nós** *fomos*", ou o rotacismo de /l/, ao se pronunciar "pranta" [r] em vez de "planta" [l]. Já um exemplo de traço gradual é o uso de "*tava*" em vez de "*estava*", como "**a gente** *tava*" em vez de "**a gente** *estava*". Com isso, vemos definida a noção de norma popular.

Ademais, em ambos os conceitos, norma culta/norma comum e norma popular, percebemos a influência dos fatores sociais escolaridade e classe social, que ajudam a definir o prestígio ou o estigma social que cada tipo de falar possui. Por isso, além das expressões norma culta/norma comum e norma popular, adotamos também as expressões variedades prestigiadas e variedades estigmatizadas (BAGNO, 2003, p. 66-67) como equivalentes aos conceitos mencionados, uma vez que esses usos caracterizam concretamente variedades linguísticas, que são tipos de falar adotados por variados grupos sociais espontânea e cotidianamente.

Além desses conceitos, que auxiliarão na interpretação de nossa pesquisa, destacamos também a noção de norma-padrão. Esta, diferentemente das variedades privilegiadas ou estigmatizadas descritas nos estudos linguísticos, estaria ligada à prescrição de uso da língua, que se compõe de normas voltadas ao uso da língua em contextos de comunicação formal ou a situações comunicativas com gêneros textuais que exigem uma modalidade escrita monitorada, isto é, mais distante da fala espontânea. Nesse ponto, poderíamos incluir, como espaços de uso da norma-padrão, a escola e as demais

instituições de ensino formal e de avaliação, bem como as múltiplas áreas do conhecimento humano e as esferas coletivas de interação sociocultural.

Segundo Bagno (2003), a norma-padrão é aquela que visa prescrever um padrão abstrato de uso da língua, que nem sempre corresponde à realidade das variedades linguísticas utilizadas pelos diversos grupos de falantes:

> [...] Se é ideal, se não corresponde integralmente a nenhum conjunto concreto de manifestações linguísticas regulares e frequentes, não pode ser chamada de "língua", nem de "dialeto", nem de "variedade". É uma *norma*, no sentido mais jurídico do termo: "lei", "ditame", "regra compulsória" imposta de cima para baixo, decretada por pessoas e instituições que tentam regrar, regular e regulamentar o uso da língua. E é também um *padrão*: um modelo artificial, arbitrário, construído segundo critérios de bom gosto vinculados a uma determinada classe social, a um determinado período histórico e num determinado lugar. (BAGNO, 2003, p. 65, grifos do autor).

Dessa maneira, a norma-padrão não é uma variedade falada por um grupo social, mas um modelo prescritivo abstrato voltado a atender finalidades de uso social da língua. Portanto, a norma-padrão não equivale, na teoria, à realidade linguística dos falantes, mas possui, devido a questões históricas, uma relação com o falar das variedades prestigiadas, o que a faz ser constantemente influenciada por esses falares e reformulada. A norma-padrão, por isso, pode funcionar ora como uma descrição de um padrão abstrato comum ora como um parâmetro para entendimento dos fenômenos da língua. Nessa última função, achamos válido lembrar que esse entendimento não deixa de ser passível de críticas.

No caso deste estudo, visando explorar o entendimento prescritivo brasileiro e contemporâneo das formas *nós* e *a gente*, escolhemos procurar as definições de dicionários e compêndios de GN das variantes investigadas. Os dicionários selecionados para essa tarefa foram o *Dicionário Aulete Digital* (AULETE, 2020), o *Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa* (FERREIRA, 2010) e o *Dicionário Michaelis On-line* (MICHAELIS, 2020). Já as gramáticas que examinamos foram a *Moderna Gramática Portuguesa* (BECHARA, 2009), a *Novíssima Gramática da Língua Portuguesa* (CEGALLA, 2009) e a *Gramática Normativa da Língua Portuguesa* (LIMA, 2011).

O primeiro dicionário, que escolhemos, o *Dicionário Aulete Digital* (AULETE, 2020), possui o sobrenome do lexicógrafo português Francisco Júlio de Caldas Aulete, que iniciou a produção do material, o qual foi produzido e finalizado pelo filólogo português António Lopes dos Santos Valente e outros filólogos. O dicionário foi publicado pela primeira vez em Lisboa, Portugal, em 1881, recebendo depois disso várias reedições até os

tempos atuais. A partir de 1958, um dicionário voltado ao PB é publicado, tendo hoje sua versão eletrônica *online*.

Ao tratar da forma *nós*, o dicionário já indica de início a classe morfológica do verbete como pronome pessoal (pr. pess.). Além disso, o *Dicionário Aulete* (2020) apresenta algumas acepções, todas elas relacionadas à ideia de pessoa gramatical e discursiva, com exemplos.

Já a forma *a gente*, nesse dicionário, é apresentada como uma expressão do verbete *gente*, devido ao fato de que os dicionários registram apenas o núcleo dos sintagmas, como mostra o trecho (1) a seguir:

> (1)
>
> 1 A(s) pessoa(s) que fala(m); eu, nós: - *Professor, a gente queria sair mais cedo hoje.*
> 2 As pessoas em geral (inclusive quem fala): *Quando a gente fala, é para que os outros ouçam.* (AULETE, 2020, grifos do autor).

Nesse caso, diferentemente do verbete *nós*, um ponto a salientar é que o dicionário não traz a classe morfológica, o que pode levar ao entendimento de que essa forma não compartilha da mesma classe que a forma *nós*.

O próximo dicionário, o *Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa* (FERREIRA, 2010), que tem como título o nome de seu autor, foi produzido pelo lexicógrafo e filólogo Aurélio Buarque de Holanda Ferreira. O dicionário em si é o resultado de décadas de estudo do autor, sendo um dos mais conhecidos e populares da língua portuguesa. A primeira publicação da obra se deu em 1975, seguindo com novas edições impressas até os dias atuais e versões eletrônicas.

Nesse dicionário, ao abordar a forma *nós*, a obra apresenta no verbete sua classe gramatical de pronome pessoal e traz diferentes acepções e exemplos, assim como no dicionário anterior.

Ao tratar da forma *a gente*, o *Dicionário Aurélio* (FERREIRA, 2010) traz essa palavra no verbete *gente* na categoria das locuções com alguns exemplos:

> (2)
>
> 01. A(s) pessoa(s) que fala(m); eu, nós:
> “De Jesus Cristo resta unicamente / Um esqueleto/ e a gente, vendo-o, a gente / Sente vontade de abraçar-lhe os ossos!” (Augusto dos Anjos, *Eu*, p. 110); “E quando a gente volta à casa, um dia, | Vê trancada a janela que sorria | E lê na porta: ‘Aluga-se esta casa’.” (Afonso Schmidt, *Mocidade*, p. 16). (AURÉLIO, 2010, grifos do autor).

Nesse trecho, assim como no dicionário anterior, diferentemente da forma *nós*, a classe morfológica da forma *a gente* é omitida, sendo apresentada apenas uma acepção com exemplos de textos literários.

O último dicionário, o *Dicionário Michaelis On-line* (2020), recebe seu nome da lexicógrafa alemã Henriette Michaelis, que teve como colaboradora em sua produção a também lexicógrafa Carolina Michaelis de Vasconcelos. O dicionário, além de sua versão monolíngue, possui versões bilíngues e *online*, e é publicado pela editora Melhoramentos, sendo criado no final do século XIX e possuindo reedições até os tempos atuais.

No verbete *nós*, assim como nos outros pronomes pessoais tradicionalmente considerados (*eu*, *tu*, *ele*/*ela*, *vós* e *eles*/*elas*), o *Dicionário Michaelis* (2020) apresenta, como relacionada a essa entrada, a classe morfológica de pronome e traz uma acepção com exemplos.

No caso da forma *a gente*, assim como no dicionário anterior, esse pronome vem na seção das expressões do verbete *gente*, com uma acepção seguida de exemplo proveniente de um texto literário, tal qual mostra o trecho (3) a seguir:

(3)

> A gente: a pessoa que fala em nome de si mesma e de outro(s); eu, nós: *"Quem não tem berço, a gente vê logo na cara. Não adianta ostentar, tá escrito. Que nem o Beto, aquela calça rasgadinha. Quem ia dizer que era um moço assim tão fino, de tênis?"* (CFA). (MICHAELIS, 2020, grifos do autor).

De forma semelhante ao primeiro e ao segundo dicionários analisados, no tratamento da forma *a gente* nesse dicionário, a classe morfológica é omitida.

A primeira gramática que escolhemos, a *Moderna Gramática Portuguesa* (2009), tem como autor o filólogo brasileiro Evanildo Bechara e foi publicada pela primeira vez em 1961. Essa gramática, assim como a próxima, se define como uma GN.

Em Bechara (2009), a forma *nós* é apresentada no quadro pronominal nas seções pronomes pessoais (BECHARA, 2009. p. 197) e pronomes possessivos (BECHARA, 2009, p. 199-200). O trecho (4) a seguir mostra os pronomes pessoais elencados pelo autor:

(4)

Singular:	1ª pessoa: *eu*
	2ª pessoa: *tu*
	3ª pessoa: *ele, ela*
Plural:	1ª pessoa: *nós*
	2ª pessoa: *vós*
	3ª pessoa: *eles, elas*

(BECHARA, 2009, p. 197, grifos do autor).

Como se vê nesse ponto, apenas os pronomes pessoais tradicionais são apresentados (*eu*, *tu*, *ele*/*ela*, *nós*, *vós* e *eles*/*elas*). Além de a forma *a gente* ser omitida, bem como a forma *você*, nem sequer a forma *vocês* aparece, apesar do evidente desuso da forma *vós* no PB.

Já a forma *a gente* aparece em uma subseção dos pronomes pessoais com o título *formas de tratamento*, dentro das observações, como mostra o trecho (5):

(5)

> O substantivo *gente*, precedido do artigo a e em referência a um grupo de pessoas em que se inclui a que fala, ou a esta sozinha, passa a pronome e se emprega fora da linguagem cerimoniosa. Em ambos os casos o verbo fica na 3.ª pessoa do singular: "É verdade que a gente, às vezes, tem cá as suas birras" [AH.4, II, 158]. (BECHARA, 2009, p. 199, grifos do autor).

Nesse ponto, vale salientar que a forma *a gente* recebe o mesmo tratamento dado à forma *você*, que também aparece como subseção dos pronomes pessoais, nas denominadas formas de tratamento.

A próxima gramática, a *Gramática Normativa da Língua Portuguesa* (LIMA, 2011) foi lançada pela primeira vez no ano de 1957. Seu autor principal é o filólogo Rocha Lima. Após sua primeira publicação, a gramática tem recebido inúmeras reedições até o momento.

Em Lima (2011), a forma *nós* e seus possessivos são apresentados nas categorias pronomes pessoais e pronomes possessivos (LIMA, 2011, p. 156-159). No trecho (6), trazemos o conceito de pronomes pessoais definido pela obra:

(6)

> *Pronomes pessoais* são palavras que representam as três pessoas do discurso, indicando-as simplesmente, sem nomeá-las. A primeira pessoa, aquela que fala, chama-se *eu*, com o plural *nós*; a segunda, *tu*, que é com quem se fala; a terceira, que é a pessoa ou coisa de que se fala, é *ele* ou *ela*, com os plurais respectivos *eles* ou *elas* (LIMA, 2011, p. 156, grifos do autor).

Nessa definição, observamos que a forma *a gente* não é incluída, assim como as formas *você* e *vocês*. Dessa maneira, somente as formas tradicionalmente consideradas como pronomes pessoais são abordadas (*eu*, *tu*, *ele*/*ela*, *nós*, *vós* e *eles*/*elas*), de maneira semelhante à gramática anterior, como já mencionamos.

Nesse compêndio, ao contrário do anterior, a forma *a gente* não ganha sequer espaço em nota de rodapé. A única menção a essa forma se dá em exemplos escassos (LIMA, 2011, p. 167, 305, 346, 521), como é o caso do próximo trecho:

(7)

ESQUECER
A este verbo, quando usado com a significação própria de *olvidar*, *sair da lembrança*, oferecem-se três construções, que se distinguem por leves matizes estilísticos:
1)Transitivo direto
[...] "A gente não *esquece* nunca a *terra* em que nasceu"
(MACHADO DE ASSIS)
(LIMA, 2011, p. 521, grifos do autor).

Nesse trecho, a forma *a gente* é exibida como parte de um exemplo de texto literário. O foco, no entanto, não se dá a essa forma ou a seu caráter como pronome, mas sim à regência do verbo esquecer, que pode ocorrer como verbo transitivo direto, como mostra o techo.

A última gramática, *Novíssima Gramática da Língua Portuguesa* (CEGALLA, 2009), é de autoria do professor de línguas e escritor Domingos Paschoal Cegalla, tendo sua primeira publicação no ano de 1964 com reedições posteriores.

Nessa gramática, a forma *nós* é apresentada no quadro pronominal na seção dos pronomes pessoais (CEGALLA, 2009, p. 180-181). Já as formas possessivas desse pronome aparecem em seguida (CEGALLA, 2009, p. 182-183). O quadro seguinte traz os pronomes destacados por essa gramática:

Quadro 1 – Quadro pronominal de Cegalla (2009)

Pessoas do discurso	**Pronomes retos**	**Pronomes oblíquos**
	Função subjetiva	**Função objetiva**
1ª pessoa do singular	eu	me, mim, comigo
2ª pessoa do singular	tu	te, ti, contigo
3ª pessoa do singular	ele, ela	se, si, consigo, lhe, o, a
1ª pessoa do plural	nós	nos, conosco
2ª pessoa do plural	vós	vos, convosco
3ª pessoa do plural	eles, elas	se, si, consigo, lhe, o, a

Fonte: CEGALLA, 2009, p. 180.

Nesse quadro, tal qual nas gramáticas anteriores, ao abordar os pronomes pessoais, a forma *a gente* não é registrada, bem como outros pronomes que representam a realidade de uso do PB, a saber as formas *você* e *vocês*. Com isso, nesse recorte, aparecem apenas as formas *tu*, *nós* e *vós*.

Ademais, em Cegalla (2009), para a forma *a gente*, são dedicados apenas alguns exemplos em textos literários relacionados a outros tópicos gramaticais (CEGALLA, 2009,

p. 173, 221, 269, 352, 392, 398, 399, 532, 589, 613, 623). No trecho (8) seguinte, vemos um exemplo com a forma *a gente*:

> (8)
>
> 8. Em seu caderno, reescreva os superlativos do texto abaixo, dando-lhes a significação:
> [...] A gente aprende muito no portão / fechado (Carlos Drummond de Andrade, *Menino Antigo*, p. 49, Livraria José Olympio Editora, Rio de Janeiro, 1973)
>
> (CEGALLA, 2009, p. 173, grifos do autor).

Nesse caso, a forma *a gente* surge em um texto literário, que é parte de uma questão morfológica sobre o grau superlativo. O destaque no texto, portanto, não se dá a essa forma, mas sim a outro assunto, o que demonstra a pouca atenção dada a esse pronome em toda a obra. Com isso, acabamos por ver exemplos envolvendo a forma *a gente* sem que a gramática a identifique como um pronome.

De maneira geral, os dicionários e gramáticas, como vimos, desconsideram o fato de que a forma *a gente* seja um pronome tal qual a forma *nós*. Assim, parece haver, nos dicionários e GN, ou um desprezo por essa forma ou um desconhecimento de seu largo uso atual como pronome no PB, evidenciando a necessidade de atualizações.

Neste estudo, vale ressaltar que consideramos a forma *nós* tal qual a forma *a gente* como pronomes equivalentes, que possuem conjugação verbal e concordância nominal distintas, sendo que a forma *a gente* passou por um processo de gramaticalização[8] (ZILLES, 2002, p. 298). Em outras palavras, isso significa dizer que a forma *a gente*, um SN derivado do substantivo *gente*, agora se manifesta com a classe gramatical de pronome, possuindo um valor semântico equivalente e alternativo ao pronome *nós*. Dessa maneira, a forma *a gente* já é percebida pelos falantes como pertencente ao sistema pronominal do PB, mesmo não estando presente nos dicionários e gramáticas abordados.

A forma *nós* possui uma concordância verbal peculiar, qual seja a de ser sucedida por uma desinência número-pessoal conhecida como terminação de 1PP[9]. Já a forma *a gente* não possui tal terminação própria, recebendo, por isso, verbos com a desinência conhecida como de 3PS. Esse fato, como veremos neste estudo, traz implicações no uso linguístico dos falantes do PB, que acaba por favorecer a variação linguística.

---

[8] Gramaticalização é nome do fenômeno de mudança de classe morfológica pelo qual passa um item lexical (cf. ZILLES, 2002).

[9] Vale acrescentar que esse uso se configura em um parâmetro do PB, já que, no português europeu (PE), a ocorrência da forma *a gente* seguida de verbo com desinência número-pessoal de 1PP (*-mos*) não é estigmatizada (cf. CARVALHO, 2009).

Assim, ainda dentro do panorama variação, incluímos também o da mudança linguística. No caso do sistema pronominal do PB, poderíamos especular se há uma mudança de escolha dos falantes da forma nós para a forma *a gente*, ou não. Neste estudo, a questão da variação e da mudança será respondida com o registro de fala da comunidade estudada, ainda que a forma *a gente* não seja considerada nos dicionários e GN, como exibimos anteriormente.

1.3 Uso das formas *nós* e *a gente*

Como esta pesquisa visa analisar a variação pronominal *nós* e *a gente* no falar de Ipatinga (MG), esta seção se propõe a fazer uma breve descrição sobre o uso de *nós* e *a gente* no PB a partir de resultados de estudos da área e das considerações levantadas por alguns autores. Para isso, tomaremos como base três estudos nesse campo de análise: Menon (1994), Omena (1998) e Lopes (1993). Além desses, apresentaremos também outros três trabalhos em torno do tema, quais sejam, os de Maia (2009), Franceschini (2011) e Vitório (2017). Para finalizar, retomamos alguns pontos levantados por Castilho (2010).

O primeiro estudo sobre a variação *nós* e *a gente* que abordaremos é o de Menon (1994), que tratou do fator indeterminação do sujeito, o qual incluiu as variáveis *nós* e *a gente*. Apesar de o estudo não ter como objetivo a análise da variação pronominal mencionada, seus resultados se mostram relevantes para compreender esse tipo de variação na fala paulista. O *corpus* de sua pesquisa foram entrevistas do Projeto de Estudo da Norma Urbana Culta da cidade de São Paulo (Projeto NURC-SP).

Entre os resultados obtidos, os pronomes *nós* e *a gente* estiveram presentes nas variáveis sociais sexo/gênero, estilo e faixa etária. Tais resultados foram comparados com os do Projeto de Variação Linguística na Região Sul do Brasil (Projeto VARSUL). Os resultados mostraram preferências pelo uso dos pronomes *nós* e *a gente* de acordo com a faixa etária e sexo/gênero dos participantes, sendo a forma *a gente* mais utilizada pelos mais jovens (MENON, 1994).

O segundo trabalho é o de Omena (1998), o qual se baseou no falar de participantes com formação até o Ensino Médio da capital Rio de Janeiro (RJ). O estudo contou com participantes de diversas faixas etárias, tendo por foco pesquisas das variáveis *nós* e *a gente* e o fator saliência fônica desses pronomes. Além disso, tempo e aspecto verbais, fatores semânticos como indeterminação e número maior ou menor de referentes e as variáveis

sociais idade e escolaridade foram abordados (OMENA, 1998).

Como resultado, observou-se que certas funções sintáticas e terminações morfológicas, como a desinência verbal *–mos*, influenciavam o contexto de escolha dos pronomes pelos participantes. No trabalho de Omena (1998), assim como no anterior, os resultados também apontaram para um maior uso da forma inovadora *a gente* por parte dos falantes mais jovens.

O terceiro estudo, de Lopes (1993), tratou da fala de participantes com formação universitária completa oriundos de três regiões do País, Sudeste, Sul e Nordeste, em comparação com os resultados da pesquisa de Omena (1998). Os fatores analisados foram: paralelismo formal, sexo/gênero associado à faixa etária, saliência fônica, região geográfica, o eu- ampliado, tempo verbal, e modalização discursiva (LOPES, 1993).

Os resultados de Lopes (1993) mostraram que, entre os fatores analisados, houve uma preferência pelo pronome *a gente* no falar dos mais jovens. Com isso, esse trabalho, revela, assim, muitas semelhanças com os resultados evidenciados na pesquisa de Omena (1998).

No quarto estudo em que nos baseamos, Maia (2009) apresenta estudos das variantes *nós* e *a gente* nos dialetos das capitais Recife (PE), Salvador (BA), Rio de Janeiro (RJ), São Paulo (SP) e Porto Alegre (RS), nos estudos dos seguintes autores: Albán et alii (1991), Abraçado (1991), Menon (1994), Lopes (1999) e Zilles (2002). Além desses, segundo a autora, estudos feitos em outras regiões do País indicaram uma tendência à mudança no uso dos pronomes e não apenas uma variação (MAIA, 2009, p. 48).

De acordo com Maia (2009), os estudos da variável *a gente* costumam, sem exceção, não levar em consideração os contextos de resistência ao uso desse pronome, podendo ser agrupados em duas hipóteses de acordo com a influência de mudança: (1) a alteração no paradigma pronominal levaria ao empobrecimento da morfologia verbal, o que é defendido nos trabalhos de Menon (1996, 1995), Lopes (1999), Zilles (2002), Omena (2003); (2) as alterações na morfologia verbal levariam à mudança no paradigma pronominal, uma posição defendida por Abraçado (1991) e também por Maia (2009) ao trabalhar a variação *nós* e *a gente* no dialeto do estado de Minas Gerais (MG) (MAIA, 2009, p. 48).

No trabalho de Maia (2009), a autora adotou no estudo de seus dados a segunda hipótese, a de enfraquecimento da morfologia verbal como gatilho de mudança na escolha pronominal de 1PP (MAIA, 2009, p. 52). Em nosso estudo, porém, adotamos a primeira hipótese, a de que a alteração no paradigma pronominal levaria ao empobrecimento da

morfologia verbal, uma vez que consideramos que é a inserção da forma inovadora *a gente* que provocaria mudanças no paradigma pronominal.

O quinto estudo é o de Franceschini (2011). Nesse trabalho, a autora fez a análise e a comparação de duas variações pronominais no PB, *nós/a gente* e *tu/você*, no falar de Concórdia, no estado de Santa Catarina (SC). A partir da descrição, com os resultados, as duas variações foram comparadas, a fim de se saber se as tendências são semelhantes. Assim, por meio de sua amostra, a autora analisou os fatores faixa etária, sexo/gênero e escolaridade, bem como a determinação do referente.

No geral, da mesma maneira que os trabalhos anteriores, os resultados de Fransceschini (2011) indicaram um maior uso da variante *a gente*, algo parecido com os resultados do uso de *você* nessa comunidade de fala (FRANCESCHINI, 2011). Com isso, consideramos, neste trabalho, que o processo de variação dos pronomes *nós* e *a gente*, com algumas observações, se comporta de forma similar a *tu* e *você*, em alguns falares, sendo, assim, um parâmetro para possível reflexão acerca da variação pronominal no PB.

O trabalho de Vitório (2017), o último estudo que retomamos, assinala que o pronome *a gente* vem sendo utilizado desde os séculos XVII e XVIII no Brasil (VITÓRIO, 2017, p. 124), o que mostra que seu surgimento não é tão recente como popularmente pode se pensar. Além disso, segundo a autora, haveria uma preferência dos falantes brasileiros pela utilização da forma *a gente* em detrimento da forma *nós*.

Mesmo assim, como mostra o estudo de Vitório (2017), em boa parte das GN brasileiras e manuais didáticos voltados para o ensino de língua materna, oferecidos a professores, os quadros pronominais do PB apenas apresentam o pronome reto *nós*, os pronomes oblíquos *nos* e *conosco* e os pronomes possessivos *nosso*, *nossos*, *nossa* e *nossas* (VITÓRIO, 2017, p. 123).

Por fim, ao tratarmos do uso os pronomes *nós* e *a gente*, vale acrescentar que, segundo Ataliba de Castilho (2010), o uso dessas formas não se restringe à mera alternância de escolha por parte dos falantes, ao passo que há também a possibilidade de uso de *nós* e *a gente* seguido de verbo tanto na 1PP quanto na 3PS na modalidade oral.

Como mostram os trechos a seguir indicados pelo Castilho (2010), existiria a possibilidade de alternância no PB: "*nós* rimos muito ontem à noite, e aí *a gente* começamos a se entender" e "*nós* tem uma sinuquinha lá que nós fizemos, *a gente* não se fala legal" (CASTILHO, 2010, p. 478, grifos do autor). Dessa maneira, percebe-se, em ambos os exemplos, tanto uma variabilidade na escolha dos pronomes quanto uma presença e ausência de concordância verbal como a norma-padrão prescreve.

Em síntese, com base nos estudos delineados, podemos tecer as seguintes considerações sobre o uso dos pronomes *nós* e *a gente* no PB: a forma *a gente* é utilizada em praticamente todas as grandes regiões brasileiras, sendo, por isso, um pronome característico do PB; as faixas etárias mais jovens fazem maior uso da forma *a gente* em detrimento da forma *nós*, o que evidencia um provável processo de mudança em progresso; neste estudo, consideramos que a alteração no paradigma pronominal é que levaria ao empobrecimento da morfologia verbal; a variação dos pronomes *tu* e *você* pode se comportar de maneira análoga à dos pronomes *nós* e *a gente*, servindo, assim, como parâmetro para se entender a variação aqui estudada; na modalidade oral, ao contrário do que prescreve a norma-padrão, a forma *nós* pode ser seguida de verbo com morfema de 3PS (ø), e a forma *a gente* pode ser seguida de verbo com morfema de 1PP (*-mos*).

1.4 Trabalhos sobre a variação pronominal *nós* e *a gente*

A partir das considerações levantadas, visamos retomar estudos mais recentes acerca da variação linguística na escolha pronominal de 1PP, que envolve, nesse caso, os pronomes *nós* e *a gente*, no contexto do PB. A partir de trabalhos voltados a essa temática, procuramos evidenciar aqui resultados que indicam a preferência dos falantes, tendo em vista diferentes fatores de natureza linguística, como preenchimento do sujeito, por exemplo, e social, tais como faixa etária, sexo/gênero e escolaridade.

Os estudos escolhidos tiveram por enfoque: a modalidade oral espontânea, como os de Araújo (2016), Deon (2015), Gonçalves (2003), Nascimento (2013), Santana (2014) e Vieira (2014), que tratam do falar regional de determinadas localidades; a modalidade oral monitorada, no caso de Tavares (2014), ao abordar a fala de âncoras do telejornalismo da TV Globo; e a modalidade escrita, como Silva (2013), em produções jornalísticas escritas do jornal *Zero Hora*, e Oliveira (2017), na produção literária infantojuvenil regional gaúcha. Todos esses trabalhos foram desenvolvidos durante a segunda década dos anos 2000 e utilizam, com exceção da abordagem gerativista de Vieira (2014), a teoria variacionista.

Os resultados dos estudos assinalam, em sua maioria, tal qual analisaremos, uma prevalência do pronome *a gente* sobre o pronome *nós*. Nesse ponto, os autores já consideram a sequência artigo definido seguido de substativo, *a gente*, gramaticalizada, isto é, o item lexical que, outrora era um substantivo, agora atua como um pronome (OLIVEIRA, 2017, p. 22). Tal uso do pronome inovador, com valor semântico

correspondente ao tradicional *nós*, pode sinalizar, assim como em estudos anteriores, uma possibilidade de mudança em andamento no atual quadro pronominal brasileiro.

Em síntese, trataremos especificamente, dos estudos da modalidade oral espontânea e daqueles de modalidade oral monitorada, bem como o de modalidade escrita (SILVA, 2003). Assim, destacaremos o objeto de pesquisa de cada estudo, sua fundamentação teórica, a metodologia utilizada, o tipo de *corpus* analisado e os resultados encontrados. Com isso, de maneira geral, procuraremos descrever o fenômeno em questão nos trabalhos selecionados.

O estudo de *corpus* oral espontâneo, isto é, de entrevistas orais com menor interferência do pesquisador, é uma das escolhas preferenciais no estudo da variação. Isso se dá por conta da fidedignidade decorrente de tal método, que permite ao participante se manifestar de forma mais natural. Dessa maneira, aliado ao registro quantitativo, o estudo da variação e da mudança linguística pode dar indícios do estado de determinadas comunidades de fala, como as localidades geográficas.

Dos estudos referentes a esse tema, tratamos, nesta seção, de Nascimento (2013), Gonçalves (2003), Santana (2014), Deon (2015) e Araújo (2016), com a metodologia laboviana, e Vieira (2014), com a abordagem gerativista. Em todos esses autores, percebemos uma preocupação com o falar próprio de determinadas localidades. Por isso, acabam por possuir, como indicam, uma escolha de *corpora* de modalidade oral espontânea ao abordar a variação pronominal *nós* e *a gente* no PB.

O primeiro estudo, o de Nascimento (2013), analisa o uso dos pronomes *nós* e *a gente* em posição de sujeito, por meio de fatores sociais e linguísticos, na cidade de Salvador (BA). Para isso, a autora lançou mão de 24 inquéritos do *corpus* do Projeto Norma Linguística Urbana Culta da cidade de Salvador (Projeto NURC-SSA). Os participantes escolhidos, nesse projeto, eram de nível superior e faziam parte da primeira e da terceira faixa etária dos inquéritos dos anos 1970. A autora, além disso, retoma a trajetória do estudo de *a gente* por meio de gramáticos e linguistas. Para análise dos dados, a autora utilizou o programa *GoldVarb 2001*. Após receber os resultados dos inquéritos de 1970, esses dados foram confrontados com os resultados dos inquéritos dos anos 1990.

Nesse estudo, as análises deram como resultado que o uso de *nós* era maior pelos falantes com idade mais avançada na década de 1970 (72% e 0.67), e que seu uso era menor pelos participantes da década de 1990 (31% e 0.33), o que indica maior ocorrência do pronome *a gente* nessa década. Tais resultados podem assinalar, assim como os resultados de estudos aqui analisados, uma mudança em curso, com a implementação de *a gente* no

falar dos mais escolarizados de Salvador (BA). Além dessa variável social, o uso do pronome conservador *nós* foi maior entre os participantes homens (83% e 0.87) e com idade mais avançada (64% e 0.76) na década de 1970. Em 1990, porém, há menor ocorrência desse pronome com os homens (37% e 0.23) e maior com os falantes da faixa etária mais avançada (81% e 0.66). As participantes mulheres mantiveram índices baixos de uso do pronome canônico *nós* em ambas as décadas, década de 1970 (55% e 0.43) e década de 1990 (27% e 0.26).

Os resultados também apresentaram, em relação à variável dependente, maior favorecimento de *nós*, explícito ou não explícito (51,8%), do que *a gente*, explícito ou não explícito (48,2%). Houve desfavorecimento do uso de *nós* como sujeito explícito (0.33), sem dados de porcentagem, e favorecimento do pronome *nós* como sujeito implícito (0.93), sem dados de porcentagem. No estudo, como resultado, o pronome canônico *nós* esteve em nível de referencialidade mais associado ao grupo específico com o falante (49% e 0.55) e o pronome inovador *a gente* a contextos de maior indeterminação, com menor ocorrência da forma *nós* (61% e 0.24).

Os pronomes *nós* e *a gente* também concorrem em grande escala na classificação da sentença, sendo *nós* de maior uso em frases negativas (55% e 0.58) e menor em frases afirmativas (50% e 0.47). Na variável paralelismo discursivo, percebeu-se que o uso de *nós* como forma antecedente facilita seu uso posterior em uma mesma sequência (100%), assim como *a gente* (100%). Já em no tempo verbal, os tempos do futuro do pretérito (92%) e futuro do presente (66%), no modo indicativo, e no presente do modo subjuntivo (64%) favoreceram as maiores ocorrências de *nós*. Assim, formas mais salientes, que apresentam marcas, favorecem o uso do pronome canônico, ao contrário de formas menos salientes, que favorecem o uso do pronome inovador *a gente*. O pronome *a gente* aparece em maior grau no modo infinitivo, com pequeno uso de *nós* (37%), diferentemente dos modos gerúndio e particípio, que indicaram empate entre as formas *nós* e *a gente* (50%)

O tipo de oração evidenciou neutralidade no favorecimento de *nós* e *a gente*. Na variável tipo de verbo, o verbo de ligação desfavoreceu o uso de *nós* (20%), e os verbos transitivos (53%) e intransitivos (49%) mostraram neutralidade de escolha. O tipo de texto que mais favoreceu a ocorrência do pronome *nós* foi o texto descritivo (72%). Além disso, não houve diferenças na alternância de *nós* e *a gente* na representação do sujeito.

No segundo trabalho de que tratamos, Gonçalves (2003) estuda a variação dos pronomes *nós* e *a gente* no falar da capital Belo Horizonte (MG). Para isso, a autora delimita como parâmetro de escolha dos dados as ocorrências relacionadas às funções

sintáticas de sujeito, complemento e adjunto. O *corpus* do estudo é composto por 24 entrevistas espontâneas com falantes que residiam por no mínimo cinco anos no município de Belo Horizonte (MG), sendo uma parte dessas entrevistas retirada do projeto Descrição Sócio-Histórica do Português de Belo Horizonte. Os fatores linguísticos escolhidos para análise foram: função gramatical, desinência número-pessoal, transitividade verbal, tempo verbal, localização da frase, referência e disposição da variável na sequência do discurso. Já os fatores extralinguísticos foram: sexo/gênero, faixa etária, logradouro, classe social, escolaridade e estilo de fala. O programa estatístico adotado para a análise quantitativa foi o *GoldVarb 2001*. Como fundamentação teórica, a autora retoma os estudos de Lopes (1999), Maia (2009), Omena (1996), entre outros.

Os resultados do estudo indicaram que os fatores que desfavoreceram o uso da forma *a gente* foram: estilo de fala, transitividade verbal, gênero, localização na frase, nível de escolaridade e referência. Já os grupos que favoreceram o uso dessa forma inovadora, em ordem de relevância, foram: desinência número-pessoal, disposição da variável na sequência do discurso, classe social, função gramatical, logradouro, tempo verbal, faixa etária e saliência fônica. Além disso, conforme a autora, um grupo de fatores não foi selecionado pelo programa estatístico *GoldVarb 2001*, devido ao nível de significância. Nesse ponto, os grupos de fatores não selecionados por serem não significativos foram: sexo/gênero, nível de escolaridade, estilo de fala, transitividade verbal, referência e localização na frase. Em contrapartida, os grupos de fatores selecionados como significativos foram: desinência número-pessoal, disposição da variável na sequência do discurso, classe social, função gramatical, faixa etária, logradouro, tempo verbal e saliência fônica.

De acordo com os resultados, o fator desinência número-pessoal se mostra determinante, dado que, quando a forma *a gente* é seguida de desinência de 3PS (morfema zero – ø), a forma *a gente* se favorece (0.75). No fator disposição da variável na sequência do discurso, a ocorrência da forma *a gente* foi favorecida nos seguintes contextos: quando o antecedente era a forma *a gente* com referente igual (0.75), quando o antecendente era a forma *a gente* com referente diferente (0.58) e quando o antecedente era a forma *nós* com referente diferente (0.78). No fator classe social, os resultados indicaram que a forma *a gente* é favorecida no falar da classe média alta (0.79). Ademais, no fator função gramatical, a forma *a gente* demonstrou ser mais favorecida na função sintática de adjunto (0.75). No fator logradouro, a região que demonstrou mais favorecer o uso da forma *a gente* é a Zona Central (0.64). Já no fator tempo verbal, a forma *a gente* é mais favorecida

quando o tempo é o presente (0.67). Por fim, no fator saliência fônica, o nível 1 (falava/falávamos, fala/falamos, trouxe/trouxemos, disse/dissemos, soube/soubemos), o mais saliente, é o único que favorece o uso da forma *a gente* (0.61).

Neste trabalho, o resultado geral indicou que a forma *a gente* é mais utilizada do que a forma *nós*, sendo que, do total de 484 ocorrências registradas, 364 ocorrências (75%) foram da forma *a gente* e 120 ocorrências foram da forma *nós*. Os resultados do estudo, enfim, mostram que a forma *a gente* é percentualmente mais usada do que a forma *nós* por falantes mais jovens e com idade mais avançada e se favorece no falar dos mais jovens (78% e 0.67), sendo desfavorecida no falar dos falantes com idade mais avançada (73% e 0.40). Dessa maneira, o estudo constata que a variação pronominal *nós* e *a gente* em Belo Horizonte (MG) indica um processo de mudança em progresso, uma vez que a forma inovadora *a gente* é mais utilizada tanto por falantes mais jovens quanto por falantes com idade mais avançada.

O terceiro estudo é o de Santana (2014). A localidade escolhida pelo autor é também a capital Salvador (BA). Nesse caso, são descritos e analisados o uso dos pronomes *nós* e *a gente* na função de sujeito discursivo no falar popular do município. O *corpus* da pesquisa é do Programa de Estudos do Português Popular Falado em Salvador (PEPP). Com isso, a partir desses dados, foram analisados 12 inquéritos, com divisão em três faixas etárias e escolaridade em Ensino Fundamental I, Ensino Fundamental II e Ensino Médio. A ferramenta utilizada para o trabalho com os dados foi o pacote de programas *Varbrul*. Ademais, os resultados do estudo foram comparados com os de estudos anteriores, tais quais Omena (1996), Lopes (1993) e Nascimento (2013).

Com esse estudo, os seguintes fatores foram favoráveis na posição de sujeito: paralelismo discursivo, com o antecedente *nós* (68% e 0.86) e antecedente zero com verbo na 1PP (95% e 0.98); indeterminação do sujeito, em que contextos com forma de referência determinada favoreceram o uso de *nós* (44% e 0.64); saliência fônica, em que se confirmou a hipótese de que uso da forma *nós* seria favorecido pelo maior grau de saliência, tendo como exemplo máximo a redução dos ditongos e acréscimo da desinência *-mos* (60% e 0.78); faixa etária, com menor uso de *nós* pelos mais jovens (9% e 0.19) e maior uso de *nós* pelos falantes com idade mais avançada (38% e 0.67) e um decréscimo na fase intermediária (26% e 0.64); e a escolarização, que quando é maior é favorece o uso de *nós* (30% e 0.58) e quando média, o pronome *a gente* (0.86), sem dados de porcentagem. Apesar disso, os resultados da pesquisa indicaram que o pronome *a gente* (76%) é mais utilizado do que *nós* (24%) em Salvador (BA), possuindo o triplo de ocorrência.

Ademais, vale considerar que os resultados da análise geral do estudo se mostraram similares aos de outras pesquisas do NURC – Projeto Norma Linguística Urbana Culta (LOPES, 1993; NASCIMENTO, 2013), mesmo que aqui uso do pronome inovador *a gente* na função de sujeito estivesse muito mais marcante na fala popular do PEPP (Programa de Estudos do Português Popular Falado em Salvador) do que na fala mais culta do NURC. Por fim, o autor, ao comparar seus resultados com o de outras pesquisas (OMENA, 1996; LOPES, 1993; LUCCHESI, 2009; NASCIMENTO, 2013), constatou que houve concordância na maioria dos casos com os dados do PEPP, o que aponta para um maior uso da variante *a gente* no PB.

O próximo trabalho é o de Deon (2015), que analisou, na posição de sujeito, a variação *nós* e *a gente*, no falar de Guarapuava, no estado do Paraná. Para embasamento teórico, a autora revisitou resultados de outros trabalhos (OMENA, 1996; LOPES, 1999; MENON, LAMBACH, LANDARIN, 2003; SEARA, 2000; BORGES, 2004; TAMANINE, 2002, 2010; FRANCESCHINI, 2011) para desenvolver seu estudo. O *corpus* escolhido procede do Banco de Dados de Guarapuava (VARLINGUA), coletados entre os anos de 2014 e 2015. O número de participantes são 24, sendo estratificados em: sexo/gênero (masculino e feminino); faixa etária (25 a 45 anos e 50 anos ou mais); e escolaridade (1 a 4 anos, 5 a 8 anos e 9 a 12 anos de estudo no ensino básico). O programa utilizado para quantificação dos dados foi o *GoldVarb X*.

Os resultados da pesquisa confirmaram a hipótese da autora de que a comunidade utilizaria mais a variante inovadora *a gente*. Em uma análise geral, foram encontrados o percentual de 53% de uso para a forma *a gente* e 47% de uso para a forma *nós*. Além disso, as variáveis linguísticas, a saber, a tonicidade, o tempo verbal, a presença ou a ausência do pronome, o tipo de texto, a determinação do referente, e sociais, como escolaridade, sexo/gênero e faixa etária, corroboraram com essa tendência.

O uso do pronome inovador *a gente* foi favorecido pelos seguintes fatores linguísticos em posição de sujeito: os verbos monossílabos tônicos e oxítonos (96% e 0.95), os tempos presente do indicativo (69% e 0.64) e pretérito imperfeito (50% e 0.58), a presença do pronome (62% e 0.58), o texto argumentativo (74% e 0.65) e a indeterminação do referente (89% e 0.80). Já os fatores sociais que beneficiaram essa variante foram: a escolaridade até o Ensino Médio (65% e 0.60), o sexo/gênero feminino (57% e 0.56) e a faixa etária mais jovem (58% e 0.53). A concordância verbal foi retirada

da amostra devido a nocautes[10].

O uso do pronome canônico *nós* apresentou mais recepção entre os falantes da faixa etária mais avançada (52% e 0.53), e o pronome inovador *a gente* foi favorecido pelos falantes mais jovens (58% e 0.53). Por isso, pôde-se afirmar, com os resultados, que os falantes de Guarapuava (PR) estão usando mais o pronome *a gente* do que nós. Ou seja, o estudo aponta para um possível indício de mudança em curso nessa localidade.

O próximo estudo a ser analisado é de Araújo (2016), que tem por objeto o falar do município de Fortaleza, no estado do Ceará, região Nordeste do Brasil. Como fundamentação para suas reflexões, o autor retoma diversos teóricos que abordaram a variação *nós* e *a gente* nas cinco regiões do Brasil. Para o *corpus*, o trabalho parte do banco de dados da Norma Oral do Português Popular de Fortaleza (NORPOFOR), que contacta 53 participantes de diferentes faixas etárias e variado nível de escolaridade, com divisão em sexo/gênero. Ademais, o programa para quantificação de dados foi o *GoldVarb X*.

Os resultados do estudo de Araújo (2016) indicaram que a variável simetria entre os interlocures foi a variável mais selecionada pelo programa de quantificação dos dados. Nessa variável, o fator muito simétrico, em participantes mais jovens e de mesmo sexo/gênero, favoreceu o uso da variante *a gente* na função de sujeito (84,1% e 0.764), e, em participantes da faixa etária mais avançada, o uso da variante *nós* (63,8% e 0.268). A segunda variável mais selecionada foi preenchimento do sujeito, com favorecimento do pronome *a gente* em contextos em que o sujeito é preenchido (75,4% e 0.590). Nesse ponto, quando o sujeito era nulo, havia pouco uso do pronome *a gente* (6,7% e 0.020), com favorecimento do pronome canônico *nós*. Ademais, a variável inovadora *a gente* era favorecida quando os participantes eram mais simétricos, de mesmo sexo/gênero (87,5%), enquanto que entre participantes parcialmente simétricos, de sexos/gêneros diferentes, o pronome *nós* era favorecido (66,70%), não importando se o sentido de referência era mais geral ou mais específico.

Ainda nas variáveis linguísticas, o tipo de verbo foi outra variável selecionada como importante. Nesse ponto, houve favorecimento de *a gente* na função de sujeito com verbos *discendi* (92,3% e 0.981). Na função de sujeito, o verbo *ter* (74,8% e 0.512) e os verbos de ação (66,1% e 0.516) favoreceram o uso do pronome inovador. Além do tipo de

[10] De acordo com Guy e Zilles (2007, p. 166), fatores que não contribuem para a análise, como contextos de nocaute ou efeito categórico (0% ou 100%), *singleton group* ou de pouca ocorrência e um percentual não maior do que 10%, devem ser descartados ou amalgamados a fim de que se faça uma análise eficiente.

verbo, o tempo verbal também foi considerado relevante nas rodadas do programa. Com essa variável, a forma *a gente* foi favorecida pelo fator pretérito imperfeito do indicativo entre mulheres mais simétricas (73,3% e 0.717).

No estudo de Araújo (2016), o restante das variáveis linguísticas mais relevantes nos resultados foram estrutura do verbo e posição do sujeito em relação ao verbo. No primeiro, o fator muito simétrico favoreceu o uso da variante inovadora *a gente* (72,5% e 0.678). No último fator, os resultados indicaram favorecimento de *a gente* depois do verbo (70,5% e 0.761).

Além disso, das variáveis sociais, os fatores escolaridade, faixa etária e sexo/gênero foram selecionados. No primeiro e segundo fatores, os resultados indicaram, sem pesos relativos que os mais jovens optaram por usar a forma *a gente* (87%), enquanto que os da faixa etária mais avançada a forma *nós* (13%), o que pode indicar um processo de mudança em curso. Por último, em todas as rodadas do fator sexo/gênero, os resultados apontaram uma tendência de maior favorecimento de *a gente* entre as mulheres mais jovens (75,3 e 0.679).

No geral, os resultados gerais de Araújo (2016) evidenciaram que a forma inovadora *a gente* é mais utilizada do que a forma conservadora *nós*, pois, enquanto a forma *nós* apresentou 33% das ocorrências, a forma *a gente* indicou 67% de uso. Assim, o estudo demonstra um maior uso da forma *a gente* no falar de Fortaleza (CE).

Por fim, diferentemente dos anteriores, Vieira (2014) não utiliza a abordagem variacionista, mas a abordagem gerativista, com base nos postulados teóricos da gramática gerativa para mudança linguística, para descobrir se a variação *nós* e *a gente* é uma variação estável ou uma mudança em progresso. No estudo, a autora parte da hipótese de que ambas as variantes coexistem.

Como localidade de análise no estudo de Vieira (2014), Vitória da Conquista (BA) é a escolhida, por meio de dados do *corpus* Fala Popular de Vitória da Conquista (FPVC). O número de participantes analisados são 12, com 818 ocorrências de *nós* e *a gente*. O programa utilizado para análise dos dados é o *GoldVarb*. Além disso, assim como outros trabalhos que analisamos, a autora procura estudos sobre o processo de gramaticalização de *a gente* e as características do paradigma pronominal do PB para basear suas reflexões.

Para Vieira (2014), os resultados de sua pesquisa indicaram que, na posição de sujeito, o uso do pronome *a gente* foi mais favorecido, com 400 casos (67%), e o pronome *nós*, com 179 realizações (30%), em um total de 654 casos. Já na explicitude do sujeito, percebeu-se preferência pelo sujeito explícito em ambos os pronomes, sendo 501 casos

(84%) de 597. Por fim, o tipo de verbo mais comum com o uso de *nós* em pronome nulo foi o verbo acusativo (53,1%), e o tipo de predicado mais utilizado foi o predicado simples (79,4%).

De maneira geral, no estudo de Vieira (2014), os resultados de ocorrências dos pronomes *nós* e *a gente* revelaram que essas formas coexistem na gramática da língua e não se configuram como reflexo de competição de gramáticas[11], uma vez que houve um grande número de ocorrências de *nós* concordando com verbo sem a desinência verbal de 1PP *-mos*, com categoria vazia (Ø). Ou seja, o pronome *nós* seguido de verbo na 3PS (79,4%) foi maior que seu uso seguido de verbo na 1PP (P4) (19,5%). Isso mostra uma tendência de não se marcar de forma redundante a concordância de número. Além disso, os fatores sociais sexo/gênero e faixa etária indicaram que o pronome inovador *a gente* é o preferido em todas as três faixas etárias do sexo/gênero masculino (F1: 87,7%, F2: 60,3%, F3: 56,2%) e nas faixas 1 e 3 do sexo/gênero feminino (F1: 67,8%, F3: 79,7%). Com isso, os resultados de Vieira (2014) demonstram que a escolha de um ou outro pronome se dá devido a possibilidades de combinação, em que as ocorrências alternadas de ambos os pronomes nos dados não os definem como em competição.

Além da modalidade oral espontânea que vimos, a modalidade oral monitorada e a modalidade escrita são fontes para estudo da variação e da mudança. No caso da modalidade oral monitorada, um exemplo característico é o falar dos âncoras nos telejornais. Diferentemente do falar espontâneo, o falar monitorado demonstra uma preparação maior por parte do locutor e menor liberdade na escolha do interlocutor nos turnos de fala. Já a modalidade escrita engloba gêneros textuais literários e jornalísticos, que permitem uma maior liberdade na escolha de variantes, que depende, obviamente, do grau de formalidade do texto.

O estudo de Tavares (2014) trata do falar de âncoras da televisão brasileira, que se dá em curtos espaços de tempo e com o objetivo de informação e entretenimento. Já os trabalhos de Silva (2013) e Oliveira (2017), ao contrário, se preocupam com a modalidade escrita. No caso da primeira autora, Silva (2013), seu enfoque são as produções jornalísticas escritas do jornal *Zero Hora*, do Grupo RBS. Já a última, Oliveira (2017), aborda um conjunto de textos literários infantojuvenis dos anos 1970, 1980 e 1990 do Rio Grande do Sul (RS).

[11] Na perspectiva gerativista, o processo de mudança linguística se constitui em competição de gramáticas. Assim, de maneira diferente da teoria variacionista, que vê a variação como algo inerente à própria gramática, para o gerativismo, a mudança dá indício de um novo sistema em uso (KROCH, 1994).

O primeiro trabalho, de Tavares (2014), aborda a variação pronominal *nós* e *a gente* na fala dos principais telejornais da TV Globo, a saber *Bom Dia Brasil*, *Jornal Hoje*, *Jornal Nacional* e *Jornal da Globo*. Como a maioria dos estudos anteriores, a abordagem utilizada é a variacionista. Nesse caso, o *corpus* é composto por gravações dos telejornais com a transcrição de fala dos âncoras. O programa utilizado é o *GoldVarb 2001*. No estudo, a autora segue a proposta de Tarallo (1986), de abordagem de meios de comunicação para comprovação de fenômenos variáveis, e revisita o quadro pronominal do PB.

Os resultados do trabalho de Tavares (2014) revelaram que o uso do pronome *a gente* teve influência dos fatores: presença e ausência do pronome, sexo/gênero e o tipo de telejornal. Aqui o fator presença e ausência do pronome, em relação à variável social sexo/gênero, foi apontado como relevante para se compreender o favorecimento do pronome inovador, pois as mulheres tinham a tendência de usar mais o pronome inovador do que os homens, sendo 0,79 de uso de *a gente* pelas mulheres e 0,69 de uso da forma conservadora *nós* pelos homens. Além disso, o ocorrência da forma *a gente* foi favorecida nos seguintes telejornais: *Jornal Hoje*, *Jornal Nacional* e *Jornal da Globo*.

Em síntese, o estudo de Tavares (2014) apontou um maior uso de *a gente* na fala dos âncoras dos telejornais *Jornal Hoje*, *Jornal Nacional* e *Jornal da Globo*, bem como indicou a influência dos fatores presença ou ausência do pronome, sexo/gênero e o tipo de telejornal. Assim, pôde-se compreender quais fatores influenciaram na escolha pronominal dos âncoras e também o maior uso do pronome inovador *a gente* nesse ambiente.

O próximo estudo é o de Silva (2013) que também trata sobre o estudo da variação pronominal de 1PP na escrita, tendo como objeto, no caso, o jornal gaúcho *Zero Hora*. O *corpus* foi constituído por textos de opinião e de entrevistas do ano de 2011. Desses textos, 3.532 dados foram coletados, sendo provenientes da análise de 2.103 textos de autoria. A abordagem variacionista, como no estudo anterior, também serviu de base para a análise dos dados. O programa para codificação e análise de dados foi o *GoldVarb 2003*. A fundamentação teórica do trabalho foram o processo de gramaticalização de *a gente* no PB e seu quadro de pronomes, bem como resultados de trabalhos anteriores com a temática da variação pronominal *nós* e *a gente*, a saber Omena (1996), entre outros.

Silva (2013) chegou ao resultado que o uso do pronome inovador *a gente* foi favorecido pelos gêneros discursivos reflexão, humorístico e entrevista, e não pelos gêneros discursivos alerta e crítica como se esperava. Além disso, os fatores paralelismo formal e saliência fônica não exerceram influência na forma de realização do pronome de 1PP, assim como o tempo verbal não se mostrou relevante. O trabalho indicou, ademais,

que o tipo de referenciação utilizado no uso de *a gente* foi principalmente a referenciação indeterminada.

O estudo de Silva (2013), enfim, salientou que a linguagem jornalística em modalidade escrita desfavoreceu o uso do pronome inovador *a gente*. Esse resultado foi originado do número de dados totais coletados, 3.532 dados, provenientes de análise de 2.103 textos do jornal. Em síntese, com o estudo, as variáveis determinação do referente e gênero discursivo se mostraram importantes para se compreender o uso de *a gente* no texto jornalístico escrito.

Por último, Oliveira (2017), a fim de lançar luz sobre o estudo variacionista de *nós* e *a gente* na escrita, escolheu textos literários infantojuvenis dos anos 1970, 1980 e 1990, do estado do Rio Grande do Sul (RS), para seu estudo. O total de escritores analisados foram dez: Charles Kiefer, Cláudio Levitan, Diana Noronha, Jane Tutikian, Luís Dill, Lygia Bojunga Nunes, Marcelos Carneiro da Cunha, Moacyr Scliar, Sérgio Caparelli e Walmir Ayala. Mesmo que em modalidade escrita, a metodologia utilizada pela autora é a laboviana, com consideração de fatores linguísticos e sociais. Para o tratamento dos dados, o pacote de programas *Varbrul* foi escolhido. Já os autores que serviram de base para a realização do estudo foram Borges (2004), Labov ([1972] 2008), entre outros.

Nesse estudo, obteve-se como resultado, com a análise de obras de três décadas diferentes (1970, 1980 e 1990), que o pronome inovador *a gente* se faz presente em todas as obras analisadas. Seu uso ora indicava sentido de pronome indefinido ora de pronome pessoal, com referência à 1PP no discurso. Ademais, o fator formas pronominais apontou um maior uso do pronome pleno com a forma *a gente* (42%) e um maior uso do pronome nulo com a forma *nós* (49%), tendo o registro de pronome pleno ou preenchido um maior percentual para a forma *a gente* (90,3%) do que para o pronome canônico *nós* (9,7%). O tipo de discurso que favoreceu o maior uso de *a gente* foi o diálogo, com dados acima de 90%. Além disso, os personagens retratados como de classe mais alta favoreceram o uso da forma inovadora, enquanto os de profissão técnica e manual desfavoreceram seu uso.

Por fim, apesar do avanço no campo da escrita, a autora reconhece a necessidade de maiores estudos na área, salientando as limitações decorrentes da importância de se realizar novas rodadas estatísticas e da falta de delimitação de contextos sintáticos relacionadas à variação estudada. Além disso, não foi possível, no estudo, determinar quais gêneros discursivos estariam influenciando a variação dos pronomes e seu uso pleno e nulo. No geral, o estudo se fez bastante relevante por trazer maiores indícios do uso de *a gente* na modalidade escrita e ampliar os estudos sociolinguísticos nesse tipo de registro.

CAPÍTULO 2: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Como já mencionado, este trabalho se orienta pelo conjunto de procedimentos evidenciados pela Teoria da Variação e da Mudança Linguística proposta por Labov ([1972] 2008), a qual estabelece a interação entre língua e sociedade como determinantes para a variação e a mudança linguísticas, que são objetos dessa investigação científica.

Em nossa pesquisa, para investigar a variação linguística, trabalhamos com uma variável dependente e variáveis independentes, divididas em fatores linguísticos e extralinguísticos, que, apesar de aparentemente distintos, se unirão em um ponto de confluência que determinará a interpretação dos resultados aqui examinados.

Para nosso estudo, partindo dos pressupostos variacionistas, estudamos a língua em seu *vernáculo*, isto é, em seu uso espontâneo por parte dos falantes. Por meio dessa escolha, portanto, optamos por trabalhar com um *corpus* de enfoque na modalidade oral, extraído de entrevistas sociolinguísticas realizadas em uma comunidade de fala específica.

Ao tratar do estudo variacionista, os autores Guy e Zilles (2007) salientam que:

> A realização de análises quantitativas possibilita o estudo da variação linguística, permitindo ao pesquisador apreender sua sistematicidade, seu encaixamento linguístico e social e sua eventual relação com a mudança linguística (GUY; ZILLES, 2007, p. 73).

Nessa abordagem, portanto, lançamos mão incialmente de uma coleta de dados feita pelo documentador junto aos sujeitos da pesquisa e, em seguida, da respectiva análise quantitativa da amostra recolhida.

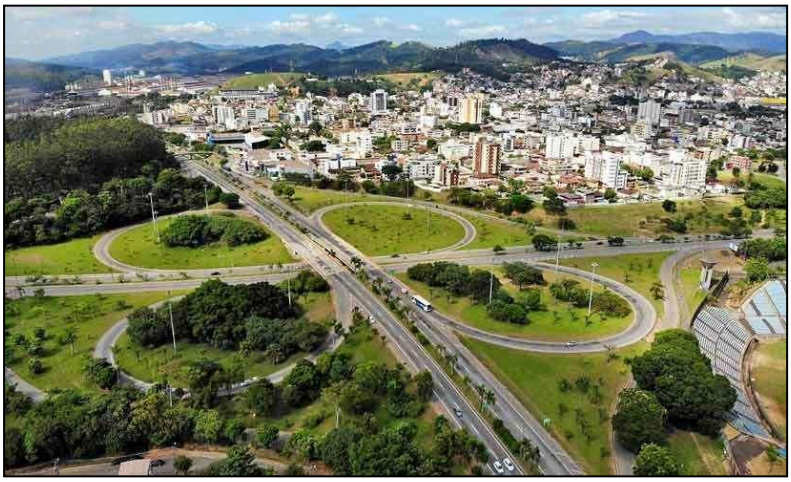
Dessa maneira, utilizaremos, além de fatores de natureza linguística e da estratificação social dos sujeitos da pesquisa, a quantificação dos dados por meio de um programa estatístico, a partir do qual faremos as análises da variável linguística investigada. Com isso, procuraremos identificar quais fatores favorecem ou não a ocorrência das formas variantes *nós* e *a gente*.

Nesse capítulo, a divisão se dá em cinco seções. Na primeira seção, 2.1, será apresentada a comunidade de fala em que foi desenvolvido o estudo. Na segunda seção, 2.2, indicamos como ocorreu a coleta de dados. Em seguida, na seção 2.3, abordamos o perfil dos participantes. Na próxima seção, 2.4, tratatamos do programa estatístico utilizado. Por fim, seção 2.5, destacamos a variável dependente e as variáveis independentes consideradas em nossa pesquisa, bem como a codificação das variáveis.

2.1 Panorama histórico-geográfico de Ipatinga – MG

A comunidade de fala investigada, Ipatinga, está situada na mesorregião do Vale do Rio Doce, no leste do estado de Minas Gerais (MG). Além disso, essa localidade se insere também na região metropolitana do Vale do Aço, no interior do estado, e tem uma população estimada de 261.203 pessoas, segundo dados do IBGE[12]. A data de fundação do município é 29 de abril de 1964.

Figura 1 – Município de Ipatinga – MG



Fonte: Adaptado do site <https://www.em.com.br/>. Acesso em: 19 ago. 2021.

Existem, entre os moradores da localidade, duas teorias acerca da origem do nome *Ipatinga*. A primeira afirma que o nome do município seria uma junção de dois termos da língua indígena tupi, *upaba* (lagoa) e *tinga* (clara). Dessa união, o significado seria "pouso de água limpa" ou "lagoa clara". Já outros defendem que o nome do município surgiu a partir da união do nome de duas outras cidades: iniciando com *Ipa-*, do município de Ipanema, e finalizando com *-tinga*, do município de Caratinga.

Antes de sua fundação, a região, assim como boa parte dos atuais municípios mineiros, era habitada por indígenas, tendo sido, em seguida, conhecida e povoada por bandeirantes em busca de pedras preciosas.

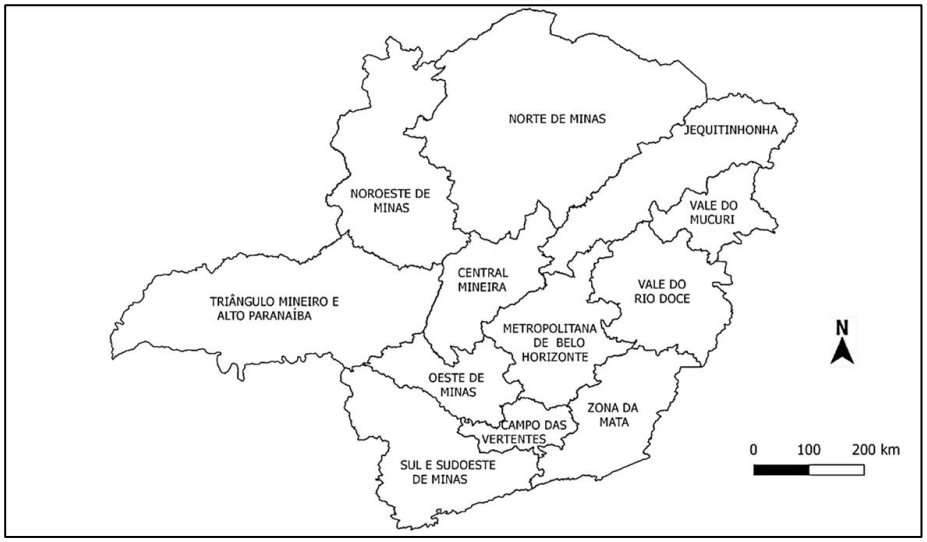
Acredita-se que a comunidade surgiu por conta da estrada de ferro Vitória-Minas, que faz a ligação entre os estados do Espírito Santo e de Minas Gerais, com linhas em diversas localidades nos dois estados.

[12] Fonte: IBGE – Cidades. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em: 19 ago. 2021.

Em 1934, uma comissão de trabalhadores da Companhia Belgo Mineira chega à região, a fim de extrair carvão vegetal para o abastecimento dos altos fornos da usina de João Monlevade (MG). Devido ao aumento da população, é criada, então, a primeira escola da localidade nesse mesmo ano. A comunidade avança ainda mais em número de habitantes e é elevada a distrito do município de Coronel Fabriciano (MG) em 1953, tendo, em 1964, sua emancipação.

Atualmente, Ipatinga é conhecida no estado por sua forte ligação com a indústria siderúrgica e suas áreas de preservação ambiental, bem como por seus espaços de lazer, como é o caso do Parque Ipanema, cartão postal do munípio[13].

Figura 2 – Mapa de Minas Gerais



Fonte: Adaptado do site <https://suportegeografico77.blogspot.com/>. Acesso em: 19 ago. 2021.

Figura 3 – Mapa da região metropolitana do Vale do Aço[14]

Fonte: Adaptado do site <https://aconteceunovale.com.br/>. Acesso em: 19 ago. 2021.

[13] Cf. Seção *Anexos*.

[14] Os quatro municípios exibidos aqui são os principais da região metropolitana do Vale do Aço. Além desses, existem outros 24 municípios, do chamado *colar metropolitano*, que compõem a região.

2.2 Coleta de dados

Para a coleta de dados, tivemos como critério inicial de escolha dos participantes a vivência na localidade desde o período da infância, a contar pelos 6 anos de idade, tendo como base para isso a habitação contínua em moradia própria ou alugada em todo o território do município.

Após essas escolha, em encontro presencial, marcado previalmente com o participante em sua moradia ou em espaço público, utilizamos uma ficha informativa[15], também conhecida como ficha social, em que foram solicitadas pelo documentador informações de identificação ao sujeito participante. Além disso, havia na ficha perguntas acerca de sua moradia, idade, grau de escolaridade e também acerca das viagens já feitas pelo participante, visando prepará-lo para o conteúdo da entrevista que aconteceria a seguir.

Como fundamento para as entrevistas, utilizamos aqui a noção correlata de fala casual e fala espontânea propostas por Labov, o qual considera que:

> Por *fala casual*, em sentido estrito, entendemos a fala cotidiana usada em situações informais, em que nenhuma atenção é dirigida à linguagem. Já *fala espontânea* se refere do padrão usado na fala excitada, carregada de emoção quando os constragimentos de uma situação formal são abandonados. (LABOV, [1972] 2008, p. 111, grifos do autor).

Nas entrevistas, portanto, procuramos, com o mínimo de interferência do documentador, favorecer[16] que cada participante apresentasse uma narrativa oral de fala casual e espontânea que privilegiasse acontecimentos e/ou fatos em que estivesse emocional e psicologicamente envolvido, como, por exemplo, comemorações, alegrias, tristezas e memórias.

Os temas evocados nas entrevistas tinham como enfoque memórias pessoais e não exigiam apresentação inicial, dado o caráter de anonimato dos entrevistados, sendo, por isso, previamente apresentados pelo documentador aos participantes[17], a fim de evitar surpresas e mal-entendidos que poderiam influenciar na qualidade da gravação para coleta dos dados e sua posterior análise. Portanto, os temas já eram de conhecimento dos

---

[15] Cf. Seção *Apêndices*.
[16] Dizemos aqui *favorecer* porque, mesmo buscando ter o mínimo de interferência por parte do documentador na entrevista, toda pesquisa linguística incide sobre o *paradoxo do observador*, pois "o objetivo da pesquisa linguística deve ser descobrir como as pessoas falam quando não estão sistematicamente observadas, no entanto só podemos obter tais dados por meio da observação sistemática." (LABOV, [1972] 2008, p. 244).
[17] Cf. *Roteiro das entrevistas* na seção *Apêndices*.

participantes momentos antes da gravação.

Nesse ponto, as escolhas temáticas levaram em consideração conteúdos que não causassem desconforto ou que fossem consideradas segredos pelos participantes, sendo divididas em cinco tópicos:

- infância e adolescência;
- família;
- escola ou faculdade;
- vizinhos;
- viagens.

Por isso, assuntos como namoro, vida conjugal, filhos e colegas de trabalho não foram reportados.

Devido a lapsos de memória decorrentes no desempenho linguístico dos participantes ou à ausência de ocorrências das formas variantes estudadas, após o primeiro turno de fala introdutório dos participantes, o documentador fortuitamente aludia aos temas listados, visando dar prosseguimento à gravação.

Por fim, achamos válido destacar que as gravações variavam conforme o total de turnos de fala de cada partipante da entrevista, não pussuindo um tempo de término fixo ou premeditado. Por isso, a duração de cada gravação poderia ser curta, contando com 5 minutos no máximo, por exemplo, ou bastante longa, com extensão de 1 hora ou mais, a depender do tipo de participante.

2.3 Perfil dos participantes da pesquisa

Nesta pesquisa, como dito anteriormente, optamos por seguir a proposição laboviana (LABOV, [1972] 2008) de coleta de dados e de seleção dos participantes. Tal proposição pressupõe, além da escolha de fatores linguísticos, a estratificação dos sujeitos da pesquisa em diferentes categorias de análise.

Tal qual mencionado, os participantes foram escolhidos pelo critério de vivência na localidade desde a infância, a partir os 6 anos de idade, com moradia contínua. Após isso, a primeira categoria levada em consideração foi o sexo/gênero dos participantes, que

se dividiu em homens e mulheres. Em seguida, destacamos a faixa etária e o grau de escolaridade.

Com isso, efetuamos a seleção das entrevistas que viriam a compor a amostra da pesquisa, levando-se em conta a ocorrência das formas variantes procuradas e a ausência de problemas que afetassem a qualidade da gravação. Com isso, totalizamos 12 inquéritos, obtendo a seguinte amostra:

Tabela 1 – Delimitação dos participantes da pesquisa

	SEXO/GÊNERO			
	MULHERES		**HOMENS**	
ESCOLARIDADE / ***FAIXA ETÁRIA***	***Ensino Médio completo***	***Ensino Superior completo***	***Ensino Médio completo***	***Ensino Superior completo***
Faixa 1 – 15 a 30 anos	1	1	1	1
Faixa 2 – 31 a 46 anos	1	1	1	1
Faixa 3 – 47 anos ou mais	1	1	1	1
TOTAL	3	3	3	3

Fonte: Do autor.

Nessa seleção, escolhemos 12 participantes, contudo a proposta inicial seria trabalhar com 24, divididos em ambos os sexos/gêneros. No entanto, devido aos desdobramentos da pandemia de *COVID-19*, que exigiam distanciamento social, a coleta de dados teve de ser suspendida, fazendo com que a amostra tivesse seu número total reduzido. Assim, escolhemos 6 participantes mulheres e 6 participantes homens, segmentados em três diferentes faixas etárias, a fim de agrupar as principais gerações, a saber: a faixa 1, de 15 a 30 anos; a faixa 2, de 31 a 46 anos; e a faixa 3, de 47 anos ou mais.

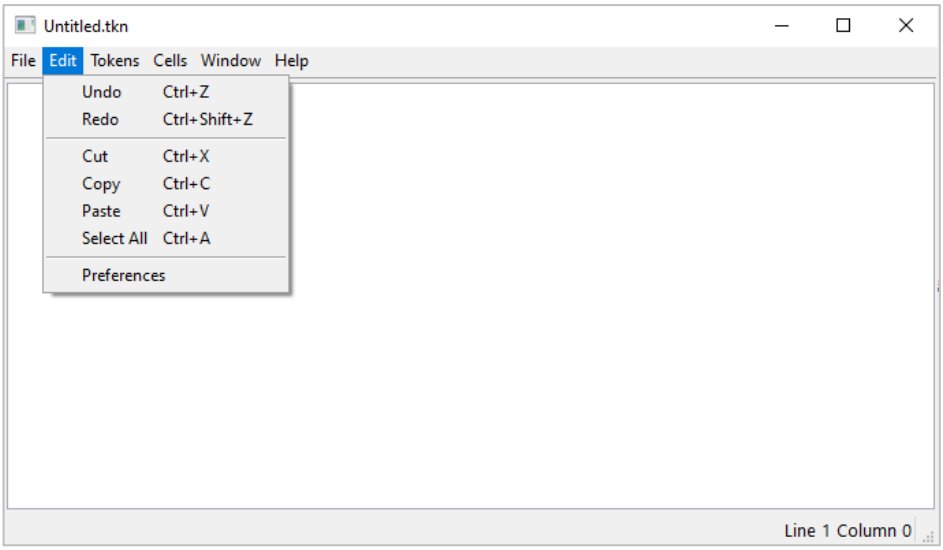
Ademais, na divisão apresentada, está também presente o fator grau de escolaridade dos participantes. Nesse recorte, estão selecionados, portanto, 6 participantes com apenas Ensino Médio completo e 6 com Ensino Superior completo.

2.4 Ferramenta estatística

Para a quantificação do *corpus* da pesquisa, empregamos o programa estatístico *GoldVarb X* (SANKOFF, TAGLIAMONTE, SMITH, 2005), que é uma ferramenta computacional para o tratamento de dados para análises quantitativas.

Segundo Araújo (2016), o *GoldVarb X* é um programa de análise multivariada, que teve como base versões anteriores, sendo a primeira delas o *GoldVarb 2.0*, criado pela equipe de David Sankoff em 1990. Como afirma o autor, o programa foi desenvolvido para auxiliar a análise de dados para linguistas, em especial aqueles que trabalham com dados quantitativos.

Figura 4 – Tela inicial do programa *GoldVarb X*



Fonte: Do autor.

No caso de nosso estudo, analisaremos o *peso relativo* dos dados quantificados. Nesse ponto, ao abordar esse tópico, Guy e Zilles (2007) destacam que:

> O peso de um fator é um valor calculado [...] (com base em um conjunto de dados) que indica o efeito deste fator sobre o uso da variante investigada neste conjunto. O valor dos pesos recai sempre no intervalo entre zero e um (0-1), em que um valor de zero indica que tal variante nunca acontece quando este fator está presente, e um valor de 1 indica que tal variante sempre ocorre quando o fator está presente. (GUY; ZILLES, 2007, p. 239)

Em outras palavras, o valor dos pesos relativos será utilizado a fim de se evidenciar variáveis que exercem favorecimento ou desfavorecimento de ocorrência de ambas as formas variantes investigadas neste trabalho.

Além disso, de acordo com Gonçalves (2003), ao tratar da significância dos efeitos das variáveis independentes sobre a ocorrência de uso da variável dependente, podemos avaliar se uma variável é relevante ou não e se essa variável influencia no uso das variantes (GONÇALVES, 2003, p. 91-94). Para isso, consideramos um outro valor computado pelo programa, que é o da *significância estatística*. Nesse caso, um valor (*p*-valor*)* é calculado com base na probabilidade de a hipótese nula ser verdadeira, isto é, a hipótese de que não há relação entre as variáveis independentes e a variável dependente e de que a distribuição dos dados é apenas resultado de flutuação aleatória e erro de amostragem. Assim, se o valor de *p* é igual ou menor que 0.05, mais significativa e verdadeira será a variável independente analisada (GUY; ZILLES, 2007, p. 32). Em contrapartida, um valor maior que 0.05 indica que a variável independente será eliminada pelo programa, dado que a hipótese nula é alta, o que assinala uma baixa influência dessa variável sobre a ocorrência das variantes.

De maneira geral, com os pesos relativos dos dados em nossas análises, poderemos identificar quais fatores condicionam a ocorrência de uso das formas variantes, bem como fazer cruzamentos entre fatores, a fim de estabelecer comparações, como veremos mais adiante.

2.5 Variáveis

Nesta seção, trazemos as variáveis consideradas. Em primeiro lugar, é feita a descrição da variável dependente investigada em nosso estudo. Em seguida, além disso, descrevemos também as variáveis independentes adotadas, que se dividem em linguísticas e extralinguísticas.

2.5.1 Variável dependente

Por variável dependente, consideramos, neste trabalho, os pronomes de 1PP *nós* e *a gente*, enquanto formas variantes de uso alternado, na função sintática de *sujeito* pelos falantes do PB, conforme pesquisadas desenvolvidas sobre o mesmo tema (ARAÚJO, 2016; DEON, 2015; FRANCESCHINI, 2011; GONÇALVES, 2003; MENDONÇA, 2010; NASCIMENTO, 2013; OLIVEIRA, 2017; SANTANA, 2014; SILVA, 2013; TAVARES, 2014; VIEIRA, 2014). Para tal, a forma *nós* seria denominada a forma conservadora, e a forma *a gente* se classificaria como a forma inovadora[18].

[18] Cf. Nota de rodapé n. 2 (p. 23).

Para esse uso alternado, destacamos aqui que a seleção dos dados teve como critério de escolha as ocorrências com o sujeito ligado ao verbo e não ocorrências com o termo isolado sem ligação sintática com o verbo, podendo o sujeito ser seguido pelo verbo na ordem sintática sujeito-verbo-objeto (SVO) e sujeito-verbo (SV) ou, porventura, antecedido por ele na ordem verbo-sujeito-objeto (VSO) e verbo-sujeito (VS), tanto no modo indicativo quanto no modo subjuntivo:

(1) tava tudo certinho sem problema nenhum três dias que **nós** *estávamos* aqui Israel foi declarado como dentro da zona e da pandemia e aí a partir daí **nós** todos *entramos* em isolamento (INQ N. 04, Homem, F3, Ensino Superior)

(2) mas tem um lado ruim também né o lado de cobrança que talvez **a gente** não *tenha* condições de dar todas as respostas que a pessoa quer (INQ N. 05, Mulher, F3, Ensino Superior)

Consideramos também, nessa variável, como veremos nos próximos tópicos, a presença ou a ausência dos pronomes, no caso do sujeito explícito (**nós**, **a gente**) e do sujeito implícito (**Ø**), assim como a conjugação verbal em 1PP (*-mos*) ou 3PS (ø):

(3) **nós** *começamos* a trabalhar **Ø** *começamo* a trabalhar cedo **Ø** *começamo* a trabalhar com catorze anos e assim aprendi a dar valor né ao dinheiro ao que eu ganhava (INQ N. 06, Mulher, F2, Ensino Superior)

Os códigos que utilizamos para a variável dependente são:

- N – *Nós*
- G – *A gente*

2.5.2 Variáveis independentes

As variáveis independentes se dividem em dois grupos, a saber: as variáveis linguísticas ou fatores linguísticos, que fazem referência à estrutura da língua, e as variáveis extralinguísticas ou os fatores extralinguísticos, que possuem relação com aspectos sociais (TARALLO, 1986).

2.5.2.1 Variáveis linguísticas

Por variáveis linguísticas, entendemos as variáveis da estrutura da língua, relacionando-se a seu sistema gramatical e distanciando-se de fatores externos a esse sistema. Seriam, portanto, categorias ligadas aos aspectos fonético-fonológicos, morfológicos e sintáticos da língua (TARALLO, 1986).

Neste estudo, procuramos, com as variáveis linguísticas, delimitar quais variáveis favorecem ou não a ocorrência de uma ou outra variante, *nós* e *a gente*, ou que confirmam as hipóteses aqui levantadas.

Nos pontos seguintes, trazemos uma descrição mais detalhada de cada uma das variáveis linguísticas aqui investigadas, quais sejam: preenchimento do sujeito, marca morfêmica e determinação do referente, tal qual apresentam os tópicos seguintes.

2.5.2.1.1 Preenchimento do sujeito

O preenchimento do sujeito é o primeiro fator linguístico que utilizamos para analisar os dados deste estudo e se define aqui como a presença ou a ausência do sujeito de 1PP que antecede ou sucede o verbo a que ele se relaciona. A classificação desse fator é: sujeito preenchido ou sujeito nulo, também conhecidos como sujeito explícito e pleno ou sujeito implícito.

A ocorrência do preenchimento do sujeito é característica do PB, uma vez que essa língua admite a ausência do sujeito, dado às nuances e diferenças presentes na conjugação verbal relacionadas ao sistema pronominal (VILLARINHO, 2006). Um exemplo disso é o morfema *-mos*, previsto pela norma-padrão de aparecer tradicionalmente em todos os verbos ligados ao pronome *nós*, tornando o uso do pronome *nós* preenchido como opcional.

No entanto, como demonstra Duarte (1996), a inclusão da forma *a gente* no PB, que pode acarretar na redução de uso da forma *nós*, acaba por tornar o uso do sujeito preenchido mais recorrente ou categórico, principalmente porque a forma *a gente*, conforme pesquisas já levantadas neste trabalho, tem substituído a forma *nós* em diversos contextos, não exigindo uma desinência específica para sua marcação no verbo como é o caso do *-mos*, ensejando uma diminuição do paradigma verbal, que pode confundir o falante em usar, por exemplo, "**nós** *fomos*", "**nós** *foi*", "**a gente** *foi*" e "**a gente** *fomos*", percebendo-se aí a necessidade do preenchimento do sujeito para marcá-lo. O resultado disso seria uma maior presença dos

pronomes e uma diminuição de sujeitos nulos, que têm o verbo como único indicador da pessoa gramatical.

No caso deste estudo, procuramos, por meio do preenchimento do sujeito, mapear sua ocorrência em diferentes gerações. Desta maneira, a partir daí, buscamos verificar se o uso do sujeito nulo é mais comum em falantes da faixa etária mais avançada ou não. A seguir, estão alguns exemplos acerca da variável preenchimento do sujeito.

a. *A gente* preenchido

(4) nessa viagem foi muito bom tudo festa e brincadeira e meus primos e colegas tudo muito tranquilo entendeu **a gente** nunca *teve* nenhuma confusão nem nada disso era muito bacana (INQ N. 11, Homem, F2, Ensino Superior)

b. *A gente* nulo (Ø)

(5) muitas vezes **a gente** *erra* tentando acertar e Ø não *consegue* então por isso que tem que ter apoio das outras pessoas (INQ N. 05, Mulher, F3, Ensino Superior)

c. *Nós* preenchido

(6) a parede prontinha veio a chuva com a ventania e jogou tudo no chão no outro dia o que que **nós** *fizemos* (INQ N. 05, Mulher, F3, Ensino Superior)

d. *Nós* nulo (Ø)

(7) e Ø *fomos* seguindo assim até minha mãe ficar grávida da minha irmã aí como ele sempre quis uma menina né aí ele parou de tomar remédio deu uma melhorada só que aí ele ficou meio bipolar (INQ N. 01, Homem, F1, Ensino Superior)

Os códigos que utilizamos para a variável preenchimento do sujeito são:

- p – Sujeito preenchido
- n – Sujeito nulo

2.5.2.1.2 Marca morfêmica

O segundo fator marca morfêmica busca delimitar o tipo de morfema ou desinência número-pessoal presente no verbo ligado às formas variantes *nós* e *a gente*. Nesse caso, o verbo pode se materializar com o morfema *-mos*[19] ou com o morfema zero (ø), que é quando o verbo se apresenta na 3PS[20], conforme a escolha linguística do falante (LOPES, 1999). Nesse contexto de concordância verbal, levando-se em consideração a tipologia linguística, o uso do morfema *-mos* junto ao verbo faz com que a ocorrência seja denominada forma verbal marcada, enquanto o não uso de marca morfêmica, ou seja, do morfema zero (ø), configura como forma verbal não marcada.

O uso da forma *nós*, preenchido ou nulo, seguido de verbo com morfema zero (ø), apesar de ser estigmatizado por muitos falantes, é característico do PB, como atesta Bagno (2007), e pode indicar uma mudança no paradigma de concordância verbal da língua (BAGNO, 2007, p. 222-223). Caso isso aconteça, o fenômeno resultaria na queda do uso do morfema *-mos* na 1PP. Em outro caso, haveria a possibilidade de ocorrência da forma *a gente* seguida de verbo com a marca morfêmica *-mos*, como verificaremos nas análises dos dados coletados.

Em todo caso, no presente estudo, buscamos verificar com a variável marca morfêmica se o grau de escolaridade influencia no uso do morfema *-mos* com sujeitos nulo ou não. Os exemplos seguintes ilustram a ocorrência da variável marca morfêmica.

a. Morfema *-mos*

(8) o meu pai não ganhava não tinha um salário assim suficiente pra ele sozinho né suprir a casa né então **nós** *tínhamos* que trabalhar (INQ N. 09, Homem, F3, Ensino Médio)

b. Morfema zero (ø)

(9) pai dava o dinheiro quando ele comprou bicicleta chegou bicicleta pra todo mundo dentro do caminhão a rua parou toda assim né só **nós** que *tinha*ø bicicleta né (INQ N. 12, Mulher, F2, Ensino Médio)

[19] Achamos válido destacar que, na modalidade oral, a desinência de 1PP pode ser realizada de diferentes maneiras: -mos, com o som [s]; -moØ, sem o som [s]; e -ão, com apenas ditongo nasal (MAIA, 2009, p. 52).

[20] Como sabemos, por meio dos estudos sociolinguísticos, os falantes brasileiros nem sempre realizam a conjugação do verbo de 1PP, seja seguido do pronome *nós*, seja seguido do pronome *a gente*, da maneira que prescreve a GN. E isso acaba por caracterizar o PB, adotado por boa parte dos falantes, em sua modalidade oral (CASTILHO, 2010, p. 478), tal qual comprovamos aqui.

Os códigos que utilizamos para a variável marca morfêmica são:

- 1 – Morfema *-mos*
- 0 – Morfema zero (ø)

2.5.2.1.3 Determinação do referente

Ao lidar com as formas variantes *nós* e *a gente*, tratamos de um tipo de referente, que, semanticamente, são as pessoas verbalizadas pelo falante em seu discurso. No discurso, como demonstra Benveniste (1988), a 1PP, representada por *nós* ou *a gente*, não seria simplesmente o plural *eu* + *eu* e sim a junção de *eu* + *tu* (+tu...) ou de *eu* + *ele* (s) (+ele(s)...) ou *eu* + *tu* + *ele* (s) (+ele(s) (BENVENISTE, 1988)

Nesse caso, tendo como base a variável determinação do referente, o falante possui duas possibilidades de referência. A primeira se dá quando o falante se refere a si mesmo e a outras pessoas próximas a ele ou ao discurso que profere, apresentando em sua fala os traços semânticos [+específico] e [-genérico], sendo caracterizado por (eu + você, eu + ele) e se denomina referente determinado. Por outro lado, quando o falante se refere a si mesmo e ao coletivo sem apresentar proximidade, com os traços [-específico] e [+genérico], sendo (eu + todo mundo, eu + qualquer um), tratamos de um referente indeterminado (LOPES, 1999).

Diversos estudos têm indicado que a forma *a gente* ocorre de maneira mais frequente quando o referente é indeterminado. A título de exemplificação, mencionamos os estudos de Omena (1998), Seara (2000), Borges (2004), Tamanine (2002; 2010) e Franceschini (2011)[21] e também o de Lopes (1999), que demonstram que o uso da forma *a gente* é predominante quando se trata de um referente indeterminado. No caso deste trabalho, procuraremos verificar se tais resultados se confirmam.

Os próximos exemplos ilustram os tipos de referente que mencionamos:

a. Referente determinado (eu + você, eu + ele)

(10) eu e minha mãe e meu pai **nós** *tivemos* uma relação familiar um pouco conturbada essa é a verdade porque meu pai e minha mãe vieram a se divorciar quando eu ainda tinha um ano e meio de idade (INQ N. 08, Homem, F2, Ensino Médio)

[21] Cf. Deon (2015).

b. Referente indeterminado (eu + todo mundo, eu + qualquer um)

(11) essas coisa **a gente** não *conta* pra filho não mas nunca fui de estudar assim na minha infância nunca gostei de estudar estudava mais por obrigação (INQ N. 11, Homem, F2, Ensino Superior)

Os códigos que utilizamos para a variável determinação do referente são:

- d – Referente determinado
- i – Referente indeterminado

2.5.2.2 Variáveis extralinguísticas

As variáveis extralinguísticas ou independentes são aquelas que estão no meio social, ou seja, fora do sistema linguístico. Incluem-se aqui, portanto, categorias de estratificação social, como foi proposto por Labov ([1972] 2008). Essas categorias visam apreender a realidade social dos falantes da língua, dado que ela é considerada relevante para se entender a variação e a mudança nas línguas naturais.

No caso deste estudo, as variáveis sexo/gênero, faixa etária e nível de escolaridade serão consideradas, a fim de analisarmos nossa amostra. Dessa maneira, junto com os fatores linguísticos, poderemos demarcar os tipos de ocorrência das formas variantes estudadas.

2.5.2.2.1 Sexo/Gênero

Sexo ou gênero forma outra categoria de análise nos estudos sociolinguísticos. Como campo do conhecimento, a Sociolinguística, desde sua origem, tem trabalhado com a variável sexo/gênero e com isso tem possibilitado a realização de estudos que abordam as diferenças nos falares de homens e mulheres (LABOV, [1972] 2008). Essas distinções, por isso, acabariam por delimitar o modo como homens e mulheres constroem suas identidades por meio do uso que fazem da língua em seu comportamento linguístico.

Como demonstram Freitag e Severo (2015), no entanto, qualquer conclusão acerca da variável sexo/gênero, sem a devida consideração de outros fatores, tais como faixa

etária e grau de escolaridade, recai em generalizações de um “binarismo inconsequente”, em que “mulheres favorecem a forma padrão – homens favorecem a forma não padrão” (FREITAG; SEVERO, 2015, p. 164). Dessa maneira, tais conclusões acabam por ser superficiais e não indicativas de tendências, carecendo de análises mais atentas e aprofundadas.

Neste trabalho, por conseguinte, não pretendemos dar uma ênfase à variável sexo/gênero como fator condicionante isolado de variação ou de mudança linguística das formas *nós* e *a gente* e sim como parte de um conjunto a ser investigado. Sua adoção aqui se justifica, portanto, em função da escolha metodológica selecionada, que pressupõe a adoção da variável sexo/gênero junto à variável faixa etária (LABOV, [1972] 2008, p. 70).

Os códigos que utilizamos para a variável sexo/gênero são:

- f – Mulher
- m – Homem

2.5.2.2.2 Faixa etária

A próxima variável, a faixa etária, permite, no estudo sociolinguístico, a apreensão do falar de sujeitos oriundos de diferentes gerações, o que oferece possibilidades de identificarmos variações e mudanças no seio das comunidades de fala estudadas. Afinal, conforme apontou Labov ([1972] 2008), a língua está constante processo de mudança.

Esse processo de mudança, porém, é sistemático e deixa pistas que podem ser estudadas. Por isso, cada comunidade de fala em determinado período temporal possui características diferenciais. Pensando nisso, de maneira parecida com outros estudos, selecionamos participantes de três faixas etárias, quais sejam: (1) faixa etária 1, de 15 a 30 anos; (2) faixa etária 2, de 31 a 46 anos; e (3) faixa etária 3, de 47 anos ou mais.

A primeira faixa (15 a 30 anos) é composta daqueles que já tiveram formação escolar e estão entrando no mercado de trabalho. Por serem da faixa etária mais jovem, esses falantes podem indicar um processo de mudança da língua (MAIA, 2019).

A segunda faixa (31 a 46 anos) pode apresentar fala com variantes inovadoras e conservadoras, ou seja, entre o que é previsto na faixa etária 1 e faixa etária 3. No geral, podem dar indício de mudança na língua, caso apresentem um uso próximo ao dos falantes da faixa etária 1 ou um conservadorismo linguístico caso se aproximem dos usos da faixa etária 3.

Por último, tratamos da faixa etária 3 (47 anos ou mais), que pode apresentar uma fala com formas mais conservadoras (MAIA, 2009). Ademais, seu falar pode servir de parâmetro para comparação com o falar dos mais jovens, pois seu comportamento linguístico ajuda a compreender o avanço da língua em diferentes faixas etárias.

Alguns estudos indicam que a forma *a gente* é a mais utilizada pelos falantes mais jovens (OMENA, 1998; LOPES, 1993; SEARA, 2000; TAMANINE, 2002, 2010; BORGES, 2004; FRANCESCHINI, 2011)[22]. Neste estudo, ao tratar das formas *nós* e *a gente* e relacioná-las à variável faixa etária, procuramos corroborar com essa conclusão.

Os códigos que utilizamos para a variável faixa etária são:

- 1 – Faixa etária 1 – 15 a 30 anos
- 2 – Faixa etária 2 – 31 a 46 anos
- 3 – Faixa etária 3 – 47 anos ou mais

2.5.2.2.3 Grau de escolaridade

O último fator escolhido é o grau de escolaridade, que indica a influência que o tempo de permanência e acesso à educação formal, seja na escola ou na universidade, acarretaram no falar dos sujeitos. Esse período, dado o grau de letramento adquirido e o contato com diferentes manifestações da língua, na modalidade escrita ou oral, pode influenciar o falar de diferentes sujeitos (BAGNO, 2003, p. 69). Neste estudo, levando em conta esse grupo de fatores, optamos por selecionar participantes com: apenas Ensino Médio completo e Ensino Superior completo.

Os falantes com apenas Ensino Médio completo são aqueles que tiveram acesso à educação formal e possuem um grau razoável de letramento e contato com a leitura e textos mais formais, podendo, porém, apresentar um falar diferente do que prescreve a norma-padrão. Neste trabalho, em comparação com falantes com Ensino Superior completo, o falar de sujeitos com apenas Ensino Médio pode compor a chamada norma popular, que é aquela mais distante da norma-padrão (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 53). Assim, consideramos que, longe de ser o que o senso comum pode imaginar como “erros” (FARACO, 2008, p. 48-49), o falar desses sujeitos podem indicar oscilações de uso em uma língua e tendências de mudança.

[22] Cf. Deon (2015).

Já os falantes com Ensino Superior completo, dado seu maior grau de letramento e contato com a leitura e textos mais formais (ressaltando-se que já passaram inclusive pelo Ensino Médio), são aqueles que podem apresentar um falar mais próximo da norma-padrão, sendo chamado tecnicamente de variedade de prestígio (BAGNO, 2003, p. 66). Ou seja, esse falar seria uma variedade de fala que é a mais próxima daquela apresentada e prescrita na GN, só que não exatamente como essa, pois, em função da realidade sócio-histórica, a língua sofre continuamente modificações e não se encerra em descrições prescritivas. No caso deste estudo, por conta do maior grau de letramento dos falantes com formação universitária, levando-se também em consideração outros fatores de natureza social, poderemos ter exemplos de fala da variedade prestigiada.

Em nosso estudo, com base na teoria variacionista (LABOV, [1972] 2008), buscamos identificar no fator grau de escolaridade diferenças ou semelhanças no uso das formas *nós* e *a gente*. Além disso, investigamos se há a possibilidade de confirmar que o uso da forma *a gente* é indicativo de mudança na língua.

Os códigos que utilizamos para a variável grau de escolaridade são:

- M – Ensino Médio completo
- S – Ensino Superior completo

2.5.3 Panorama geral

Dado a apresentação pormenorizada da variável dependente e das variáveis linguísticas e extralinguísticas nos tópicos anteriores, apresentamos a seguir um quadro geral com todas as variáveis que selecionamos para este estudo e seus respectivos códigos.

Quadro 2 – Codificação das variáveis

(continua)

VARIÁVEIS		
VARIÁVEL DEPENDENTE		
Pronomes de primeira pessoa do plural	N	*Nós*
	G	*A gente*

Quadro 2 – Codificação das variáveis

(conclusão)

VARIÁVEIS INDEPENDENTES		
Preenchimento do sujeito	p	Sujeito preenchido
	n	Sujeito nulo (Ø)
Marca morfêmica	1	Morfema *-mos*
	0	Morfema zero (ø)
Determinação do referente	d	Referente determinado
	i	Referente indeterminado
Sexo/Gênero	f	Mulher
	m	Homem
Faixa etária	1	Faixa 1 – 15 a 30 anos
	2	Faixa 2 – 31 a 46 anos
	3	Faixa 3 – 47 anos ou mais
Grau de escolaridade	M	Ensino Médio completo
	S	Ensino Superior completo

Fonte: Do autor.

CAPÍTULO 3: ANÁLISES DOS DADOS

Partiremos agora para as análises dos dados coletados, apresentando as variáveis que foram selecionadas pelo programa estatístico utilizado e mencionado na metodologia, justificando inclusive toda e qualquer alteração que foi realizada no processo de codificação das variáveis. Ademais, vamos dispor dos conceitos teórico-metodológicos mencionados ao longo deste estudo, tendo como fim sua relação com os resultados aqui alcançados.

Antes da realização das rodadas, fizemos o refinamento dos dados, que consistiu basicamente na seleção pormenorizada de todas as ocorrências evidenciadas pelos participantes da pesquisa na amostra adotada. Para isso, tivemos como parâmetro a contabilização dos dados que melhor correspondessem aos objetivos e hipóteses elencados neste trabalho.

De início, nas duas rodadas gerais, que consistiram na quantificação dos dados relacionados à forma *nós* e à forma *a gente* como fatores de aplicação, duas variáveis foram eliminadas pelo programa estatístico. A primeira variável não selecionada foi a variável linguística marca morfêmica, ao passo que a segunda foi a variável extralinguística grau de escolaridade.

Na variável marca morfêmica, o programa identificou um nocaute quanto ao uso da forma *a gente*, o que significa, em outras palavras, que o programa constatou que todas as ocorrências da forma *a gente* não foram seguidas de verbo com terminação de 1PP, isto é, com marca morfêmica *-mos*. Já quanto ao uso da forma *nós*, foram constatados alguns casos da forma *nós* seguida de verbo com marca morfêmica zero (ø). Por conseguinte, mesmo com a presença de ocorrências do pronome *nós* seguido de verbos com terminação de 3PS (morfema zero – ø), não podemos dizer, de acordo com os dados estatísticos, que existe variação no uso da forma *a gente*, uma vez que todas as ocorrências de *a gente* foram seguidas de verbo com terminação de 3PS.

Nesse caso, sempre quando ocorre um nocaute, isto é, quando há um número categórico de ocorrências (100%), temos um problema analítico, dado que, quando um dos fatores possui zero ocorrências, não existe variação, o que acaba por impossibilitar o cálculo de pesos e frequências (GUY; ZILLES, 2007, p. 158). Assim, a variável marca morfêmica foi retirada da análise estatística pelo *GoldVarb X*.

De forma semelhante, assim como neste estudo, esse resultado também foi encontrado em Araújo (2006), que apresentou um nocaute na variável marca morfêmica, tendo o total (100%) de ocorrências da forma *a gente* ligada a verbos com marca morfêmica zero (ø). Isso mostra que esse resultado não se restringe ao atual estudo. Por isso, tal correspondência de

resultados pode indicar um direcionamento de uso por parte dos falantes, que cada vez mais tendem a não usar o pronome *a gente* seguido de verbo com morfema *-mos* e sim seguido de verbo com morfema zero (ø).

Na segunda variável não selecionada, grau de escolaridade, tanto o pronome *nós* quanto o pronome *a gente* estiveram presentes no falar dos sujeitos participantes, não importando o grau de escolaridade. Com isso, o programa identificou baixa significância para essa variável enquanto condicionante de uso das formas *nós* e *a gente* (0.001). Por esse motivo, o fator grau de escolaridade acabou por ser descartado pelo programa estatístico, não sendo considerado como relevante para o entendimento da variação *nós* e *a gente* nos dados coletados.

Esse resultado aponta que, entre os participantes que compõem este estudo, houve pouca diferença no emprego de *nós* e *a gente* no que se refere ao grau de escolaridade, uma vez que tanto falantes com apenas Ensino Médio completo quanto falantes com Ensino Superior completo usaram, em sua maioria, as duas variantes de maneira intercambiável. Assim, de acordo com os dados, não foi possível identificar evidências para se afirmar que o grau de escolaridade influenciou na escolha de um ou outro pronome por parte dos participantes.

Nas rodadas gerais, o programa *GoldVarb X* fez a seleção de quatro variáveis, enquanto outras duas, como vimos, não foram selecionadas. A justificativa para essa não seleção de fatores se dá por conta de diversos fatores de natureza estatística, os quais levam em consideração possíveis falhas que impedem a identificação de variabilidade nos dados, como nocautes e baixa significância (GUY; ZILLES, 2007, p. 158-167). Por conseguinte, apresentaremos os resultados das variáveis selecionadas, a fim de melhor entender o fenômeno investigado.

Ao analisar os resultados, por conta da não seleção de duas variáveis (marca morfêmica e grau de escolaridade), como já exposto, e da necessidade de aprofundar os resultados da variável sexo/gênero, optamos também por efetuar mais rodadas por meio da realização de cruzamentos, a fim de delinear as diversas possibilidades de interação entre diferentes variáveis juntas de maneira simultânea. Dessa maneira, com os cruzamentos, chegamos a mais resultados, os quais contribuíram para aperfeiçoar as análises de algumas das quatro variáveis selecionadas, como veremos nos próximos tópicos.

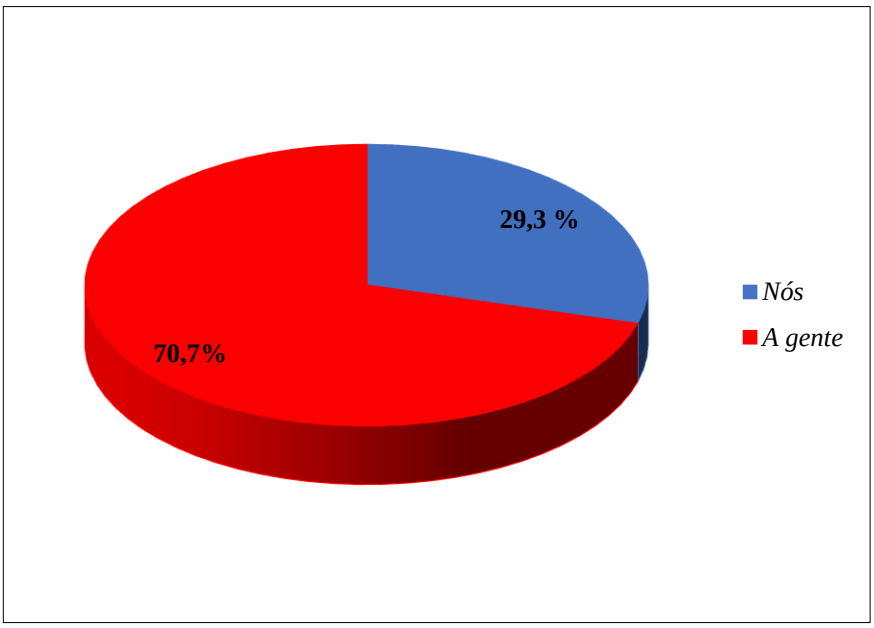
Ademais, os estudos que tratamos como comparativos para os resultados aqui alcançados são aqueles com enfoque na teoria variacionista e na modalidade oral espontânea, quais sejam: Araújo (2016), Deon (2015), Santana (2014), Gonçalves (2003), Nascimento (2013) e Mendonça (2010). Nesse ponto, essa seleção se justifica pelo fato de esses autores

apresentarem resultados que se relacionam com as variáveis aqui investigadas, podendo, assim, servir como parâmetro de comparação com os dados aqui levantados.

Como resultado geral, após as rodadas gerais dos dados, tivemos como resposta que a forma *a gente* é mais utilizada do que a forma *nós* pelos falantes em valores percentuais. Assim, ao determinar a frequência, obtivemos como resultado que o uso da forma inovadora *a gente* corresponde a 70,7% das ocorrências, ao passo que o uso da forma conservadora *nós* corresponde a 29,3%.

O gráfico 1 a seguir apresenta o resultado geral de uso das formas *nós* e *a gente* em valores percentuais:

Gráfico 1 – Distribuição percentual geral do emprego das formas *nós* e *a gente*



Fonte: Do autor.

Para esse cálculo, os dados considerados para quantificação foram aqueles que corresponderam ao critério de escolha adotado neste estudo, isto é, de sujeito ligado ao verbo e não de termos isolados sem ligação sintática com o verbo[23]. Com isso, obtivemos um número total de 672 ocorrências, sendo 475 ocorrências da forma *a gente* e 197 ocorrências da forma *nós*.

Dessa maneira, tal qual mostra o gráfico, de forma geral, o emprego da forma *a gente* é maior do que o da forma *nós* pelos falantes de Ipatinga (MG), sem levar em conta as variáveis

[23] Cf. Seção 2 (p. 49-50).

linguísticas e as variáveis extralinguísticas investigadas. Tal resultado, por isso, vai ao encontro dos resultados de estudos feitos por Araújo (2016), Deon (2015), Santana (2014) e Gonçalves (2003), que também trabalharam com a modalidade oral.

No trabalho de Araújo (2016), os resultados indicaram um predomínio da forma *a gente* sobre a forma *nós*, sendo respectivamente 67% contra 33% na cidade de Fortaleza (CE). Em Deon (2015), os resultados foram 53% de uso da forma *a gente* contra 47% de uso da forma *nós* em Guarapuava (PR). Além disso, em Santana (2014), as ocorrências indicaram 76% de frequência da forma *a gente* em comparação com 24% de frequência da forma *nós* no falar de Salvador (BA). Já, em Gonçalves (2003), obteve-se como resultado 75% de ocorrências para a forma *a gente* e 24% de ocorrências para a forma *nós* na comunidade de fala de Belo Horizonte (MG).

Assim, em comparação com trabalhos da mesma temática, tivemos como constatação que nosso estudo segue a tendência de outros estudos anteriores, quando se trata do uso geral em valores percentuais. Com isso, chegamos à conclusão inicial de que o pronome *a gente* também apresenta um maior número de ocorrência não só neste trabalho, como também em outros estudos do PB que tratam da variação pronominal *nós* e *a gente*.

Apresentaremos a seguir o uso das formas *nós* e *a gente* e as variáveis selecionadas, tal qual a ordem de seleção do programa, quais sejam: preenchimento do sujeito, faixa etária, sexo/gênero e determinação do referente.

Vale ressaltar, nesse ponto, que os resultados do *GoldVarb X* indicaram que essas quatro variáveis selecionadas foram consideradas as mais significativas, isto é, as mais relevantes para se compreender a variação pronominal *nós* e *a gente* aqui estudada. Assim, tendo em vista esse ponto, vemos justificada a ordem de apresentação adotada.

3.1 Preenchimento do sujeito

A primeira análise que fazemos é da atuação da variável preenchimento do sujeito no uso das formas *nós* e *a gente*. No caso dos exemplos seguintes, observamos o uso do sujeito nulo (Ø):

(12) Ø *fomos* lá e Ø *erguemos* a parede de novo (INQ N. 05, Mulher, F3, Ensino Superior)

(13) ficou eu e meu pai ficou eu e meu pai só na loja trabalhando junto trabalhei com meu pai por vinte anos né Ø *trabalhamos* juntos por vinte anos eu hoje não o tenho mais (INQ N. 09, Homem, F3, Ensino Médio)

(14) Ø *ficamos* na casa de parente né Ø já *passamos* férias em pousadas (INQ N. 11, Homem, F2, Ensino Superior)

(15) ah outra coisa que recordei essa semana foi mãe trazendo o bolo que saiu do forno Ø *éramos* oito em casa quando se colocava a fôrma todo mundo sabia que podia comer exceto os cantos os cantos já tinham donos né e eram dos mais velhos (INQ N. 04, Homem, F3, Ensino Superior)

(16) na volta a mesma coisa Ø *fazíamos* o trajeto de volta da escola todos na maior amizade (INQ N. 08, Homem, F2, Ensino Médio)

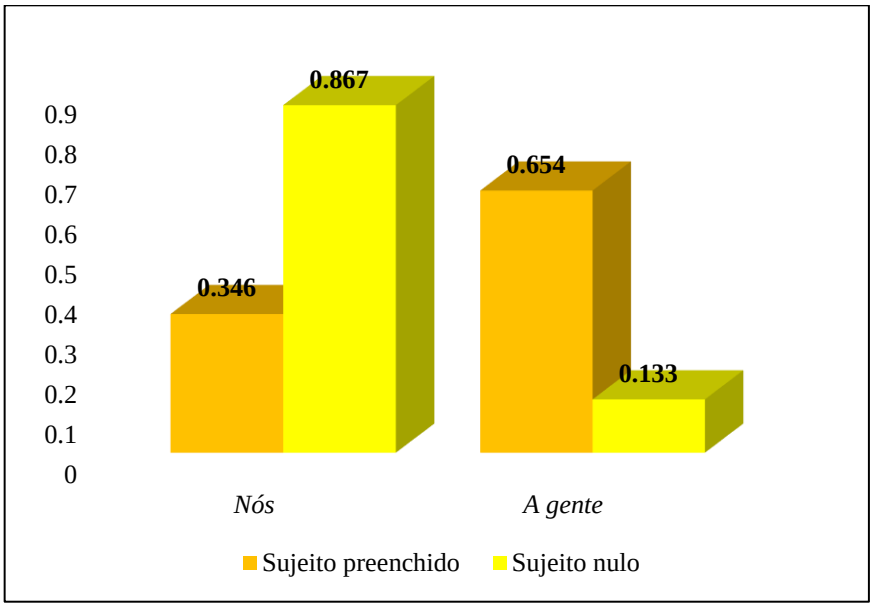
(17) o meu relacionamento com os colegas às vezes bons às vezes ruins Ø *tínhamos* muito bullying mas Ø não *preocupávamos* com bullying (INQ N. 10, Mulher, F3, Ensino Médio)

(18) Ø *corremos* na rua Ø *andamo* de bicicleta à noite e é isso a vida é essa (INQ N. 02, Mulher, F1, Ensino Superior)

Como se vê nos exemplos, a ocorrência de sujeito nulo (Ø) ocorre, principalmente, quando o pronome utilizado é o *nós*. As ocorrências que confirmam isso são: (12) "Ø *fomos*", "Ø *erguemos*"; (13) "Ø *trabalhamos*"; (14) "Ø *ficamos*", "Ø já *passamos*"; (15) "Ø *éramos*"; (16) "Ø *fazíamos*"; (17) "Ø *tínhamos*", "Ø não *preocupávamos*"; e (18) "Ø *corremos*", "Ø *andamo*". Nesse caso, a forma *nós* se expressa por meio da terminação de 1PP dos verbos, que apresenta o morfema *-mos*.

O gráfico seguinte mostra os dados obtidos por meio da análise estatística em peso relativo da relação entre a variável preenchimento do sujeito e o uso das formas variantes *nós* e *a gente*:

Gráfico 2 – Efeito da variável preenchimento do sujeito em peso relativo no emprego das formas *nós* e *a gente*



Fonte: Do autor.

Conforme o gráfico, observamos aqui um maior favorecimento do fator sujeito nulo pelo uso da forma *nós* em pesos relativos. Tal constatação se evidencia nos dados da amostra, que trazem 0.867 de peso relativo para o fator sujeito nulo e 0.346 para o fator sujeito preenchido. Ao contrário disso, o fator sujeito preenchido se favorece pelo uso da forma *a gente*, apresentando 0.654 de peso relativo para o fator sujeito preenchido e 0.133 para o fator sujeito nulo.

Uma provável explicação para o fato de a forma *a gente* apresentar mais casos de sujeito preenchido do que a forma *nós* seja a ausência de marca morfêmica do verbo que lhe é seguido. A terminação verbal de 3PS é não marcada (morfema zero – ø), ao passo que a terminação de 1PP é marcada, possuindo um morfema próprio e correspondente (*-mos*). Com isso, vemos que a marca morfêmica zero (ø) acaba por não se restringir ao pronome *a gente*, podendo ocorrer com os pronomes *você* e *ele/ela*, por exemplo, e todo e qualquer SN no singular (determinante + núcleo) na língua. Dessa maneira, ocorrências de *a gente* não preenchido podem ser percebidas como ambíguas pelos falantes, o que acaba por desfavorecer seu uso (0.133), ao contrário dos vários casos computados de *nós* não preenchido, que é favorecido no falar dos participantes da pesquisa (0.867), como vimos.

Isso também explica, a nosso ver, o porquê de as ocorrências de *nós* não serem majoritariamente seguidas do verbo, apresentando mais casos de sujeito nulo. Enquanto a terminação de 3PS é não marcada (morfema zero – ø) e, portanto, semanticamente mais

ambígua, a terminação de 1PP é marcada (*-mos*) e com valor semântico mais preciso, pois se referente apenas à forma *nós*. Por esse motivo, ocorrências de *nós* nulo são mais favorecidas do que as de *a gente* nulo, como mostram os resultados da tabela.

Assim, com os pesos relativos, notamos, de forma geral, que um dos fatores linguísticos condicionantes para a ocorrência da forma conservadora *nós* é o fator sujeito nulo, ao passo que o fator linguístico sujeito preenchido favorece o uso da forma inovadora *a gente*.

Na tabela 2 seguinte, apresentamos todos os dados referentes aos fatores sujeito preenchido e sujeito nulo e o uso das formas *nós* e *a gente*:

Tabela 2 – Efeito da variável preenchimento do sujeito no emprego das formas *nós* e *a gente*

	NÓS			***A GENTE***		
PREENCHIMENTO DO SUJEITO	**Aplic./Total**	**%**	**P.R.**	**Aplic./Total**	**%**	**P.R.**
Sujeito preenchido	83/502	16,5	0.346	419/502	83,5	**0.654**
Sujeito nulo	114/170	67,1	**0.867**	56/170	32,9	0.133
TOTAL	197/672	29,3		475/672	70,7	

Significância: 0.006

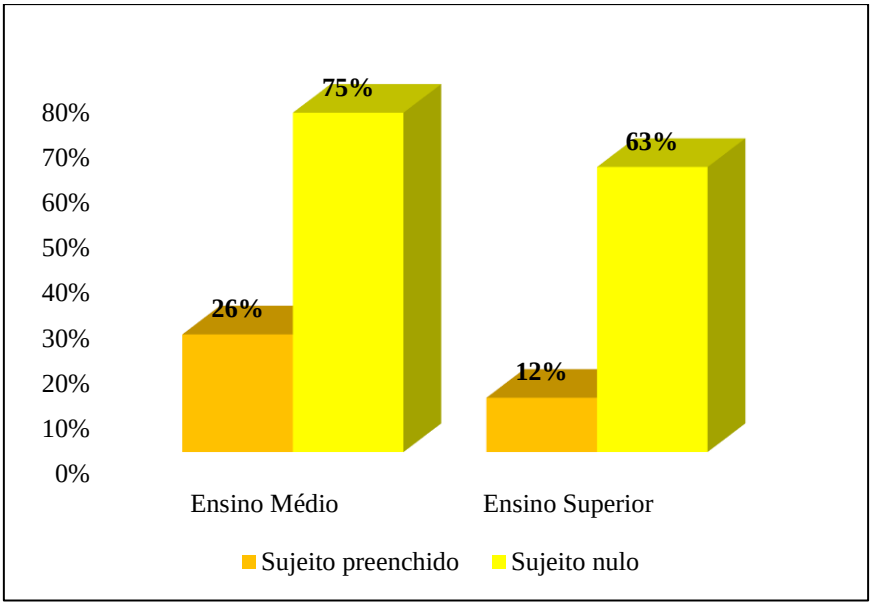
Fonte: Do autor.

Nesse ponto, os resultados do falar de Ipatinga (MG) indicam uma correspondência percentual com os dados de outros estudos, a saber Deon (2015) e Nascimento (2013), que corroboram com os resultados aqui apresentados no que tange à frequência de uso. No primeiro caso, os resultados de Deon (2005), sobre o falar de Guarapuava (PR), indicam um maior uso da forma conservadora *nós* com o fator linguístico sujeito nulo, caso consideremos esse resultado como sendo comparativo ao resultado da forma inovadora *a gente*, sendo 34% para a forma *nós* e 7% para a forma *a gente*. Já quando o fator é o sujeito preenchido, os resultados indicam um maior uso da forma inovadora *a gente*, caso consideremos esse resultado como comparativo à forma conservadora *nós*, sendo 97% para a forma *a gente* e 66% para a forma *nós*. De maneira semelhante, os resultados de Nascimento (2013) mostram que o fator sujeito nulo (implícito) é maior com o pronome *nós*, tendo 93% de frequência no falar de Salvador (BA). Assim, podemos constatar uma tendência de efeito do fator sujeito nulo sobre a forma *nós* e do fator sujeito preenchido sobre a forma *a gente*.

Além disso, apesar de a variável grau de escolaridade ter sido eliminada pelo programa, como já mencionado, optamos por aproveitar seus resultados por meio da combinação dos dados desse fator não selecionado com os dados de um outro fator selecionado, uma vez que a eliminação de alguns fatores não implica em exclusão definitiva desses fatores. Em outras palavras, conforme Guy e Zilles (2007), nos casos de eliminação de fatores, a investigação pode sim ser aprimorada, levando-se em consideração a possibilidade de interação entre diferentes variáveis, que antes foram analisadas separadamente (GUY; ZILLES, 2007, p. 178-179). Por esse motivo, realizamos o cruzamento entre o preenchimento do sujeito e o grau de escolaridade.

Dessa maneira, com a interação entre as variáveis preenchimento do sujeito e grau de escolaridade, por meio do cruzamento de fatores, obtivemos o seguinte resultado percentual em relação ao uso da forma *nós*, como mostra o gráfico 3:

Gráfico 3 – Cruzamento entre o preenchimento do sujeito e o grau de escolaridade no emprego da forma *nós*



Fonte: Do autor.

Como vemos no gráfico, os percentuais de uso do sujeito nulo com a forma *nós* são maiores por parte dos falantes com apenas Ensino Médio completo (75%) e com Ensino Superior completo (63%). Ademais, a porcentagem de uso de sujeito preenchido com a forma *nós* é menor, não importando o grau de escolaridade, sendo 26% para falantes com apenas Ensino Médio e 12% para falantes com Ensino Superior. Nesse caso, em ambos os graus de

escolaridade, o uso do sujeito nulo é maior do que o uso do sujeito preenchido quando o pronome utilizado é o *nós*.

No geral, de acordo com os dados do cruzamento, a frequência de uso do pronome *nós* é maior por parte dos falantes com apenas Ensino Médio. Além disso, os resultados mostram que frases de 1PP envolvendo o pronome *nós* com sujeito nulo são mais recorrentes do que frases de 1PP envolvendo o pronome *nós* com sujeito preenchido, independentemente do grau de escolaridade. Em outras palavras, os falantes do estudo tendem a utilizar mais "*Ø fomos*", "*Ø passamos*", "*Ø tínhamos*", em que o pronome *nós* não é explicitado, do que "**nós** *fomos*", "**nós** *passamos*" e "**nós** *tínhamos*", com o pronome *nós* explícito na frase, como vimos nos exemplos anteriores desta seção.

A seguir, apresentamos a tabela os resultados do cruzamento entre o preenchimento do sujeito e o grau de escolaridade no uso das formas *nós* e *a gente*:

Tabela 3 – Cruzamento entre o preenchimento do sujeito e o grau de escolaridade no emprego das formas *nós* e *a gente*

	NÓS				***A GENTE***			
	Ensino Médio		**Ensino Superior**		**Ensino Médio**		**Ensino Superior**	
PREENCHIMENTO DO SUJEITO	***Aplic./ Total***	***%***	***Aplic./ Total***	***%***	***Aplic./ Total***	***%***	***Aplic./ Total***	***%***
Sujeito preenchido	42/163	26	41/339	12	121/163	74	298/339	88
Sujeito nulo	40/53	75	74/117	63	13/53	25	43/117	37
TOTAL	82		115		134		341	

Fonte: Do autor.

De acordo com a tabela, tanto o número de ocorrências quanto a frequência de uso da forma *a gente* é maior do que o da forma *nós* pelos ipatinguenses. Além disso, ao contrário do que ocorre com o pronome *nós*, os falantes tendem a usar mais o sujeito preenchido do que o sujeito nulo quando o pronome utilizado é *a gente*. Isso mostra que o resultado varia conforme o tipo de pronome adotado pelos falantes.

Dessa maneira, observamos resultados diferentes relacionados ao uso dos pronomes *nós* e *a gente*, que não se diferem grandemente em ambos os graus de escolaridade em Ipatinga (MG). Nesse caso, quando o pronome utilizado é *nós*, o uso do sujeito nulo é maior, ao passo que quando o pronome escolhido é *a gente*, o uso do sujeito preenchido é maior, não importando se o falante possui apenas Ensino Médio ou Ensino Superior. Aqui, portanto, o grau de escolaridade do falante não influencia no tipo de sujeito adotado, se preenchido ou nulo. O que

determina o tipo de sujeito escolhido, como vemos, é qual o pronome de 1PP está presente na frase, se *nós* ou se *a gente*.

Para esse resultado, uma possível explicação que pode ser delineada é que, uma vez que a marca morfêmica do verbo varia de acordo com o pronome (*-mos* para o pronome *nós* e morfema zero – ø para o pronome *a gente*), o tipo de pronome adotado pelo falante, se *nós* ou *a gente*, é que vai determinar se o sujeito tem maior probabilidade de ser preenchido ou nulo. No caso de *nós*, a marca morfêmica *-mos* de 1PP indicaria mais objetivamente que o verbo está ligado ao pronome *nós*, dispensando que esse pronome esteja explícito na frase (sujeito nulo). Já no caso de *a gente*, não existiria esse indício, dado que a marca morfêmica zero (ø) é de 3PS. Esse fato tornaria a presença explícita do pronome *a gente* na frase (sujeito preenchido) mais necessária, uma vez que essa presença acabaria por atuar como um recurso por parte dos falantes para se evitar ambiguidades na fala. Logo, com base nos dados, o uso da forma *nós* como sujeito nulo e o uso da forma *a gente* como sujeito preenchido são maiores no falar ipatinguense.

A fim de confirmar a hipótese (ii) deste trabalho, que envolve a variável marca morfêmica, tentamos efetuar dois cruzamentos, o primeiro entre o preenchimento do sujeito e a marca morfêmica e o último entre a marca morfêmica e o grau de escolaridade. No entanto, em ambos os casos, foram identificados nocautes, o que acabou fazendo com que nossa investigação sobre a hipótese (ii) ocorresse na seção seguinte, como veremos.

3.2 Faixa etária

Na segunda análise, procuramos relacionar a variável faixa etária com o uso da variável dependente. Abaixo, reproduzimos trechos com o uso da forma *nós* na fala dos participantes com idade mais avançada:

(19) e sempre assim meus irmãos **nós** sempre *tivemos* muita união porque minha mãe fazia questão de **nós** *termos* unidade em casa né (INQ N. 09, Homem, F3, Ensino Médio)

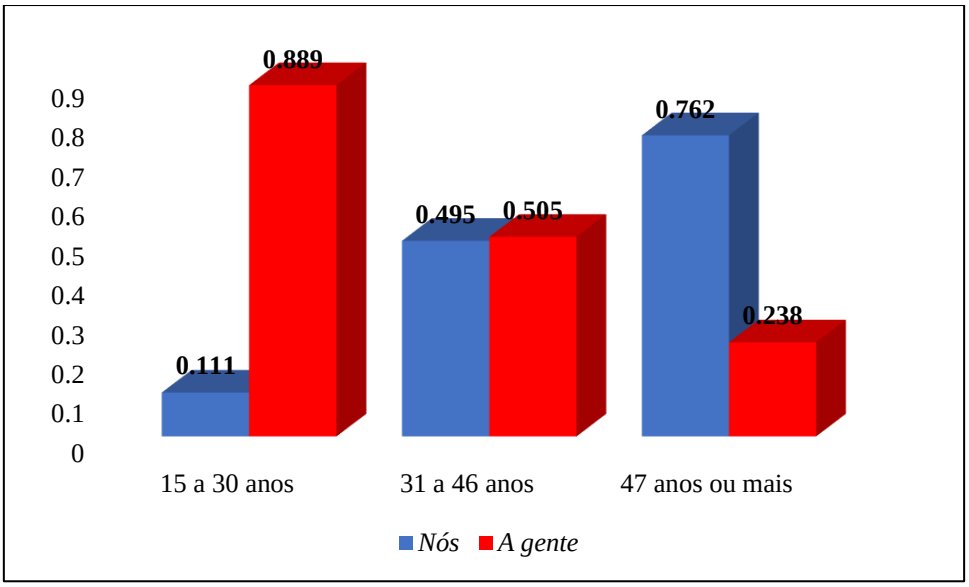
(20) aí minhas filha falou não mãe **nós** te *damo* todo o apoio meu marido também me deu todo o apoio (INQ N. 05, Mulher, F3, Ensino Superior)

(21) nossos filhos já saíram todos né e **nós** ‘*tamos* aqui só eu mais o meu marido (INQ N. 10, Mulher, F3, Ensino Médio)

Nos exemplos mencionados, vemos que o uso da forma *nós* é recorrente por parte dos falantes da faixa etária mais avançada, estando presente nos três casos. Nesse ponto, sua ocorrência se dá nos seguintes trechos: (19) "**nós** sempre *tivemos*"; (20) "**nós** te *damo*"; e (21) "**nós** '*tamos*". Com isso, observamos inicialmente um uso constante da forma *nós* pelos falantes com idade mais avançada deste estudo.

No gráfico 4, trazemos os resultados em peso relativo do uso das forma *nós* e *a gente* distribuídos nas três faixas etárias consideradas:

Gráfico 4 – Efeito da variável faixa etária em peso relativo no emprego das formas *nós* e *a gente*



Fonte: Do autor.

De acordo com o gráfico, observamos, com os pesos relativos, que o uso da forma *nós* se eleva à medida que aumenta a faixa etária dos falantes de Ipatinga (MG). Enquanto na faixa 1, de 15 a 30 anos, o peso relativo é 0.111, na faixa 2, de 31 a 46 anos, o peso relativo é 0.495, estando bem próximo do ponto neutro (0.500). Nesse caso, o favorecimento não é tão relevante. Em seguida, vemos que o pico de favorecimento se dá na faixa 3, de 47 anos ou mais, em que o peso relativo é 0.762. Os resultados dos pesos relativos mostram, assim, um aumento de uso da forma *nós* conforme aumenta a faixa etária, constatando-se com isso um maior favorecimento de uso da forma *nós* por parte dos falantes da faixa etária 3.

No gráfico, o resultado é diferente quando se trata da forma *a gente*. Aqui, com a forma inovadora *a gente* ocorre o oposto. Conforme aumenta a faixa etária, o uso de *a gente* diminui por parte dos ipatinguenses. Na faixa 1, de 15 a 30 anos, o peso relativo é 0.889, indicando o

pico de favorecimento. Já na faixa 2, de 31 a 46 anos, o peso relativo é 0.505, sendo bem próximo do ponto neutro (0.500), o que mostra uma influência não tão relevante. Na faixa 3, de 47 anos ou mais, enfim, vemos o menor favorecimento, com peso relativo 0.238. Dessa maneira, constatamos, com os pesos relativos, que o fator falantes mais jovens favorece o uso da forma *a gente*.

Na sequência, exibimos uma tabela com os dados sobre o emprego da forma *nós* e *a gente* e sua relação com a variável faixa etária:

Tabela 4 – Efeito da variável faixa etária no emprego das formas *nós* e *a gente*

	NÓS			***A GENTE***		
FAIXA ETÁRIA	**Aplic./Total**	**%**	**P.R.**	**Aplic./Total**	**%**	**P.R.**
Faixa 1 – 15 a 30 anos	12/189	6,3	0.111	177/189	93,7	**0.889**
Faixa 2 – 31 a 46 anos	42/142	29,6	0.495	100/142	70,4	0.505
Faixa 3 – 47 anos ou mais	143/341	41,9	**0.762**	198/341	58,1	0.238
TOTAL	197/672	29,3		475/672	70,7	

Significância: 0.006

Fonte: Do autor.

No geral, ao passo que o uso da forma conservadora *nós* é maior por parte dos falantes da faixa etária mais avançada, o uso da forma inovadora *a gente* é maior por parte dos falantes mais jovens. Assim, dados os pesos relativos, bem como os números de ocorrências, podemos concluir que a variação pronominal *nós* e *a gente* no falar da comunidade de Ipatinga (MG) indica, em vez de um processo de variação estável, um processo de mudança em progresso.

Como demonstra Maia (2009), o que caracteriza o processo de mudança em progresso é o uso maior por parte de falantes mais jovens da forma inovadora: “os falantes mais jovens tendem a realizar a variante inovadora mais frequentemente que os falantes mais velhos” (MAIA, 2009, p. 49). No caso deste estudo, a forma inovadora é o pronome *a gente*. Já a forma conservadora é o pronome *nós*. Como vimos, a forma *nós* possui um índice um pouco maior (41,9%) somente por parte dos falantes com idade mais avançada. Ainda assim, esse uso não é superior, sendo menor que 51%. Isso mostra que, apesar das oscilações na porcentagem de uso, a forma *a gente* é a predominante em todas as faixas etárias. Dessa maneira, podemos concluir que o uso da forma inovadora *a gente* se caracteriza como um processo de mudança em progresso na comunidade de Ipatinga (MG), o que acarretará na diminuição progressiva do uso da forma *nós* com o passar dos anos nessa localidade.

Resultados similares ao de nosso estudo em Ipatinga (MG) são encontrados em Mendonça (2010), que investiga a comunidade de Vitória (ES). Nesse trabalho, percebe-se um maior uso do pronome *a gente* por parte de falantes jovens[24] (de 15 a 25 anos, 83,9%) e, em contrapartida, um menor uso do pronome *a gente* por parte de falantes com idade mais avançada (de 50 anos ou mais, 56,9%). Com isso, esse estudo corrobora com nossos resultados, ao também evidenciar um processo de mudança em progresso na localidade de Vitória (ES).

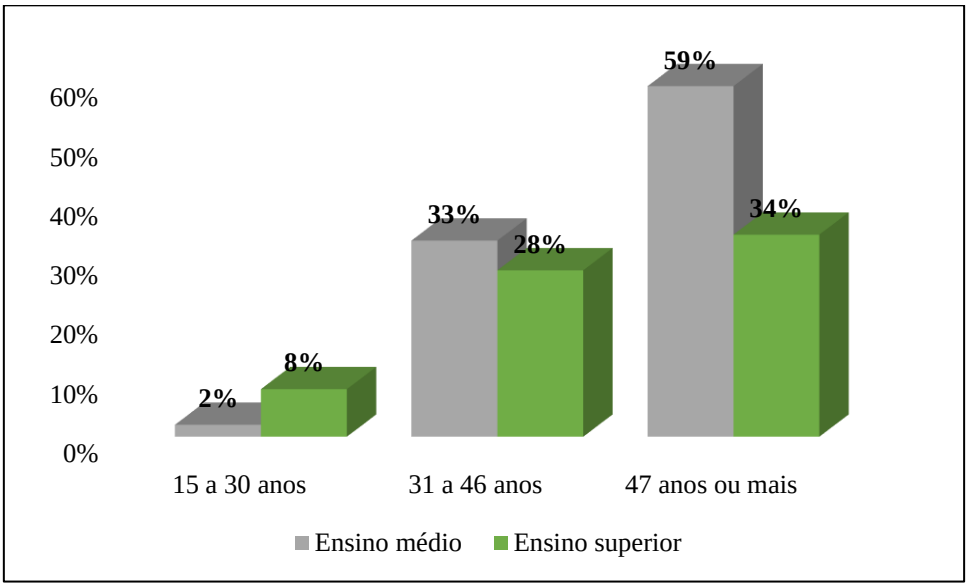
Ademais, com os resultados aqui apresentados, vemos a confirmação de nossa hipótese (i), a qual propõe que "a forma *a gente* é mais utilizada pelos falantes mais jovens, apresentando diminuição de ocorrência à medida que se eleva a faixa etária". Nesse ponto, conforme os resultados, vimos que a forma *a gente* é quase categórica com os falantes da faixa etária 1 (0.889) e diminui com os falantes da faixa etária 2 (0.505) e da faixa etária 3 (0.238) em Ipatinga. Com isso, podemos constatar que nossa hipótese (i) se confirma, pois a forma *a gente*, de fato, é a mais utilizada pelos falantes mais jovens e diminui conforme aumenta a idade dos falantes nas demais faixas etárias.

Nesta seção, optamos também por analisar a interação entre as variáveis faixa etária e grau de escolaridade, por meio de um cruzamento de fatores, tendo em vista a busca por resultados que envolvessem o grau de escolaridade dos sujeitos participantes. Com isso, ao efetuar o cruzamento de variáveis, procuramos identificar tendências de uso dos pronomes *nós* e *a gente* por parte da comunidade de fala investigada.

Dessa maneira, a partir da interação entre as variáveis faixa etária (F1 – 15 a 30 anos, F2 – 31 a 46 anos e F3 – 47 anos ou mais) e grau de escolaridade (apenas Ensino Médio completo e Ensino Superior completo), obtivemos um grupo de seis subfatores, a saber: (1) falantes mais jovens com apenas Ensino Médio completo; (2) falantes mais jovens com Ensino Superior completo; (3) falantes da faixa etária mediana com apenas Ensino Médio completo; (4) falantes da faixa etária mediana com Ensino Superior completo; (5) falantes da faixa etária mais avançada com apenas Ensino Médio completo; e (6) falantes da faixa etária mais avançada com Ensino Superior completo. Com essa descrição, veremos, no gráfico seguinte, o cruzamento dos fatores faixa etária e grau de escolaridade em relação ao uso da forma *nós*:

[24] Mendonça (2010), diferentemente de nosso estudo, realiza um recorte de faixas etárias em quatro partes, com falantes abaixo de 15 anos de idade, sendo a faixa etária 1, de 7 a 14 anos, a faixa etária 2, de 15 a 25 anos, a faixa etária 3, de 26 a 49 anos, e a faixa etária 4, de 50 anos ou mais (MENDONÇA, 2010, p. 73). Por esse motivo, utilizamos, como proposta de comparação com os dados deste trabalho, os resultados das faixas etárias do autor que mais se aproximaram numericamente das nossas faixas. Nesse caso, apresentamos os dados referentes à faixa etária 2 (15 a 25 anos) e à faixa etária 4 (50 anos ou mais).

Gráfico 5 – Cruzamento entre a faixa etária e o grau de escolaridade no emprego da forma *nós*



Fonte: Do autor.

De acordo com o gráfico, observamos que o uso da forma *nós* se mostra crescente, dado que seu emprego é maior conforme aumenta a faixa etária dos falantes ipatinguenses. No geral, em valores percentuais, o gráfico indica que o uso da forma *nós* é bastante pequeno por parte dos falantes mais jovens (2% e 8%), ao passo que seu uso se eleva expressivamente conforme aumenta a faixa etária (F2 – 33% e 28%, F3 – 59% e 34%), não importando o grau de escolaridade (apenas Ensino Médio completo e Ensino Superior completo). Nesse caso, observamos 2% por parte dos falantes mais jovens com apenas Ensino Médio completo e 8% por parte dos falantes com Ensino Superior completo. Além disso, o gráfico indica que a frequência de uso do pronome *nós* é apenas maior por parte dos falantes da faixa etária mais avançada com apenas Ensino Médio completo (59%) e menor por parte de falantes mais jovens com Ensino Superior completo (2%).

De forma geral, o uso do pronome *nós* é percentualmente maior apenas quando os falantes de Ipatinga (MG) são da faixa etária mais avançada, com 47 anos ou mais. Nesse ponto, o uso da forma *nós* ultrapassa os 50% somente por parte de falantes com idade mais avançada que possuem apenas Ensino Médio completo (59%). Já no caso dos falantes da faixa etária mais avançada com Ensino Superior completo, ao contrário, o uso do pronome *nós* não ultrapassa os 50% (34%). Isso mostra que o uso da forma *nós* não é o maior entre todos os falantes com idade mais avançada.

A fim de mostrar comparativamente os dados de uso tanto do pronome *nós* quanto do pronome *a gente*, trazemos na tabela seguinte o número de ocorrências e os dados de frequência envolvidos no cruzamento entre as variáveis faixa etária e grau de escolaridade:

Tabela 5 – Cruzamento entre a faixa etária e o grau de escolaridade no emprego das formas *nós* e *a gente*

	NÓS						***A GENTE***					
	F1		**F2**		**F3**		**F1**		**F2**		**F3**	
GRAU DE ESCOLARIDADE	***Aplic./ Total***	***%***	***Aplic./ Total***	***%***	***Aplic./ Total***	***%***	***Aplic./ Total***	***%***	***Aplic./ Total***	***%***	***Aplic./ Total***	***%***
Ensino Médio	1/55	2	18/55	33	63/106	59	54/55	98	37/55	67	43/106	41
Ensino Superior	11/134	8	24/87	28	80/235	34	123/134	92	63/87	72	155/235	66
TOTAL	12		42		143		177		100		198	‘

Fonte: Do autor.

Conforme os dados da tabela, o uso do pronome *a gente* se sobressai ao uso do pronome *nós* em todas as faixas etárias (F1, F2 e F3) e graus de escolaridade (apenas Ensino Médio completo e Ensino Superior completo) em Ipatinga (MG), exceto, como já mencionado, no caso dos falantes da faixa etária mais avançada com apenas Ensino Médio completo, em que a frequência de uso indica 59% para o pronome *nós* contra 41% para a forma *a gente*. Em contrapartida, a frequência de uso do pronome *a gente* é maior por parte dos falantes da faixa etária mais avançada com Ensino Superior, apontando 66% para o pronome *a gente* contra 34% para o pronome *nós*.

No caso dos falantes ipatinguenses mais jovens, a frequência de uso do pronome *a gente* é quase categórica, sendo 98% para os falantes mais jovens com apenas Ensino Médio completo e 92% para os falantes mais jovens com Ensino Superior completo. Isso indica que o pronome *a gente* é o mais usado quando o falante é mais jovem, em ambos os graus de escolaridade. Já no caso dos falantes da faixa etária mediana e mais avançada, o uso do pronome *a gente* decai, mas ainda mantém maior frequência. A única exceção, como sabemos, é a categoria dos falantes com idade mais avançada com apenas Ensino Médio completo (59%).

De acordo com os resultados, vemos também comparativamente que o pronome *a gente* possui 67% por parte dos falantes da faixa etária 2 com apenas Ensino Médio completo e 72% por parte dos falantes da faixa etária 2 com Ensino Superior completo, enquanto o pronome *nós* possui 33% por parte dos falantes da faixa etária 2 com apenas Ensino Médio completo e 28% por parte de falantes da faixa etária 2 com Ensino Superior completo. Dessa maneira,

observamos que o uso de *a gente* é maior não só por parte de falantes mais jovens (15 a 30 anos), como também por parte de falantes da faixa etária mediana (31 a 46 anos) e por parte dos falantes da faixa etária mais avançada com Ensino Superior (47 anos ou mais) em Ipatinga (MG).

Vale salientar que os resultados envolvendo o maior emprego do pronome *nós* por parte de falantes com idade mais avançada com apenas Ensino Médio não se restringe a este estudo sobre o falar ipatinguense. Nos trabalhos de Fransceschini (2011) e Deon (2015), observamos resultados similares em diferentes localidades. No caso de Fransceschini (2011), ao estudar o falar da comunidade de Concórdia (SC), os resultados mostraram que a frequência de uso do pronome *nós* por falantes com idade mais avançada com apenas Ensino Médio demonstrou ser superior a 50%, possuindo 66% das ocorrências. Já em Deon (2015), o mesmo fenômeno ocorre ao se estudar o falar de Guarapuava (SC), dado que o resultado de uso do pronome *nós* é maior do que 50% por parte de falantes com idade mais avançada com apenas Ensino Médio, apontando 52% de uso. Assim, observamos que os resultados desses estudos corroboram com o resultado aqui exposto, uma vez que o pronome *nós* é mais usado por falantes da faixa etária mais avançada com apenas Ensino Médio.

Com os resultados apresentados no cruzamento entre a faixa etária e o grau de escolaridade, podemos conferir se a hipótese (ii) deste estudo se confirma ou não. A hipótese (ii) afirma que "o uso da forma *nós* como sujeito implícito seguido de verbo com a marca morfêmica *-mos* é maior no falar de sujeitos com formação universitária". Como observamos nos resultados, a variável marca morfêmica precisou ser retirada, devido ao nocaute causado pela ausência de ocorrências da forma *a gente* seguida de verbo com morfema *-mos* (0%). Ao contrário, como vimos nos exemplos[25], existem ocorrências da forma *nós* seguida de verbo com morfema zero (ø), o que não descarta inicialmente nossa hipótese (ii).

Neste estudo, os resultados da variável preenchimento do sujeito mostraram que o sujeito nulo (implícito) é maior com a forma conservadora *nós* do que com a forma inovadora *a gente*. Já as tentativas de realizar o cruzamento entre o preenchimento do sujeito e a marca morfêmica e o cruzamento entre o grau de escolaridade e a marca morfêmica também apresentaram nocautes, impedindo uma análise aprofundada. Nesta seção, quando tratamos do cruzamento entre a faixa etária e o grau de escolaridade, no entanto, vemos que a forma *a gente* é maior em todos os subfatores, exceto por parte dos falantes da faixa etária mais avançada com apenas Ensino Médio completo[26]. Dessa maneira, constatamos aqui que nossa hipótese (ii) não

[25] Cf. Seção 3.1 (p. 64).
[26] Cf. Seção 3.1 (p. 67-68).

se confirma, uma vez que o maior uso da forma *nós* em Ipatinga (MG), seguido de morfema -*mos* ou não, se dá somente quando os falantes com idade mais avançada possuem Ensino Médio.

3.3 Sexo/Gênero

A próxima variável selecionada pelo programa estatístico é sexo/gênero. Nesse ponto, investigamos o uso das formas *nós* e *a gente* por parte das falantes mulheres e por parte dos falantes homens da amostra. Os exemplos abaixo ilustram as ocorrências dessas formas variantes:

(22) quando eu era pequena **a gente** *era* mais próxima dos vizinhos mas hoje em dia nem tanto **a gente** não *tem* muito contato não (INQ N. 03, Mulher, F1, Ensino Médio)

(23) o exame chegava em sete dias se tudo corresse bem sete dias **nós** *vivemo* uma agonia até que o último foi testado (INQ N. 04, Homem, F3, Ensino Superior)

(24) e agora também **a gente** *frequenta* uma a casa da outra **a gente** *viaja* junto vai pra clube pizzaria shopping então **a gente** *tem* uma convivência muito boa (INQ N. 12, Mulher, F2, Ensino Médio)

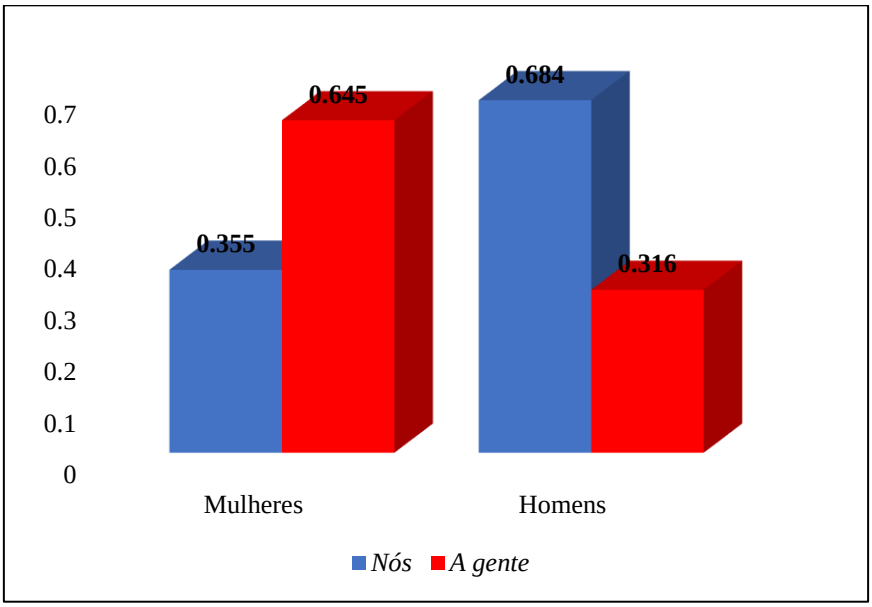
(25) seis anos pra cá lembro muito da infância da forma que **nós** *fomos* criados conduzidos (INQ N. 08, Homem, F2, Ensino Médio)

(26) **a gente** *teve* uma educação muito boa muito familiar (INQ N. 06, Mulher, F2, Ensino Superior)

Nos exemplos, vemos o uso da forma *a gente* por parte das falantes mulheres e o uso da forma *nós* por parte dos falantes homens. As ocorrências de *a gente* são: (22) "**a gente** *era*", "**a gente** não *tem*"; (24) "**a gente** *frequenta*", "**a gente** *viaja*", "**a gente** *tem*"; e (26) "**a gente** *teve*". Já as ocorrências de *nós* são: (23) "**nós** *vivemo*" e (25) "**nós** *fomos*". Com isso, de acordo com os exemplos, notamos que os resultados indicam que o uso da forma *nós* está presente no falar dos homens, ao passo que a forma *a gente* está presente no falar das mulheres.

O gráfico seguinte apresenta o efeito da variável sexo/gênero no uso das formas *nós* e *a gente* nos dados de nosso estudo:

Gráfico 6 – Efeito da variável sexo/gênero em peso relativo no emprego das formas *nós* e *a gente*



Fonte: Do autor.

A partir dos dados estatísticos, relacionados à variável sexo/gênero e o uso do pronome *nós* no falar de Ipatinga (MG), temos 0.684 de peso relativo para os homens e 0.355 de peso relativo para as mulheres. Nesse caso, vemos como resultado um favorecimento do uso da forma *nós* pelos homens. Já quando a forma *a gente* é o fator de aplicação, os resultados mostram 0.645 de peso relativo para as mulheres e 0.316 de peso relativo para os homens. Dessa maneira, o uso da forma *a gente* é favorecido no falar das mulheres.

No gráfico seguinte, apresentamos os dados relacionados ao fator sexo/gênero e o emprego das formas *nós* e *a gente*:

Tabela 6 – Efeito da variável sexo/gênero no emprego das formas *nós* e *a gente*

	NÓS			***A GENTE***		
SEXO/GÊNERO	**Aplic./Total**	**%**	**P.R.**	**Aplic./Total**	**%**	**P.R.**
Mulheres	92/378	24,3	0.355	286/378	75,7	**0.645**
Homens	105/294	35,7	**0.684**	189/294	64,3	0.316
TOTAL	197/672	29,3		475/672	70,7	

Significância: 0.006

Fonte: Do autor.

Alguns estudos tratam da mesma temática e confirmam alguns dados da tabela, a saber Deon (2015) e Mendonça (2010). No caso de Deon (2015), ao estudar o falar de Guarapuava

(PR), a autora apontou resultados semelhantes no que se refere ao uso da forma *a gente* em relação à variável sexo/gênero, indicando também um maior favorecimento na escolha da forma *a gente* por parte das mulheres, com 0.56 de peso relativo. O mesmo favorecimento se dá no estudo de Mendonça (2010), que evidenciou um resultado parecido ao abordar o falar de Vitória (ES). Nesse trabalho, o uso da forma *a gente* demonstrou também ser favorecido no falar das mulheres, com 0.60 de peso relativo. Dessa maneira, observamos a confirmação dos resultados deste estudo com os de trabalhos anteriores com a mesma temática.

Esse favorecimento da forma inovadora *a gente* no falar das mulheres ipatinguenses e, também, no falar de mulheres dos estudos em outras localidades, como vimos, acaba por evidenciar o chamado *paradoxo do gênero*. Esse paradoxo, que pode ser melhor reformulado como *paradoxo da conformidade* (SCHERRE; YACOVENCO, 2011, p. 124), foi proposto por Labov (2001), ao constatar, em seus estudos, uma maior presença de formas inovadoras no falar das mulheres em determinados contextos.

Ao contrário do que se acreditaria popularmente, de que o falar das mulheres apresentaria maior presença de formas conservadoras do que o falar dos homens, o paradoxo da conformidade indicaria que na língua o fenômeno da variação e da mudança linguísticas funciona, muitas vezes, de maneira oposta. Assim, as meras escolhas linguísticas, por parte de homens e mulheres, possuiriam uma explicação mais complexa, a qual pode dar indícios seguros de prováveis mudanças na língua. Conforme o autor, esse paradoxo pode ser:

> [...] Melhor estabelecido em termos do contrário da conformidade, o desvio (*deviation*): mulheres desviam das normas prescritas menos do que os homens, porém desviam mais do que os homens quando os desvios não são prescritos (LABOV, 2001, p. 367, grifos do autor).[27]

Nesse ponto, o paradoxo de uso da língua residiria no fato de que, apesar de boa parte dos estudos indicarem um comportamento de maior conformidade do falar das mulheres em relação a formas conservadoras, são exatamente as falantes mulheres, ainda que sem consciência social, que liderariam o processo de mudança na língua, ao optarem por utilizar mais as formas inovadoras não estigmatizadas em alguns contextos.

Assim, podemos observar que as escolhas distintas, em relação a variantes em disputa na língua, no falar de homens e mulheres, não se tratam apenas de escolhas baseadas no sexo/gênero dos falantes, mas de como a língua pode estar mudando em determinada comunidade de fala. No caso de nosso estudo, as diferenças evidenciadas no falar de homens e

[27] Tradução de Scherre e Yacovenco (2011, p. 124).

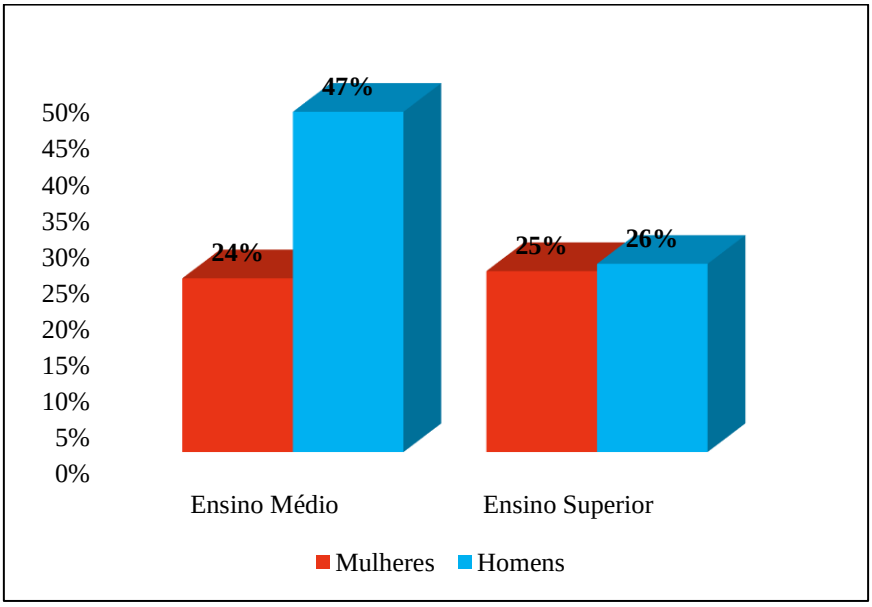
mulheres poderiam indicar mudanças em uma comunidade de fala específica, a saber Ipatinga (MG).

No entanto, cabe ressaltar que a variável sexo/gênero por si só não deve ser tomada como o único parâmetro para se entender a complexa e heterogênea rede que constitui uma comunidade de fala, presente em uma dada localidade. Um estudo mais aprofundado precisa considerar, além da variável sexo/gênero isolada, sua relação com outros fatores (FREITAG; SEVERO, 2015, p. 164).

Por esse motivo, optamos por analisar, além da variável sexo/gênero isolada, as interações entre essa variável e outras de natureza extralinguística. A primeira delas, que apresentamos, é o cruzamento entre o sexo/gênero e o grau de escolaridade.

No cruzamento entre o sexo/gênero e o grau de escolaridade, obtivemos os seguintes subfatores: (1) mulheres com apenas Ensino Médio completo; (2) homens com apenas Ensino Médio completo; (3) mulheres com Ensino Superior completo; (4) homens com Ensino Superior completo. O gráfico a seguir traz os dados percentuais desse cruzamento:

Gráfico 7 – Cruzamento entre o sexo/gênero e o grau de escolaridade no emprego da forma *nós*



Fonte: Do autor.

De acordo com os dados do cruzamento, em Ipatinga (MG), a forma conservadora *nós* é mais utilizada por parte dos homens em ambos os graus de escolaridade. No caso dos falantes homens com apenas Ensino Médio completo, esse uso apresenta quase o dobro de ocorrências (47%) em relação às falantes mulheres com apenas Ensino Médio completo (24%). Já quando

os falantes possuem Ensino Superior completo, a frequência de uso não se mostra muito distante, sendo bem menos acentuada, com 25% para as mulheres e 26% para os homens.

Nesse resultado, um ponto a se notar é que, mesmo com um maior uso da forma *nós* por parte dos falantes homens da pesquisa, esse uso não chega a ser majoritário, isto é, acima dos 50%, o que mostra que o uso da forma *a gente* é maior tanto no falar dos homens quanto no falar das mulheres. Além disso, diferentemente dos falantes com apenas Ensino Médio, o percentual de uso da forma *nós* por parte dos falantes que possuem Ensino Superior é bastante próximo em ambos os sexos/gêneros, indicando apenas 25% para as mulheres e 26% para os homens. Com isso, observamos que o uso de *nós* é maior somente por parte dos falantes homens que possuem apenas Ensino Médio completo (47%), não chegando, contudo, a ultrapassar os 50%. Ademais, o uso da forma *nós* se mantém quase inalterado no falar das mulheres, independentemente do grau de escolaridade.

Uma explicação para o menor uso da forma *nós* por parte das falantes mulheres, tanto com apenas Ensino Médio quanto com Ensino Superior, seja que a forma *a gente* se configura em uma forma inovadora não estigmatizada, que está em via de substituição da forma conservadora *nós* na comunidade ipatinguense, como mostraram os resultados envolvendo o fator faixa etária[28]. Além disso, ainda que a forma *nós*, continue em maior uso por parte dos falantes homens que possuem apenas Ensino Médio, seu uso não chega a 50%. Dessa maneira, constatamos que a forma inovadora *a gente* é a mais utilizada por homens e mulheres, seja com apenas Ensino Médio ou com Ensino Superior. Com isso, os resultados indicam, além de uma mudança em progresso na comunidade de fala de Ipatinga, que as mulheres atuam como líderes dessa mudança, e que o grau de escolaridade não interfere nesse processo.

A tabela seguinte mostra os dados do cruzamento entre o sexo/gênero e o grau de escolaridade:

Tabela 7 – Cruzamento entre o sexo/gênero e o grau de escolaridade no emprego das formas *nós* e *a gente*

	NÓS				***A GENTE***			
	Ensino Médio		**Ensino Superior**		**Ensino Médio**		**Ensino Superior**	
SEXO/GÊNERO	***Aplic./ Total***	***%***	***Aplic./ Total***	***%***	***Aplic./ Total***	***%***	***Aplic./ Total***	***%***
Mulheres	20/85	24	72/293	25	65/85	76	221/293	75
Homens	62/131	47	43/163	26	69/131	53	120/163	74
TOTAL	82		115		134		341	

Fonte: Do autor.

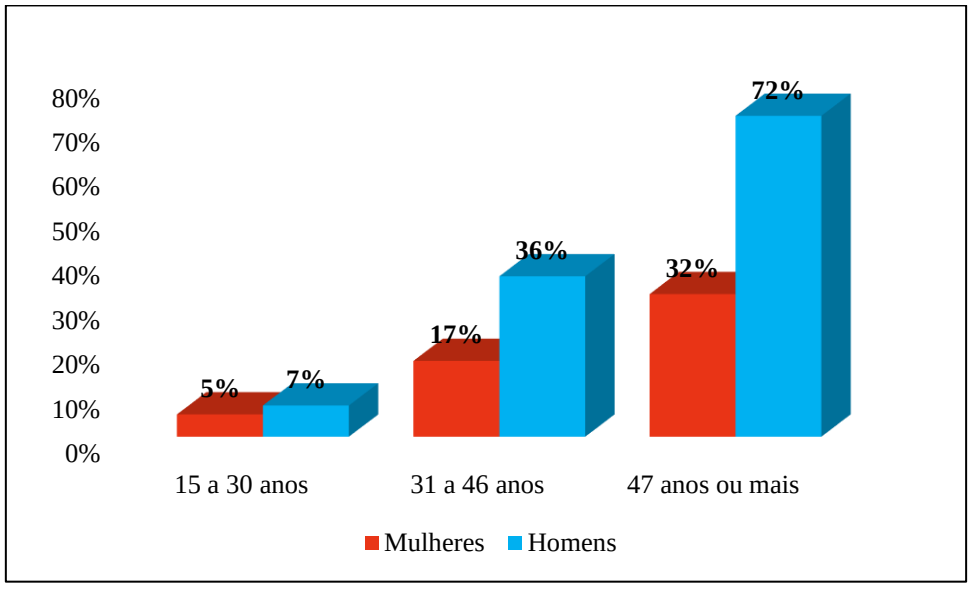
[28] Cf. Seção 3.2 (p. 74-75).

Conforme a tabela, o uso de *a gente* predomina em Ipatinga (MG), estando acima de 50% tanto no falar das mulheres quanto no dos homens que possuem apenas Ensino Médio, e sendo maior por parte das mulheres. Esse resultado também se respalda em Deon (2015), que estudou o falar de Guarapuava (PR). Nesse estudo, apesar de possuir um enfoque apenas em falantes com ensino básico, segmentados em Ensino Fundamental I, Ensino Fundamental II e Ensino Médio, ao realizar o cruzamento entre sexo/gênero e grau de escolaridade, a autora obteve como resultado que a forma *a gente* é a mais utilizada por ambos os sexos/gêneros com apenas Ensino Médio, sendo o uso mais acentuado por parte das mulheres (mulheres com 73% e homens com 60%). Assim, observamos uma correspondência dos resultados deste estudo com outro em outra localidade, o que pode apontar para uma tendência de uso, em que o fator grau de escolaridade não influencia no maior uso da forma inovadora *a gente* por parte de falantes homens e mulheres com apenas Ensino Médio.

Ademais, o segundo cruzamento que efetuamos foi entre o sexo/gênero e a faixa etária. Dessa interação, tivemos como subfatores: (1) mulheres com faixa etária mais jovem; (2) homens com faixa etária mais jovem; (3) mulheres com faixa etária mediana; (4) homens com faixa etária mediana; (5) mulheres com faixa etária mais avançada; (6) homens com faixa etária mais avançada.

O gráfico seguinte apresenta os resultados percentuais do cruzamento realizado:

Gráfico 8 – Cruzamento entre o sexo/gênero e a faixa etária no emprego da forma *nós*



Fonte: Do autor.

Como vemos, a forma *nós* em Ipatinga é mais utilizada por parte dos falantes homens e aumenta de acordo com a faixa etária, sendo menor na faixa etária 1 (7%) e maior nas faixas subsequentes, com 36% para a faixa 2 e 72% para a faixa 3. Nesse ponto, vale pontuar que esse uso ultrapassa os 50% na faixa etária mais avançada, quando os falantes são os homens, sendo a forma conservadora *nós* a mais utilizada (72%), em detrimento da forma inovadora *a gente*. Já a forma *nós* apresenta menor uso no falar das mulheres, apresentando um ligeiro crescimento com a elevação da faixa etária, sendo 5% na faixa etária 1, 17% na faixa 2 e 32% na faixa 3. Em todas as faixas etárias das mulheres, contudo, o uso da forma inovadora *a gente* é maior.

Nessa interação entre o sexo/gênero e a faixa etária dos participantes, observamos novamente um maior uso da forma inovadora *a gente* por parte de falantes homens e mulheres, assim como foi observado no cruzamento anterior, envolvendo o fator grau de escolaridade. Aqui, no entanto, vemos que o uso da forma conservadora *nós* somente ultrapassa os 50% quando os falantes são homens e possuem idade mais avançada (72%).

Além de sabermos que a variação entre os pronomes *nós* e *a gente* indica um processo de mudança linguística em progresso na comunidade de Ipatinga (MG)[29], com base no cruzamento, podemos ainda constatar que o uso da forma *a gente* é maior por parte das mulheres em todas as faixas etárias e por parte dos homens, exceto no falar dos homens com idade mais avançada, de 46 anos ou mais. Assim, observamos a confirmação do paradoxo da conformidade, tendo as mulheres como líderes no processo de mudança linguística em todas as faixas etárias investigadas.

Na tabela 8, apresentamos os dados envolvendo o cruzamento abordado:

Tabela 8 – Cruzamento entre o sexo/gênero e a faixa etária no emprego das formas *nós* e *a gente*

	NÓS						***A GENTE***					
	F1		**F2**		**F3**		**F1**		**F2**		**F3**	
SEXO/GÊNERO	***Aplic./ Total***	***%***	***Aplic./ Total***	***%***	***Aplic./ Total***	***%***	***Aplic./ Total***	***%***	***Aplic./ Total***	***%***	***Aplic./ Total***	***%***
Mulheres	4/78	5	8/47	17	80/253	32	74/78	95	39/47	83	173/253	68
Homens	8/111	7	34/95	36	63/88	72	103/111	93	61/95	64	25/88	28
TOTAL	12		42		143		177		100		198	

Fonte: Do autor.

[29] Cf. Seção 3.2 (p. 74-75).

Como resultado comparativo ao da tabela, podemos mencionar novamente o trabalho de Deon (2015). Em sua pesquisa sobre o falar de Guarapuava (PR), com falantes até o Ensino Médio, a autora realiza também o cruzamento entre a variável sexo/gênero e a variável faixa etária. Desse cruzamento, Deon (2015) obtém que o uso de *nós* é o maior por parte dos falantes homens da faixa etária mais avançada (66%). Com isso, vemos confirmados os resultados de nosso estudo do falar ipatinguense, no que se refere aos falantes homens com apenas Ensino Médio, que apresentaram um uso maior da forma conservadora *nós* (72%).

De maneira geral, os resultados mostraram que o uso da forma inovadora *a gente* é mais favorecido no falar das mulheres (0.645), ao passo que o uso da forma conservadora *nós* se favorece no falar dos homens (0.684). Além disso, com os cruzamentos, pudemos observar que o fator grau de escolaridade não influencia no uso da forma inovadora *a gente*, o qual é o maior tanto por homens quanto por mulheres com apenas Ensino Médio ou com Ensino Superior. Além disso, o fator faixa etária indica que o uso de *a gente* é maior por parte de homens e mulheres de todas as faixas etárias, exceto por parte de homens com idade mais avançada, de 47 anos ou mais (72%). Os resultados, enfim, apontam que as falantes mulheres lideram o processo de mudança linguística em progresso no falar de Ipatinga, por apresentarem um maior uso da forma inovadora *a gente* em todos os resultados envolvendo a variável sexo/gênero e seus cruzamentos.

3.4 Determinação do referente

Por último, analisamos a variável determinação do referente e sua relação com o uso dos pronomes *nós* e *a gente*. A seguir, apresentamos exemplos de ocorrências desse fator com a forma *a gente*:

(27) a vida é uma aprendizagem contínua todo dia **a gente** *aprende* uma coisa diferente uma maneira diferente e o homem é meio camaleão né ele vai se adaptando com o tempo né não tem outra forma tem que se adequar ao tempo (INQ N. 09, Homem, F3, Ensino Médio)

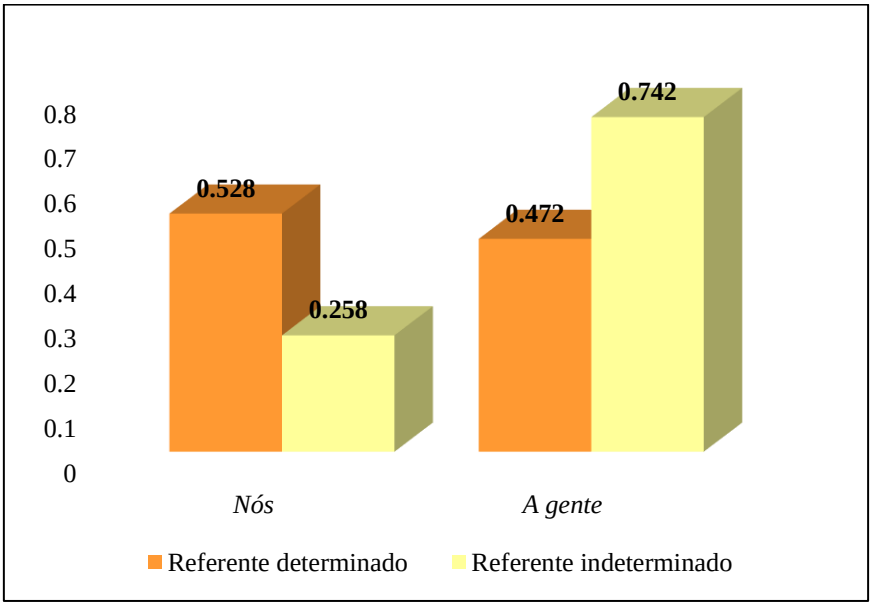
(28) a vida levou meus pais mas a vida é essa mesmo é o desígnio de Deus **a gente** não *tá* aqui **a gente** *é* uma semente que lançou que **a gente** *vai* nascer florir e produzir e depois morrer né (INQ N. 05, Mulher, F3, Ensino Superior)

(29) antigamente não tinha isso telefone não tinha tinha televisão só que tinha hora d**a gente** *ver* tinha a hora tipo assim né hoje não tem tanto a maldade entre os negócios como tinha antigamente (INQ N. 02, Mulher, F1, Ensino Superior)

Nos três exemplos, observamos que o sentido da forma *a gente* ocorre com o fator referente indeterminado. Nesses casos, a forma *a gente* possui os traços semânticos [-específico] e [+genérico], tendo como referente (eu + todo mundo, eu + qualquer um). Nos exemplos (27) e (28), os falantes refletem sobre a vida, conforme os trechos "a vida é uma aprendizagem contínua" e "mas a vida é essa mesmo", logo antes de introduzirem o pronome *a gente*: (27) "todo dia **a gente** *aprende*" e (28) "**a gente** não *tá* aqui **a gente** *é* uma semente que lançou que **a gente** *vai* nascer florir e produzir e depois morrer né". Já no exemplo (29), a falante reflete sobre a época anterior ao momento de sua fala, ao afirmar "antigamente não tinha isso de telefone", apresentando, em seguida, o pronome *a gente*: (29) "tinha televisão só que tinha hora d**a gente** *ver*". Assim, de maneira geral, como vemos, as ocorrências do referente indeterminado aparecem em momentos das narrativas em que os participantes fazem reflexões impessoais, sem se referir a pessoas mencionadas em seus enunciados.

No gráfico seguinte, trazemos os resultados do fator determinação do referente e sua relação com o uso das formas *nós* e *a gente*:

Gráfico 9 – Efeito da variável determinação do referente em peso relativo no emprego das formas *nós* e *a gente*



Fonte: Do autor.

De acordo com o gráfico, os resultados dos pesos relativos são diferentes, a depender do tipo de pronome empregado. Nesse ponto, com o pronome *nós*, os resultados indicam 0.528 de peso relativo quando o referente é determinado, ao passo que, quando o referente é indeterminado, o peso relativo é 0.258. Já com o pronome *a gente*, os resultados apontam 0.742

de peso relativo quando o referente é indeterminado e 0.472 quando o referente é determinado. Assim, com esses resultados, observamos que existe um leve favorecimento de uso da forma conservadora *nós* quando o referente é determinado (0.528), uma vez que o valor é próximo ao ponto neutro (0.500). Além disso, vemos que há um maior favorecimento de uso da forma *a gente* quando o referente é indeterminado (0.742).

Dessa maneira, com os pesos relativos, constatamos que o fator referente determinado favorece o uso da forma conservadora *nós*, enquanto o fator referente indeterminado favorece o uso da forma inovadora *a gente* no falar ipatinguense. Em outras palavras, quando o falante faz referência a contextos em que os referentes são conhecidos no enunciado, o pronome que tende a ser utilizado é *nós*, ao passo que, quando o falante se remete à coletividade ou a contextos em que os referentes são desconhecidos no enunciado, o pronome que tende a ser escolhido é *a gente*.

A tabela que apresentamos na sequência traz os resultados envolvendo a variável determinação do referente e o emprego das formas *nós* e *a gente*:

Tabela 9 – Efeito da variável determinação do referente no emprego das formas *nós* e *a gente*

	NÓS			***A GENTE***		
DETERMINAÇÃO DO REFERENTE	**Aplic./Total**	**%**	**P.R.**	**Aplic./Total**	**%**	**P.R.**
Referente determinado	185/608	30,4	**0.528**	423/608	69,6	0.472
Referente indeterminado	12/64	18,8	0.258	52/64	81,2	**0.742**
TOTAL	197/672	29,3		475/672	70,7	

Significância: 0.006

Fonte: Do autor.

Vale salientar que os resultados aqui alcançados também foram encontrados em Araújo (2016), ao investigar o falar de Fortaleza (CE). Neste trabalho, assim como o nosso, os resultados apontaram que a forma *a gente* se favorece quando o referente é indeterminado (genérico), tendo 0.727 de peso relativo. Dessa maneira, vemos que o fator referente indeterminado condiciona o uso da forma inovadora *a gente*. Com isso, podemos constatar que os resultados deste estudo acerca do fator determinação do referente indicam uma tendência de uso também em outras localidades.

Além dos resultados, procuramos também confirmar ou não a hipótese (iii) deste trabalho, a qual afirma que “a variável referência indeterminada do sujeito contribui para a

ocorrência de uso da forma *a gente*". Nesse ponto, como vimos, os resultados alcançados mostram que o emprego da forma inovadora *a gente* se favorece quando o referente é indeterminado (0.742) e não quando o referente é determinado (0.472). No caso deste último, há um leve favorecimento para o uso da forma conservadora *nós* (0.528). Com isso, podemos concluir que a hipótese (iii) deste estudo foi confirmada.

Por fim, de maneira geral, nesta seção, tivemos como resultados que: o fator sujeito nulo favorece o uso do pronome *nós* (0.867), ao passo que o fator sujeito preenchido favorece o uso de *a gente* (0.654); no cruzamento entre o preenchimento do sujeito e o grau de escolaridade, o uso do sujeito nulo com a forma *nós* é maior por parte dos falantes com apenas Ensino Médio completo (75%) e com Ensino Superior completo (63%); a variação pronominal *nós* e *a gente* se trata de um processo de mudança em progresso, dado que a forma inovadora *a gente* é favorecida no falar dos mais jovens (0.889), enquanto a forma conservadora *nós* se favorece entre os falantes com idade mais avançada (0.762); após os resultados envolvendo a variável faixa etária, a hipótese (i) se confirma, pois a forma *a gente* se mostra como mais favorecida no falar dos mais jovens (0.889), diminuindo com os falantes da faixa etária 2 (0.505) e da faixa etária 3 (0.238); no cruzamento entre a faixa etária e o grau de escolaridade, o uso do pronome *nós* é maior apenas entre a faixa etária mais avançada, ultrapassando os 50% somente por parte de falantes com idade mais avançada que possuem apenas Ensino Médio completo (59%); com os resultados do cruzamento entre a faixa etária e o grau de escolaridade, a hipótese (ii) não se confirma, pois o emprego da forma *nós*, seguido de morfema *-mos* ou não, é maior somente quando os falantes com idade mais avançada possuem apenas Ensino Médio (59%); os resultados da variável sexo/gênero demonstraram que o pronome *nós* se favorece no falar dos homens (0.684), ao passo que o pronome *a gente* se favorece no falar das mulheres (0.645); no cruzamento entre o sexo/gênero e o grau de escolaridade, os resultados mostram que o uso de *a gente* é maior por parte de homens e mulheres em ambos os graus de escolaridade, sendo o uso da forma *nós* maior somente quando os falantes são homens e possuem apenas Ensino Médio (47%); no cruzamento entre o sexo/gênero e a faixa etária, os resultados indicam que o uso da forma *nós* é maior somente quando os falantes são homens e possuem idade mais avançada (72%); o fator referente indeterminado condiciona o uso do pronome *a gente* (0.742), enquanto o fator referente determinado condiciona levemente o uso do pronome *nós* (0.528); e, enfim, com os resultados envolvendo a variável determinação de referente, a hipótese (iii) se confirma, uma vez que o fator referente indeterminado favorece o uso da forma inovadora *a gente* (0.742).

CAPÍTULO 4: CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das análises realizadas acerca da amostra deste estudo, que teve como enfoque a investigação da variação pronominal *nós* e *a gente* na função sintática de sujeito na modalidade oral de fala casual e espontânea junto a moradores do município de Ipatinga (MG), utilizando como base a sociolinguística variacionista, pudemos chegar a diferentes conclusões. Dentre essas, algumas confirmaram nossas hipóteses, bem como outras reafirmaram os resultados de outros estudos com a mesma temática.

As variáveis linguísticas que inicialmente escolhemos trabalhar foram preenchimento do sujeito, marca morfêmica e determinação do referente, enquanto as variáveis extralinguísticas se dividiram em sexo/gênero, faixa etária e grau de escolaridade. Com isso, a partir desses fatores, fizemos a seleção dos dados de nossa amostra, que tiveram como critério de escolha ocorrências em que as formas variantes, *nós* e *a gente*, estivessem ligadas sintaticamente ao verbo na função de sujeito.

Tendo em vista essa seleção, lançamos mão da relação entre a variável em questão, *nós* e *a gente*, e diferentes variáveis linguísticas e extralinguísticas, que foram quantificadas pelo programa estatístico *GoldVarb X* em duas rodadas, as quais geraram resultados com números de ocorrências, valores de frequência, pesos relativos e significância. Esses valores, assim relacionados, permitiram, com as análises, a constatação de evidências e tendências a respeito do emprego dos pronomes de 1PP no português falado em Ipatinga, Minas Gerais.

Das variáveis trabalhadas inicialmente, o programa selecionou apenas quatro, por ordem de relevância, sendo preenchimento do sujeito, faixa etária, sexo/gênero e determinação do referente. Já as variáveis não selecionadas foram marca morfêmica e grau de escolaridade. Na variável marca morfêmica, foi identificado um nocaute, enquanto na variável grau de escolaridade os dados mostraram baixa significância.

O resultado geral indicou uma predominância de uso por parte dos falantes da forma inovadora *a gente* sobre a forma conservadora *nós*. Nesse caso, enquanto a forma *a gente* revelou 70,7% no número de ocorrências, a forma *nós* apresentou somente 29,3%. Já os números de ocorrências foram 475 para a forma *a gente* e 197 para a forma *nós* em um total de 672 ocorrências. Com isso, vimos que o uso da forma inovadora *a gente* demonstrou ser maior por parte dos falantes de Ipatinga (MG) no resultado de uso geral.

Tal resultado geral confirma os resultados de estudos anteriores da área, tais como Araújo (2016), Deon (2015), Santana (2014) e Gonçalves (2003), por exemplo. No primeiro estudo, de Araújo (2016), os resultados indicaram um predomínio da forma *a gente* sobre a

forma *nós*, sendo respectivamente 67% contra 33% na cidade de Fortaleza (CE). O mesmo predomínio da forma *a gente* se dá nos resultados do trabalho de Deon (2015), que apresentam 53% de ocorrências de *a gente* sobre 47% de ocorrências da forma *nós*. Além disso, em Santana (2014), as ocorrências indicaram 76% de frequência da forma *a gente* em comparação com 24% de frequência da forma *nós* no falar de Salvador (BA). Já em Gonçalves (2003), obteve-se como resultado 75% de ocorrências para a forma *a gente* e 24% de ocorrências para a forma *nós* na comunidade de fala de Belo Horizonte (MG). Com isso, levando-se em consideração o resultado desse trabalho em relação a resultados desses outros estudos, podemos afirmar que nosso trabalho indica uma tendência de maior uso da forma inovadora *a gente* no PB, que é evidenciada em diferentes localidades.

Ademais, dois fatores foram desconsiderados pelo programa estatístico, a saber marca morfêmica e grau de escolaridade. No caso da marca morfêmica, os resultados envolvendo essa variável não foram obtidos, pois esse fator foi eliminado pelo programa estatístico, devido a identificação de um nocaute. Já no caso da variável grau de escolaridade, o programa acabou por descartar esse fator, por conta da baixa significância encontrada (0.001). Por isso, optamos por realizar um cruzamento entre os fatores faixa etária e grau de escolaridade, a fim de encontrar resultados envolvendo o grau de escolaridade dos participantes. Nesse ponto, os resultados mostraram que o uso do pronome *a gente* é maior por parte dos falantes da faixa etária 1 com apenas Ensino Médio (98%) e Ensino Superior (92%), falantes da faixa etária 2 com apenas Ensino Médio (67%) e Ensino Superior (72%) e falantes da faixa etária 3 com Ensino Superior completo (66%), sendo a única exceção para essa tendência os falantes da faixa etária mais avançada com apenas Ensino Médio, que indicaram um uso maior do pronome *nós* (59%).

No caso dos resultados envolvendo a interação entre os fatores faixa etária e grau de escolaridade, encontramos reflexo nos resultados de Fransceschini (2011) e Deon (2015). Em Fransceschini (2011), os resultados mostraram que o uso do pronome *nós* por falantes da faixa etária mais avançada com apenas Ensino Médio é maior, tendo 66% das ocorrências. Já em Deon (2015), o resultado de uso do pronome *nós* também é superior, com 52% de uso. Dessa maneira, observamos que os resultados dos estudos salientados são semelhantes ao resultado deste trabalho, uma vez que o pronome *nós* é mais usado por falantes da faixa etária mais avançada com apenas Ensino Médio.

Ao tratar das variáveis selecionadas como significativas pelo programa estatístico na investigação da variação dos pronomes *nós* e *a gente*, tivemos como ordem de seleção preenchimento do sujeito, faixa etária, sexo/gênero e determinação do referente, que apontaram

0.006 de significância. Com isso, procuramos nessa ordem, por meio dos dados gerados pelo programa, investigar o efeito dessas variáveis no uso das formas *nós* e *a gente*, levando em conta os objetivos e hipóteses aqui salientados.

Na primeira variável selecionada, preenchimento do sujeito, os resultados mostraram que o fator sujeito nulo favorece o uso do pronome *nós* (0.867), ao passo que o fator sujeito preenchido favorece o uso do pronome *a gente* (0.654). Na variável faixa etária, tivemos como resultado que a forma *a gente* se mostra como a mais utilizada pelos falantes da faixa etária 1 (93,7% e 0.889), diminuindo com os falantes da faixa etária 2 (70,4% e 0.505) e com os falantes da faixa etária 3 (58,1% e 0.238). Na variável sexo/gênero, os resultados indicaram que o pronome *nós* se favorece no falar dos homens (0.684), ao passo que o pronome *a gente* se favorece no falar das mulheres (0.645). Já na variável determinação do referente, os resultados mostraram que o fator sujeito nulo favorece o uso do pronome *nós* (0.867), enquanto o fator o sujeito preenchido favorece o uso do pronome *a gente* (0.654).

No caso dos resultados das variáveis selecionadas pelo programa estatístico, encontramos também paralelo nos resultados de outros estudos, a saber Araújo (2016), Deon (2015), Mendonça (2010) e Nascimento (2013). Na primeira variável, preenchimento do sujeito, os resultados de Deon (2015) indicam um maior uso da forma conservadora *nós* com o fator linguístico sujeito nulo, caso consideremos esse resultado como sendo comparativo ao resultado da forma inovadora *a gente*, que mostram 34% para a forma *nós* e 7% para a forma *a gente*. Já quando o fator é o sujeito preenchido, os resultados indicam um maior uso da forma inovadora *a gente*, caso consideremos esse resultado como comparativo à forma conservadora *nós*, sendo 97% para a forma *a gente* e 66% para a forma *nós*. De maneira semelhante, os resultados de Nascimento (2013) mostram que o fator sujeito nulo (implícito) é maior com o pronome *nós*, tendo 93% de frequência.

Na próxima variável, faixa etária, resultados similares ao de nosso estudo são encontrados em Mendonça (2010). Nesse trabalho, percebe-se um maior uso do pronome *a gente* por parte dos falantes da faixa etária jovem (83,9%) e, em contrapartida, um menor uso do pronome *a gente* por parte de falantes da faixa etária mais avançada (56,9%). Já na variável sexo/gênero, também encontramos resultados parecidos com os nossos, em Deon (2015) e Mendonça (2010). No caso de Deon (2015), o estudo apontou um maior favorecimento na escolha da forma *a gente* por parte das mulheres (0.56). O mesmo favorecimento se dá no estudo de Mendonça (2010), que evidenciou que o uso da forma *a gente* se favorece no falar das mulheres (0.60). Por fim, os resultados da variável determinação do referente também foram encontrados em Araújo (2016). Nesse trabalho, assim como o nosso, os resultados apontaram

que a forma *a gente* se favorece quando o referente é indeterminado ou genérico (0.727), o que mostra que o fator referente indeterminado condiciona o uso da forma inovadora *a gente*. Dessa maneira, no geral, podemos concluir que os resultados de nosso estudo indicam tendências em outros trabalhos e localidades.

Ademais, devido a não seleção da variável grau de escolaridade pelo *GoldVarb X* e por conta da necessidade de aprofundarmos os resultados da variável sexo/gênero, realizamos também quatro cruzamentos, quais sejam: o cruzamento entre o preenchimento do sujeito e o grau de escolaridade, o cruzamento entre a faixa etária e o grau de escolaridade, o cruzamento entre o sexo/gênero e o grau de escolaridade, e o cruzamento entre o sexo/gênero e a faixa etária.

Os resultados mostraram que, no cruzamento entre o preenchimento do sujeito e o grau de escolaridade, o uso do sujeito nulo com a forma *nós* é maior por parte dos falantes que possuem apenas Ensino Médio completo (75%) e Ensino Superior completo (63%). No cruzamento entre a faixa etária e o grau de escolaridade, o uso do pronome *nós* é maior apenas entre a faixa etária mais avançada, sendo majoritário somente por parte de falantes com idade mais avançada que possuem apenas Ensino Médio completo (59%). No próximo cruzamento, entre o sexo/gênero e o grau de escolaridade, os resultados mostraram que o uso da forma *a gente* é maior por parte de homens e mulheres em ambos os graus de escolaridade, sendo o uso da forma *nós* maior somente quando os falantes são homens e possuem apenas Ensino Médio (47%). Por último, no cruzamento entre o sexo/gênero e a faixa etária, os resultados indicaram que o uso da forma *nós* é maior somente quando os falantes são homens e possuem idade mais avançada (72%).

Em comparação a outros estudos, os resultados de alguns cruzamentos realizados neste trabalho mostraram consonâncias, como é o caso do cruzamento entre a faixa etária e o grau de escolaridade, por exemplo. Nesse cruzamento, encontramos a confirmação de nossos resultados com os de Franceschini (2011) e Deon (2015). Em Franceschini (2011), os resultados mostraram que a frequência de uso do pronome *nós* por falantes com idade mais avançada com apenas Ensino Médio demonstrou ser majoritária, possuindo 66% das ocorrências. Já no estudo de Deon (2015), o mesmo fenômeno ocorreu nos resultados, em que o uso do pronome *nós* é majoritário por parte de falantes com idade mais avançada com apenas Ensino Médio (52%). Assim, constatamos que os resultados desses estudos corroboraram com o resultado do cruzamento aqui exposto, uma vez que o pronome *nós* é mais usado por falantes da faixa etária mais avançada com apenas Ensino Médio.

Das três hipóteses adotadas neste trabalho, concluímos que duas foram confirmadas e uma não foi confirmada. A hipótese (i) “a forma *a gente* é mais utilizada pelos falantes mais jovens, apresentando diminuição de ocorrência à medida que se eleva a faixa etária” foi confirmada, pois, como já mencionado, os resultados mostraram que o uso de *a gente* é maior por parte dos falantes mais jovens (F1) e decai nas demais faixas etárias (F2 e F3). A hipótese (ii) “o uso da forma *nós* como sujeito implícito seguido de verbo com a marca morfêmica *-mos* é maior no falar de sujeitos com formação universitária” não foi confirmada, uma vez que o uso da forma *nós*, seguido de morfema *-mos* ou não, é maior somente no contexto dos falantes da faixa etária 3 com apenas Ensino Médio. Por último, a hipótese (iii) “a variável referência indeterminada do sujeito contribui para a ocorrência de uso da forma *a gente*” foi confirmada, pois o fator referente indeterminado favorece o uso da forma inovadora *a gente*.

Em síntese, este trabalho atingiu o objetivo geral e os objetivos específicos no estudo da variação pronominal *nós* e *a gente* em Ipatinga (MG), pois conseguimos aqui descrever quais fatores linguísticos e extralinguísticos condicionam essa variação, bem como conseguimos verificar qual tipo de processo envolve o fenômeno investigado. Além disso, por meio dos resultados, pudemos também realizar a confirmação das três hipóteses adotadas. Por fim, este estudo demonstrou que a forma *a gente* é mais utilizada (70,7%) do que a forma *nós* (29,3%) em Ipatinga (MG), e que a variação pronominal *nós* e *a gente* se trata de um processo de mudança em progresso nessa localidade, uma vez que os falantes mais jovens utilizam mais a forma inovadora *a gente* (93,7% e 0.889), ao passo que os falantes da faixa etária 3 usam mais a forma conservadora *nós* (58,1% e 0.238).

REFERÊNCIAS

ABRAÇADO, M. J. de A. **Mudanças no sistema pronominal do português brasileiro:** causas e consequências. 1991. 245 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras da UFMG. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1991.

ARAÚJO, Marden Alyson Matos de. **Será que *a gente* usa mais o *nós*?** Uma fotografia sociolinguística do falar popular de Fortaleza. 2016. 148 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2016.

AULETE. **Dicionário Aulete Digital:** o dicionário da língua portuguesa na internet [online]. Lexikon Editora Digital. Disponível em: <http://www.aulete.com.br/>. Acesso em: 20 maio 2020.

BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso:** por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola, 2007.

_____. Por que "norma"? Por que "culta"? In: **A norma oculta:** língua e poder na sociedade brasileira. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral I.** Campinas: Pontes, 1988.

BORGES, P. R. S. **A gramaticalização de *a gente* no português brasileiro:** análise histórico-social-linguística da fala das comunidades gaúchas de Jaraguão e Pelotas. 2004. 227 f. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna:** a sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

CARVALHO, Gislaine Aparecida de. **A realização do sujeito na fala do português europeu.** 2009. 259 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, 2009.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. **Nova Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Editora Contexto, 2010.

CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima gramática da língua portuguesa.** 48 ed. São Paulo: IBEP, 2009.

DEON, Vanessa Aparecida. **Variação pronominal *Nós/A Gente* em Guarapuava-PR**. 2015. 130 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual do Centro-Oeste, Guarapuava, 2015.

DUARTE, M. E. L. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In: ROBERTS, I.; KATO, Mary A. (orgs.) **Português brasileiro:** uma viagem diacrônica – homenagem a Fernando Tarallo. 2 ed. Campinas: SP: Editora da Unicamp, 1996, p. 107-128.

FARACO, Carlos Alberto. **Norma culta brasileira:** desatando alguns nós. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio da língua portuguesa.** 5a ed. Curitiba: Editora Positivo, 2010.

FRANCESCHINI, Lucelene Teresinha. **Variação Pronominal *Nós/A Gente* E *Tu/Você* Em Concórdia – SC**. 2011. 252 f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras da UFP. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2011.

FREITAG, Raquel Meister Ko. Uso, crença e atitudes na variação na primeira pessoa do plural no Português Brasileiro. In: **DELTA:** Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada, v. 32, p. 889-917, 2016.

FREITAG, Raquel Meister Ko.; SEVERO, Cristine Gorski. **Mulheres, linguagem e poder:** estudos de gênero na sociolinguística brasileira. São Paulo: Blucher, 2015.

GONÇALVES, Andreza Barroso. **A alternância entre as formas pronominais de primeira pessoa do plural, na comunidade de fala de Belo Horizonte:** uma abordagem variacionista. 2003. 152 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003.

GUY, Gregory Riordan; ZILLES, Ana. **Sociolinguística quantitativa:** instrumental de análise. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

KROCH, Anthony. Morphosyntactic variation. In: **Annual meeting of the Chicago linguistic society**, 1994, Chicago. Proceedings... Chicago: CLS, 1994. v.2. p.180-201.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos.** Trad.: BAGNO, M.; SCHERRE, M.; CARDOSO, C. São Paulo: Parábola Editorial, [1972] 2008.

_____. **Principles of linguistic change** – Social factors. Oxford: Blackwell, 2001.

LAROUSSE. **Larousse:** dictionnaire de français [online]. Editora Larousse. Disponível em: <https://larousse.fr/>. Acesso em: 3 nov. 2020.

LIMA, Rocha. **Gramática normativa da língua portuguesa.** 49 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

LOPES, Célia Regina dos Santos. **A inserção de *a gente* no quadro pronominal do português:** percurso histórico. 1999. 181 f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras da UFRJ. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1999.

_____. ***Nós* e *a gente* no português falado culto do Brasil.** 1993. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras da UFRJ. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1993.

LUCCHESI, Dante. A representação da primeira pessoa do plural. In: LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan; RIBEIRO, Ilza. (orgs.). **O português afro-brasileiro.** Salvador: EDUFBA, 2009, p. 457-469.

MAIA, Francisca Paula Soares. A variação nós/ a gente no dialeto mineiro: investigação a transição. In: **Revista da ABRALIN**, v. 8, n. 2, p. 45-70, jul./dez. 2009.

MENDONÇA, Alexandre Kronemberger de. ***Nós* e *a gente* em Vitória**: análise sociolinguística da fala capixaba. 2010. 100 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Centro de Ciências Humanas e Naturais da UFES. Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2010.

MENON, Odete Pereira da Silva; LAMBACH Jane Bernadete; LANDARIN, Noely R.X. Nazareno. Alternância nós/ a gente nos quadrinhos: análise em tempo real. In: RONCARATI, Cláudia N. (org.). **Português brasileiro:** contato linguístico, heterogeneidade e história. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003.

MENON, Odete Pereira da Silva. A gente: um processo de gramaticalização. In: **XXV Anais de Seminários do GEL:** estudos linguísticos. Taubaté: UNITAU, 1996. p. 622-628.

_____. **O sistema pronominal do português do Brasil**. Curitiba: Ed. da UFPR, 1995. n. 44, p. 91-106.

_____. **Analyse sociolinguistique de l´ indetermination du sujet dans le portugais parlé au Brésil, à partir de données du NURC- São Paulo.** 1994. 397 f. Tese (Doutorado em

Letras). Département de Recherches Linguistiques, Université de Paris VII. Université de Paris VII, Paris, 1994.

MICHAELIS. **Dicionário Michaelis On-line.** Editora Melhoramentos [online]. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/>. Acesso em: 20 maio 2020.

MORENO FERNANDEZ, Francisco. **Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje.** Barcelona: Ariel, 1998.

NASCIMENTO, Carina Sampaio. ***Nós* e *a gente* em Salvador:** confronto entre duas décadas. 2013. 128 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

OLIVEIRA, Ana Paula Moraes dos Passos de. **A variação entre os pronomes de primeira pessoa do plural *nós* e *a gente* numa amostra da literatura infanto-juvenil gaúcha**. 2017. 119 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2017.

OMENA, N. P. A referência à primeira pessoa do plural**:** Variação ou mudança? In: PAIVA, M. C; DUARTE, M. E. L. (orgs.). **Mudança Linguística em Tempo Real.** Rio de Janeiro: FAPERJ, 2003. p. 63-80.

_____. A referência à primeira pessoa do discurso no plural. In: SILVA, Giselle Machline de Oliveira; SCHERRE, Maria Marta Pereira (orgs.). **Padrões sociolinguísticos**: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: Departamento de Linguística e Filologia, UFRJ, 1996, p. 185-215.

SANKOFF, David; TAGLIAMONTE, Sali; SMITH, Eric. **Goldvarb X:** a variable rule application for Macintosh and Windows. Department of Linguistics, University of Toronto, 2005.

SANTANA, Abdon Mendes Borges. ***Nós* e *a gente*:** um retrato do português popular de Salvador. 2014. 114 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2014.

SCHERRE, Maria Marta Pereira; YACOVENCO, Lilian Coutinho. A variação linguística e o papel dos fatores sociais: o gênero do falante em foco. In: **Revista da ABRALIN,** v. 10, n. 3, 31 dez. 2011.

SEARA, Izabel Christine. **A variação do sujeito *nós* e *a gente* na fala florianopolitana**. Revista Organon. Instituto de Letras UFRGS. Porto Alegre, v. 14, n. 28-29, 2000.

SILVA, Morgana Paiva da. **A inserção de *a gente* na linguagem jornalística de Zero Hora**. 2013. 139 f. (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2013.

TAMANINE, Andréa Maristela Bauer. **Curitiba da gente:** Um estudo sobre a variação pronominal *nós/a gente* e a gramaticalização de *a gente* na cidade de Curitiba - PR. 2010. 222 f. Tese (Doutorado em Letras). Universidade de Federal do Paraná, Curitiba, 2010.

_____. **A alternância *nós/a gente* no interior de Santa Catarina**. 2002. 132 f. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade de Federal do Paraná, Curitiba, 2002.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística.** São Paulo: Ática, 1986.

TAVARES, Nilceu Romi Kerecz. **Variação pronominal (*Nós/A Gente*) nos telejornais nacionais da Rede Globo**. 2014. 127 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014.

VIEIRA, Adilma Sampaio de Oliveira. ***Nós* e *a gente*:** um estudo sobre a sintaxe do Português Brasileiro. 2014. 75 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2014.

VILLARINHO, Clara Nóvoa Gonçalves. Sujeito Nulo no português Brasileiro: elementos para sua análise a partir de situações experimentais. In.: SHEPHERD, Tania Granja; VASCONCELOS, Zinda de (orgs.). **Linguagem:** teoria, análise e aplicações. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2006.

VITÓRIO, Elyne Giselle de Santana Lima Aguiar. **A realização dos pronomes *nós* e *a gente* na função de sujeito e nas funções de complemento e adjunto na cidade de Maceió/AL**. Revista Digital do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS, Porto Alegre, v. 10, n. 1, p. 122-138, jan/jun. 2017.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola, [1975] 2006.

ZILLES, Ana Maria Stahl. **Grammaticalization of 'a gente' in Brazilian Portuguese**. University of Pennsylvania. Working Papers in Linguistics [online], Philadelphia, v. 8, n.3, p. 297-310, 2002.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Codificação das variáveis

Variável dependente

N – nós

G – a gente

Variáveis independentes

1. Sexo/Gênero

f – mulher

m – homem

2. Faixa etária

1 – 15 a 30 anos

2 – 31 a 46 anos

3 – 47 anos ou mais

3. Grau de escolaridade

M – Ensino Médio completo

S – Ensino Superior completo

4. Preenchimento do sujeito

p – sujeito preenchido

n – sujeito nulo

5. Marca morfêmica

0 – morfema zero

1 – morfema -mos

6. Determinação do referente

d – referente determinado

i – referente indeterminado

APÊNDICE B – Ficha informativa

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS: ESTUDOS DA LINGUAGEM

FICHA INFORMATIVA

I. NARRATIVA:

1. Tema:

2. Número:

3. Duração:

II. DOCUMENTADOR:

1. Nome:

2. Data:

3. Local do inquérito:

III. INFORMANTE:

1. Nome:

2. Sexo: □ Feminino □ Masculino

3. Faixa etária: □ Faixa 1 – 15 a 30 anos □ Faixa 2 – 31 a 46 anos □ Faixa 3 – 47 a 62 anos

4. Idade:

5. Telefone:

6. E-mail:

7. Naturalidade:

8. Endereço:

9. Viagens:

10. Formação Escolar: □ Ensino médio completo □ Ensino médio incompleto
□ Ensino fundamental completo □ Ensino fundamental incompleto

11. Formação profissional e acadêmica:

12. Conhecimentos de línguas estrangeiras: □ Sim □ Não

13. Línguas:

14. Grau de domínio da língua estrangeira: □ Básico □ Intermediário □ Fluente

15. Ocupação:

16. Estado civil: □ Solteiro/a □ Casado/a □ Separado/a □ Divorciado/a □ Viúvo/a

17. Naturalidade do pai:

18. Naturalidade da mãe:

19. Naturalidade do cônjuge:

20. Ocupação do pai:

21. Ocupação da mãe:

22. Ocupação do cônjuge:

23. Filhos: □ Sim □ Não

24. Número de filhos:

25. Tipo de moradia: □ Própria □ Alugada

26. Número de cômodos:

27. Número de banheiros:

28. Valorização da moradia: □ Sim □ Não

29. Fator de valorização ou desvalorização:

30. Rua pavimentada: □ Sim □ Não

31. Veículos: □ Sim □ Não

32. Tipos de veículos:

33. Eletrodomésticos: □ Sim □ Não

34. Tipos de eletrodomésticos:

35. Eletrônicos: □ Sim □ Não

36. Tipos de eletrônicos:

37. Acesso à internet: □ Sim □ Não

38. Plano de saúde: □ Sim □ Não

APÊNDICE C – Roteiro das entrevistas

TEMA 1: INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA

- Como era seu relacionamento com seus pais e irmãos na infância e adolescência?
- O que vocês faziam juntos?
- Existe alguma memória marcante e inesquecível que gostaria de compartilhar?

TEMA 2: FAMÍLIA

- Como é seu relacionamento com seus pais e familiares atualmente?
- O que vocês fazem juntos?
- Existe alguma memória marcante e inesquecível que gostaria de compartilhar?

TEMA 3: ESCOLA E/OU FACULDADE

- Como era seu relacionamento com os colegas na escola? Como era/é seu relacionamento com os colegas na faculdade?
- O que vocês faziam/fazem juntos?
- Existe alguma memória marcante e inesquecível que gostaria de compartilhar?

TEMA 4: VIZINHOS

- Como era e é seu relacionamento com os vizinhos?
- O que vocês faziam/fazem juntos?
- Existe alguma memória marcante e inesquecível que gostaria de compartilhar?

TEMA 5: VIAGENS

- Quantas viagens você já fez junto de familiares e amigos?
- O que vocês faziam juntos?
- Existe alguma memória marcante e inesquecível que gostaria de compartilhar?

APÊNDICE D – Termo de consentimento livre e esclarecido

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS: ESTUDOS DA LINGUAGEM

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado/a a participar do questionário da dissertação denominada "A VARIAÇÃO PRONOMINAL *NÓS* E *A GENTE* NO FALAR DE IPATINGA (MG)" a ser realizada pelo aluno do mestrado em Letras, _____ (POSLETRAS/UFOP), orientado pelo Prof. Dr. _____ (POSLETRAS/UFOP). O objetivo desta pesquisa é fazer um estudo sobre o falar mineiro usado por moradores do município de Ipatinga (MG). Sua participação se dará na forma de uma entrevista semidirigida, de duração aproximada de 20 minutos, em local e horário combinados. É importante deixar claro que os resultados desta pesquisa irão resultar em artigos e serão publicados, mas em nenhum momento deste estudo, as pessoas que estarão trabalhando com seus dados saberão que você participou, ou seja, será garantido o sigilo de seus dados e seu anonimato, pois você será identificado/a pelo seu número de matrícula, SIAPE ou CPF. As informações analisadas não serão associadas ao nome dos participantes em nenhum documento, relatório e/ou artigo que seja resultante desta pesquisa. Esses procedimentos vão garantir que os dados serão confidenciais. Se você não quiser ou não puder mais participar da pesquisa, poderá pedir aos pesquisadores, a qualquer momento, que eliminem (ou deletem) seu questionário. Informamos também que você não receberá dinheiro ou outra recompensa para participar dessa pesquisa, mas também não terá nenhuma despesa. Todo o material impresso resultante deste estudo ficará sob a guarda do Prof. Dr. _____ (POSLETRAS/UFOP), em seu gabinete de trabalho, de número 41, no ICHS – Universidade Federal de Ouro Preto, que será guardado e trancado em armário de aço apropriado para esse fim, tornando-se inacessíveis para pessoas que não estejam vinculadas a esta pesquisa. Esse material ficará armazenado pelo prazo de cinco anos, quando será destruído. Esses procedimentos garantem a confidencialidade dos dados coletados nesse material durante a condução desse trabalho. A colaboração para o desenvolvimento dessa pesquisa é totalmente voluntária e você pode escolher não responder a qualquer uma ou todas as perguntas apresentadas no questionário, podendo a qualquer momento desistir de participar desse estudo ou retirar seu consentimento. Você poderá obter qualquer informação que qui ser, emqualquer momento, no decorrer da pesquisa. E caso tenha alguma dúvida sobre essa pesquisa, você

poderá entrar em contato com a pesquisadora através do email e telefone (informados na próxima página desse termo de consentimento) e, em caso de dúvidas sobre a questão ética da pesquisa, você poderá entrar em contato com Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) por email ou telefone (também informados na próxima página). Sua participação é de suma importância dado que avanços na área educacional derivam de estudos como este.

Riscos

Tendo em vista o baixo potencial de danos à dimensão física, psíquica, moral, intelectual, social, cultural ou espiritual do ser humano, classifica-se a pesquisa em questão como de baixo risco. O risco de dano ou prejuízo abrange eventuais constrangimentos em responder alguma questão de cunho pessoal e sua minimização se dará pela opção de não responder. Por essa razão, somente os pesquisadores envolvidos terão acesso à identidade dos participantes, para assegurar a confidencialidade e a privacidade, a proteção da imagem e a não estigmatização dos envolvidos, garantindo a não utilização das informações em prejuízo das pessoas, inclusive em termos de autoestima, de prestígio e/ou de aspectos econômico -financeiros. Espera-se, assim, que tais danos previsíveis sejam evitados.

Benefícios

Como benefícios imediatos, a pesquisa será parte dos requisitos para obtenção do título de mestre em Letras do aluno pesquisador. Além disso, a pesquisa contribuirá com os estudos do falar mineiro na região do Vale do Aço (MG), especificamente no município de Ipatinga (MG).

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE, APÓS ESCLARECIMENTO

Eu,_____, li e/ou ouvi o esclarecimento acima e compreendi a finalidade da pesquisa e a qual procedimento serei submetido/a. A explicação que recebi esclarece os riscos e benefícios do estudo. Eu entendi que sou livre para interromper minha participação a qualquer momento nesta participação, sem justificar minha decisão. Sei que meu nome não será divulgado e que não serei remunerado/a em espécie por participar do estudo. Assim, concordo em participar dessa pesquisa. Esta pesquisa está sob a coordenação da Professor Doutor _____ (POSLETRAS/UFOP). Autorizo a divulgação dosresultados em publicações de divulgação científica: periódicos, livros, anais

de congressos, em meio eletrônico ou impresso, sendo mantido o sigilo sobre minhas informações. Estou ciente de que não terei qualquer participação financeira no caso de inserção em livros. Reservo -meodireito de retirar este consentimento em caso de me sentir prejudicado/a.

Nesses termos, ( ) autorizo o uso das letras iniciais de meu nome na citação do texto da dissertação.

Mariana, / / 2020.

_____

Assinatura do/a voluntário/a ou seu responsável legal e documento de identidade

_____

_____

(POSLETRAS/UFOP)

E-mail e telefone de contato do pesquisador:

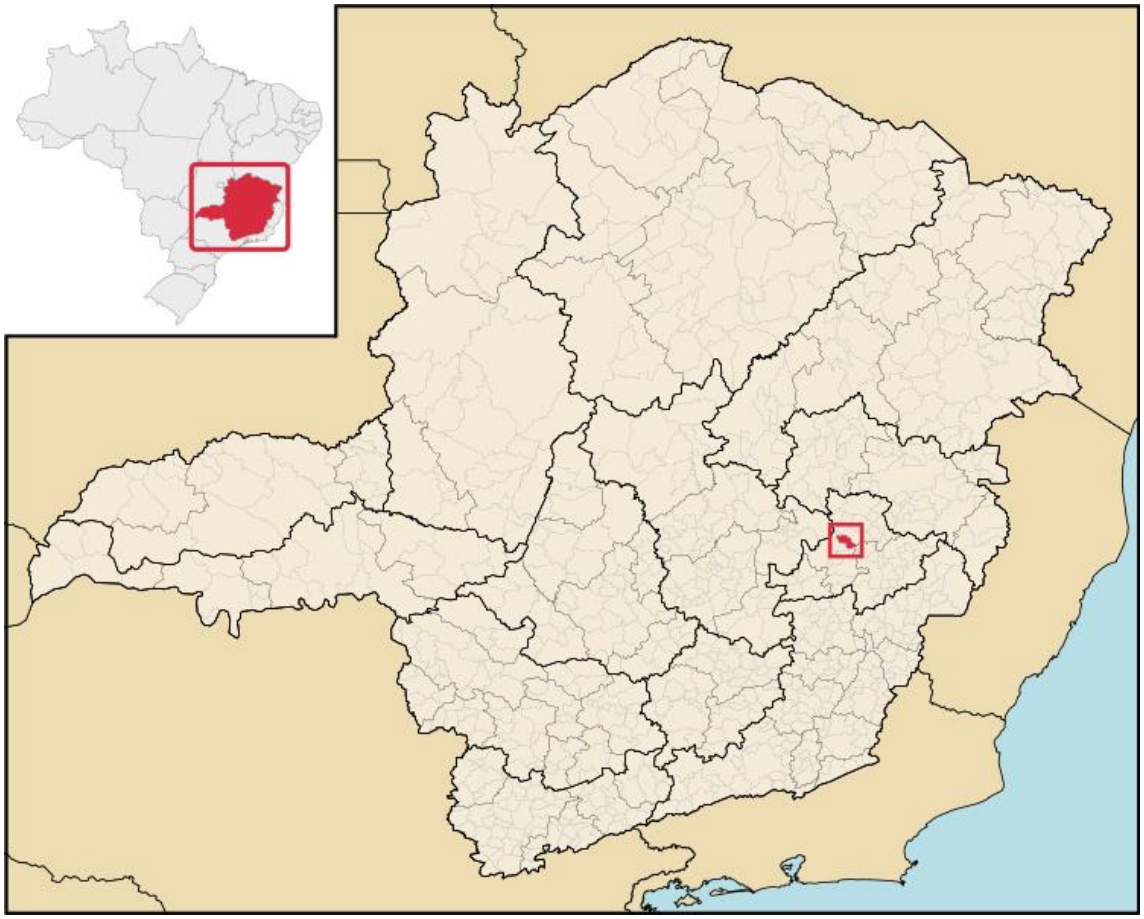
E-mail e telefone de contato do professor orientador:

CEP/UFOP – COMITÊ DE ÉTICA E PESQUISA. Tel.: (31) 35591367. E-mail: cep.propp@ufop.edu.br - Campus Universitário Morro do Cruzeiro, Centro de Convergência, Pró-Reitora de Pesquisa e Pós-Graduação. Ouro Preto/MG – Brasil – CEP: 35 400-000

ANEXOS

ANEXO A – Figuras

Figura 5 – Mapa de Ipatinga – MG



Fonte: Disponível em: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:MinasGerais_Municip_Ipatinga.svg#mw-jump-to-license>. Acesso em: 19 ago. 2021.

Figura 6 – Parque Ipanema

Fonte: Disponível em: <https://www.jornalbairrosnet.com.br/tag/parque-ipanema/page/2/>. Acesso em: 19 ago. 2021.

ANEXO B – Resultados estatísticos

• CELL CREATION • 29/07/2021 18:55:02 ••

Name of token file: Untitled.tkn

Name of condition file: Untitled.cnd

(

(1)

(2)

(3)

(4)

(5)

(6)

(7)

)

Number of cells: 48

Application value(s): GN

Total no. of factors: 13

Group		G	N	Total	%
1 (2)		G	N		
m	N	189	105	294	43.8
	%	64.3	35.7		
f	N	286	92	378	56.2
	%	75.7	24.3		
Total	N	475	197	672	
	%	70.7	29.3		

2 (3)		G	N	
1	N	177	12	189 28.1
	%	93.7	6.3	
3	N	198	143	341 50.7
	%	58.1	41.9	
2	N	100	42	142 21.1
	%	70.4	29.6	
Total	N	475	197	672
	%	70.7	29.3	

---

3 (4)		G	N	
S	N	341	115	456 67.9
	%	74.8	25.2	
M	N	134	82	216 32.1
	%	62.0	38.0	
Total	N	475	197	672
	%	70.7	29.3	

---

4 (5)		G	N	
p	N	419	83	502 74.7
	%	83.5	16.5	
n	N	56	114	170 25.3
	%	32.9	67.1	

Total N	475	197	672	
%	70.7	29.3		

---

5 (6)		G	N	
0	N	475	4	479 71.3
	%	99.2	0.8	
1	N	0	193	193 28.7
	%	0.0	100.0	* KnockOut *
Total N		475	197	672
	%	70.7	29.3	

---

6 (7)		G	N	
d	N	423	185	608 90.5
	%	69.6	30.4	
i	N	52	12	64 9.5
	%	81.2	18.8	
Total N		475	197	672
	%	70.7	29.3	

TOTAL N		475	197	672
	%	70.7	29.3	

Name of new cell file: .cel

• CELL CREATION • 29/07/2021 19:18:56 ••

Name of token file: Untitled.tkn

Name of condition file: Untitled.cnd

(

(1)

(2)

(3)

(4)

(5)

(7)

)

Number of cells: 32

Application value(s): NG

Total no. of factors: 11

Group		N	G	Total	%
1 (2)		N	G		
m	N	105	189	294	43.8
	%	35.7	64.3		
f	N	92	286	378	56.2
	%	24.3	75.7		
Total	N	197	475	672	
	%	29.3	70.7		

2 (3)		N	G	
1	N	12	177	189 28.1
	%	6.3	93.7	
3	N	143	198	341 50.7
	%	41.9	58.1	
2	N	42	100	142 21.1
	%	29.6	70.4	
Total	N	197	475	672
	%	29.3	70.7	

---

3 (4)		N	G	
S	N	115	341	456 67.9
	%	25.2	74.8	
M	N	82	134	216 32.1
	%	38.0	62.0	
Total	N	197	475	672
	%	29.3	70.7	

---

4 (5)		N	G	
p	N	83	419	502 74.7
	%	16.5	83.5	
n	N	114	56	170 25.3
	%	67.1	32.9	

Total N	197	475	672
%	29.3	70.7	

---

5 (7)	N	G		
d N	185	423	608	90.5
%	30.4	69.6		
i N	12	52	64	9.5
%	18.8	81.2		
Total N	197	475	672	
%	29.3	70.7		

TOTAL N	197	475	672
%	29.3	70.7	

Name of new cell file: .cel

• BINOMIAL VARBRUL • 29/07/2021 19:19:02 ••••••••••••••••••••••••••••••••••••

Name of cell file: .cel

Averaging by weighting factors.

Threshold, step-up/down: 0.050001

Stepping up...

---------- Level # 0 ----------

Run # 1, 1 cells:

Convergence at Iteration 2

Input 0.293

Log likelihood = -406.528

---------- Level # 1 ----------

Run # 2, 2 cells:

Convergence at Iteration 4

Input 0.290

Group # 1 -- m: 0.576, f: 0.441

Log likelihood = -401.388 Significance = 0.002

Run # 3, 3 cells:

Convergence at Iteration 5

Input 0.249

Group # 2 -- 1: 0.170, 3: 0.685, 2: 0.559

Log likelihood = -362.829 Significance = 0.000

Run # 4, 2 cells:

Convergence at Iteration 4

Input 0.290

Group # 3 -- S: 0.452, M: 0.599

Log likelihood = -400.916 Significance = 0.001

Run # 5, 2 cells:

Convergence at Iteration 5

Input 0.263

Group # 4 -- p: 0.357, n: 0.851

Log likelihood = -332.845 Significance = 0.000

Run # 6, 2 cells:

Convergence at Iteration 5

Input 0.292

Group # 5 -- d: 0.515, i: 0.360

Log likelihood = -404.467 Significance = 0.045

Add Group # 4 with factors pn

---------- Level # 2 ----------

Run # 7, 4 cells:

Convergence at Iteration 5

Input 0.260

Group # 1 -- m: 0.584, f: 0.434

Group # 4 -- p: 0.356, n: 0.852

Log likelihood = -328.015 Significance = 0.004

Run # 8, 6 cells:

Convergence at Iteration 7

Input 0.216

Group # 2 -- 1: 0.140, 3: 0.698, 2: 0.600

Group # 4 -- p: 0.344, n: 0.870

Log likelihood = -290.365 Significance = 0.000

Run # 9, 4 cells:

Convergence at Iteration 6

Input 0.257

Group # 3 -- S: 0.434, M: 0.636

Group # 4 -- p: 0.352, n: 0.859

Log likelihood = -324.794 Significance = 0.000

Run # 10, 4 cells:

Convergence at Iteration 5

Input 0.262

Group # 4 -- p: 0.358, n: 0.850

Group # 5 -- d: 0.512, i: 0.386

Log likelihood = -331.817 Significance = 0.161

Add Group # 2 with factors 132

---------- Level # 3 ----------

Run # 11, 12 cells:

Convergence at Iteration 9

Input 0.210

Group # 1 -- m: 0.684, f: 0.354

Group # 2 -- 1: 0.117, 3: 0.752, 2: 0.507

Group # 4 -- p: 0.344, n: 0.870

Log likelihood = -273.911 Significance = 0.000

Run # 12, 12 cells:

Convergence at Iteration 7

Input 0.212

Group # 2 -- 1: 0.140, 3: 0.703, 2: 0.587

Group # 3 -- S: 0.431, M: 0.643

Group # 4 -- p: 0.339, n: 0.878

Log likelihood = -282.703 Significance = 0.000

Run # 13, 12 cells:

Convergence at Iteration 7

Input 0.214

Group # 2 -- 1: 0.132, 3: 0.710, 2: 0.586

Group # 4 -- p: 0.346, n: 0.868

Group # 5 -- d: 0.525, i: 0.277

Log likelihood = -286.059 Significance = 0.006

Add Group # 1 with factors mf

---------- Level # 4 ----------

Run # 14, 23 cells:

Convergence at Iteration 9

Input 0.212

Group # 1 -- m: 0.659, f: 0.375

Group # 2 -- 1: 0.123, 3: 0.744, 2: 0.514

Group # 3 -- S: 0.463, M: 0.578

Group # 4 -- p: 0.342, n: 0.874

Log likelihood = -272.222 Significance = 0.070

Run # 15, 20 cells:

Convergence at Iteration 9

Input 0.207

Group # 1 -- m: 0.684, f: 0.355

Group # 2 -- 1: 0.111, 3: 0.762, 2: 0.495

Group # 4 -- p: 0.346, n: 0.867

Group # 5 -- d: 0.528, i: 0.258

Log likelihood = -269.576 Significance = 0.006

Add Group # 5 with factors di

---------- Level # 5 ----------

Run # 16, 32 cells:

Convergence at Iteration 9

Input 0.208

Group # 1 -- m: 0.661, f: 0.373

Group # 2 -- 1: 0.117, 3: 0.754, 2: 0.501

Group # 3 -- S: 0.466, M: 0.571

Group # 4 -- p: 0.344, n: 0.871

Group # 5 -- d: 0.527, i: 0.260

Log likelihood = -268.213 Significance = 0.099

No remaining groups significant

Groups selected while stepping up: 4 2 1 5

Best stepping up run: #15

Stepping down...

---------- Level # 5 ----------

Run # 17, 32 cells:

Convergence at Iteration 9

Input 0.208

Group # 1 -- m: 0.661, f: 0.373

Group # 2 -- 1: 0.117, 3: 0.754, 2: 0.501

Group # 3 -- S: 0.466, M: 0.571

Group # 4 -- p: 0.344, n: 0.871

Group # 5 -- d: 0.527, i: 0.260

Log likelihood = -268.213

---------- Level # 4 ----------

Run # 18, 21 cells:

Convergence at Iteration 7

Input 0.209

Group # 2 -- 1: 0.133, 3: 0.714, 2: 0.574

Group # 3 -- S: 0.434, M: 0.637

Group # 4 -- p: 0.341, n: 0.875

Group # 5 -- d: 0.525, i: 0.277

Log likelihood = -279.032 Significance = 0.000

Run # 19, 14 cells:

Convergence at Iteration 6

Input 0.253

Group # 1 -- m: 0.563, f: 0.451

Group # 3 -- S: 0.444, M: 0.617

Group # 4 -- p: 0.352, n: 0.858

Group # 5 -- d: 0.511, i: 0.395

Log likelihood = -321.545 Significance = 0.000

Run # 20, 20 cells:

Convergence at Iteration 9

Input 0.207

Group # 1 -- m: 0.684, f: 0.355

Group # 2 -- 1: 0.111, 3: 0.762, 2: 0.495

Group # 4 -- p: 0.346, n: 0.867

Group # 5 -- d: 0.528, i: 0.258

Log likelihood = -269.576 Significance = 0.099

Run # 21, 18 cells:

Convergence at Iteration 10

Input 0.232

Group # 1 -- m: 0.680, f: 0.357

Group # 2 -- 1: 0.123, 3: 0.760, 2: 0.461

Group # 3 -- S: 0.487, M: 0.526

Group # 5 -- d: 0.529, i: 0.252

Log likelihood = -333.390 Significance = 0.000

Run # 22, 23 cells:

Convergence at Iteration 9

Input 0.212

Group # 1 -- m: 0.659, f: 0.375

Group # 2 -- 1: 0.123, 3: 0.744, 2: 0.514

Group # 3 -- S: 0.463, M: 0.578

Group # 4 -- p: 0.342, n: 0.874

Log likelihood = -272.222 Significance = 0.007

Cut Group # 3 with factors SM

---------- Level # 3 ----------

Run # 23, 12 cells:

Convergence at Iteration 7

Input 0.214

Group # 2 -- 1: 0.132, 3: 0.710, 2: 0.586

Group # 4 -- p: 0.346, n: 0.868

Group # 5 -- d: 0.525, i: 0.277

Log likelihood = -286.059 Significance = 0.000

Run # 24, 8 cells:

Convergence at Iteration 5

Input 0.258

Group # 1 -- m: 0.582, f: 0.436

Group # 4 -- p: 0.356, n: 0.852

Group # 5 -- d: 0.511, i: 0.396

Log likelihood = -327.237 Significance = 0.000

Run # 25, 11 cells:

Convergence at Iteration 9

Input 0.231

Group # 1 -- m: 0.688, f: 0.351

Group # 2 -- 1: 0.120, 3: 0.763, 2: 0.460

Group # 5 -- d: 0.529, i: 0.251

Log likelihood = -333.625 Significance = 0.000

Run # 26, 12 cells:

Convergence at Iteration 9

Input 0.210

Group # 1 -- m: 0.684, f: 0.354

Group # 2 -- 1: 0.117, 3: 0.752, 2: 0.507

Group # 4 -- p: 0.344, n: 0.870

Log likelihood = -273.911 Significance = 0.006

All remaining groups significant

Groups eliminated while stepping down: 3

Best stepping up run: #15

Best stepping down run: #20

• CELL CREATION • 28/08/2021 14:47:18 ••

Name of token file: dados.tkn

Name of condition file: Untitled.cnd

(

(1)

(2)

(3)

(4)

(5)

(7)

)

Number of cells: 32

Application value(s): GN

Total no. of factors: 11

Group	G	N	Total	%
1 (2)	G	N		
m	N	189	105	294 43.8
	%	64.3	35.7	
f	N	286	92	378 56.2
	%	75.7	24.3	
Total	N	475	197	672
	%	70.7	29.3	
2 (3)	G	N		
1	N	177	12	189 28.1
	%	93.7	6.3	

3	N	198	143	341	50.7
	%	58.1	41.9		
2	N	100	42	142	21.1
	%	70.4	29.6		
Total	N	475	197	672	
	%	70.7	29.3		

---

3 (4)		G	N		
S	N	341	115	456	67.9
	%	74.8	25.2		
M	N	134	82	216	32.1
	%	62.0	38.0		
Total	N	475	197	672	
	%	70.7	29.3		

---

4 (5)		G	N		
p	N	419	83	502	74.7
	%	83.5	16.5		
n	N	56	114	170	25.3
	%	32.9	67.1		
Total	N	475	197	672	
	%	70.7	29.3		

---

5 (7)		G	N	
d	N	423	185	608 90.5
	%	69.6	30.4	
i	N	52	12	64 9.5
	%	81.2	18.8	
Total	N	475	197	672
	%	70.7	29.3	
TOTAL	N	475	197	672
	%	70.7	29.3	

Name of new cell file: .cel

• BINOMIAL VARBRUL • 28/08/2021 14:47:25 ••••••••••••••••••••••••••••••••••••

Name of cell file: .cel

Averaging by weighting factors.

Threshold, step-up/down: 0.050001

Stepping up...

---------- Level # 0 ----------

Run # 1, 1 cells:

Convergence at Iteration 2

Input 0.707

Log likelihood = -406.528

---------- Level # 1 ----------

Run # 2, 2 cells:

Convergence at Iteration 4

Input 0.710

Group # 1 -- m: 0.424, f: 0.559

Log likelihood = -401.388 Significance = 0.002

Run # 3, 3 cells:

Convergence at Iteration 5

Input 0.751

Group # 2 -- 1: 0.830, 3: 0.315, 2: 0.441

Log likelihood = -362.829 Significance = 0.000

Run # 4, 2 cells:

Convergence at Iteration 4

Input 0.710

Group # 3 -- S: 0.548, M: 0.401

Log likelihood = -400.916 Significance = 0.001

Run # 5, 2 cells:

Convergence at Iteration 5

Input 0.737

Group # 4 -- p: 0.643, n: 0.149

Log likelihood = -332.845 Significance = 0.000

Run # 6, 2 cells:

Convergence at Iteration 5

Input 0.708

Group # 5 -- d: 0.485, i: 0.640

Log likelihood = -404.467 Significance = 0.045

Add Group # 4 with factors pn

---------- Level # 2 ----------

Run # 7, 4 cells:

Convergence at Iteration 5

Input 0.740

Group # 1 -- m: 0.416, f: 0.566

Group # 4 -- p: 0.644, n: 0.148

Log likelihood = -328.015 Significance = 0.004

Run # 8, 6 cells:

Convergence at Iteration 7

Input 0.784

Group # 2 -- 1: 0.860, 3: 0.302, 2: 0.400

Group # 4 -- p: 0.656, n: 0.130

Log likelihood = -290.365 Significance = 0.000

Run # 9, 4 cells:

Convergence at Iteration 6

Input 0.743

Group # 3 -- S: 0.566, M: 0.364

Group # 4 -- p: 0.648, n: 0.141

Log likelihood = -324.794 Significance = 0.000

Run # 10, 4 cells:

Convergence at Iteration 5

Input 0.738

Group # 4 -- p: 0.642, n: 0.150

Group # 5 -- d: 0.488, i: 0.614

Log likelihood = -331.817 Significance = 0.161

Add Group # 2 with factors 132

---------- Level # 3 ----------

Run # 11, 12 cells:

Convergence at Iteration 9

Input 0.790

Group # 1 -- m: 0.316, f: 0.646

Group # 2 -- 1: 0.883, 3: 0.248, 2: 0.493

Group # 4 -- p: 0.656, n: 0.130

Log likelihood = -273.911 Significance = 0.000

Run # 12, 12 cells:

Convergence at Iteration 7

Input 0.788

Group # 2 -- 1: 0.860, 3: 0.297, 2: 0.413

Group # 3 -- S: 0.569, M: 0.357

Group # 4 -- p: 0.661, n: 0.122

Log likelihood = -282.703 Significance = 0.000

Run # 13, 12 cells:

Convergence at Iteration 7

Input 0.786

Group # 2 -- 1: 0.868, 3: 0.290, 2: 0.414

Group # 4 -- p: 0.654, n: 0.132

Group # 5 -- d: 0.475, i: 0.723

Log likelihood = -286.059 Significance = 0.006

Add Group # 1 with factors mf

---------- Level # 4 ----------

Run # 14, 23 cells:

Convergence at Iteration 9

Input 0.788

Group # 1 -- m: 0.341, f: 0.625

Group # 2 -- 1: 0.877, 3: 0.256, 2: 0.486

Group # 3 -- S: 0.537, M: 0.422

Group # 4 -- p: 0.658, n: 0.126

Log likelihood = -272.222 Significance = 0.070

Run # 15, 20 cells:

Convergence at Iteration 9

Input 0.793

Group # 1 -- m: 0.316, f: 0.645

Group # 2 -- 1: 0.889, 3: 0.238, 2: 0.505

Group # 4 -- p: 0.654, n: 0.133

Group # 5 -- d: 0.472, i: 0.742

Log likelihood = -269.576 Significance = 0.006

Add Group # 5 with factors di

---------- Level # 5 ----------

Run # 16, 32 cells:

Convergence at Iteration 9

Input 0.792

Group # 1 -- m: 0.339, f: 0.627

Group # 2 -- 1: 0.883, 3: 0.246, 2: 0.499

Group # 3 -- S: 0.534, M: 0.429

Group # 4 -- p: 0.656, n: 0.129

Group # 5 -- d: 0.473, i: 0.740

Log likelihood = -268.213 Significance = 0.099

No remaining groups significant

Groups selected while stepping up: 4 2 1 5

Best stepping up run: #15

Stepping down...

---------- Level # 5 ----------

Run # 17, 32 cells:

Convergence at Iteration 9

Input 0.792

Group # 1 -- m: 0.339, f: 0.627

Group # 2 -- 1: 0.883, 3: 0.246, 2: 0.499

Group # 3 -- S: 0.534, M: 0.429

Group # 4 -- p: 0.656, n: 0.129

Group # 5 -- d: 0.473, i: 0.740

Log likelihood = -268.213

---------- Level # 4 ----------

Run # 18, 21 cells:

Convergence at Iteration 7

Input 0.791

Group # 2 -- 1: 0.867, 3: 0.286, 2: 0.426

Group # 3 -- S: 0.566, M: 0.363

Group # 4 -- p: 0.659, n: 0.125

Group # 5 -- d: 0.475, i: 0.723

Log likelihood = -279.032 Significance = 0.000

Run # 19, 14 cells:

Convergence at Iteration 6

Input 0.747

Group # 1 -- m: 0.437, f: 0.549

Group # 3 -- S: 0.556, M: 0.383

Group # 4 -- p: 0.648, n: 0.142

Group # 5 -- d: 0.489, i: 0.605

Log likelihood = -321.545 Significance = 0.000

Run # 20, 20 cells:

Convergence at Iteration 9

Input 0.793

Group # 1 -- m: 0.316, f: 0.645

Group # 2 -- 1: 0.889, 3: 0.238, 2: 0.505

Group # 4 -- p: 0.654, n: 0.133

Group # 5 -- d: 0.472, i: 0.742

Log likelihood = -269.576 Significance = 0.099

Run # 21, 18 cells:

Convergence at Iteration 10

Input 0.768

Group # 1 -- m: 0.320, f: 0.643

Group # 2 -- 1: 0.877, 3: 0.240, 2: 0.539

Group # 3 -- S: 0.513, M: 0.474

Group # 5 -- d: 0.471, i: 0.748

Log likelihood = -333.390 Significance = 0.000

Run # 22, 23 cells:

Convergence at Iteration 9

Input 0.788

Group # 1 -- m: 0.341, f: 0.625

Group # 2 -- 1: 0.877, 3: 0.256, 2: 0.486

Group # 3 -- S: 0.537, M: 0.422

Group # 4 -- p: 0.658, n: 0.126

Log likelihood = -272.222 Significance = 0.007

Cut Group # 3 with factors SM

---------- Level # 3 ----------

Run # 23, 12 cells:

Convergence at Iteration 7

Input 0.786

Group # 2 -- 1: 0.868, 3: 0.290, 2: 0.414

Group # 4 -- p: 0.654, n: 0.132

Group # 5 -- d: 0.475, i: 0.723

Log likelihood = -286.059 Significance = 0.000

Run # 24, 8 cells:

Convergence at Iteration 5

Input 0.742

Group # 1 -- m: 0.418, f: 0.564

Group # 4 -- p: 0.644, n: 0.148

Group # 5 -- d: 0.489, i: 0.604

Log likelihood = -327.237 Significance = 0.000

Run # 25, 11 cells:

Convergence at Iteration 9

Input 0.769

Group # 1 -- m: 0.312, f: 0.649

Group # 2 -- 1: 0.880, 3: 0.237, 2: 0.540

Group # 5 -- d: 0.471, i: 0.749

Log likelihood = -333.625 Significance = 0.000

Run # 26, 12 cells:

Convergence at Iteration 9

Input 0.790

Group # 1 -- m: 0.316, f: 0.646

Group # 2 -- 1: 0.883, 3: 0.248, 2: 0.493

Group # 4 -- p: 0.656, n: 0.130

Log likelihood = -273.911 Significance = 0.006

All remaining groups significant

Groups eliminated while stepping down: 3

Best stepping up run: #15

Best stepping down run: #20

“. cel”

• 18/11/2021 09:02:25

• Token file: dados.tkn

• Conditions: Untitled.cnd

Group # 4 -- horizontally.

Group # 3 -- vertically.

		p	%	n	%	Σ	%
S	G	298	88	43	37	341	75
	N	41	12	74	63	115	25
Σ		339		117		456	
M	G	121	74	13	25	134	62
	N	42	26	40	75	82	38
Σ		163		53		216	
Σ	G	419	83	56	33	475	71
	N	83	17	114	67	197	29
Σ		502		170		672	

“. cel”

• 28/08/2021 14:47:18

• Token file: dados.tkn

• Conditions: Untitled.cnd

Group # 3 -- horizontally.

Group # 2 -- vertically.

		S	%	M	%	Σ	%
1	G	123	92	54	98	177	94
	N	11	8	1	2	12	6
Σ		134		55		189	
3	G	155	66	43	41	198	58
	N	80	34	63	59	143	42
Σ		235		106		341	
2	G	63	72	37	67	100	70
	N	24	28	18	33	42	30
Σ		87		55		142	
Σ	G	341	75	134	62	475	71
	N	115	25	82	38	197	29
Σ		456		216		672	

“. cel”

• 18/11/2021 09:33:52

• Token file: dados.tkn

• Conditions: Untitled.cnd

Group # 1 -- horizontally.

Group # 3 -- vertically.

		m	%	f	%	Σ	%
S	G	120	74	221	75	341	75
	N	43	26	72	25	115	25
Σ		163		293		456	
M	G	69	53	65	76	134	62
	N	62	47	20	24	82	38
Σ		131		85		216	
Σ	G	189	64	286	76	475	71
	N	105	36	92	24	197	29
Σ		294		378		672	

“. cel”

• 18/11/2021 09:33:52

• Token file: dados.tkn

• Conditions: Untitled.cnd

Group # 1 -- horizontally.

Group # 2 -- vertically.

		m	%	f	%	Σ	%
1	G	103	93	74	95	177	94
	N	8	7	4	5	12	6
Σ		111		78		189	
3	G	25	28	173	68	198	58
	N	63	72	80	32	143	42
Σ		88		253		341	
2	G	61	64	39	83	100	70
	N	34	36	8	17	42	30
Σ		95		47		142	
Σ	G	189	64	286	76	475	71
	N	105	36	92	24	197	29
Σ		294		378		672	